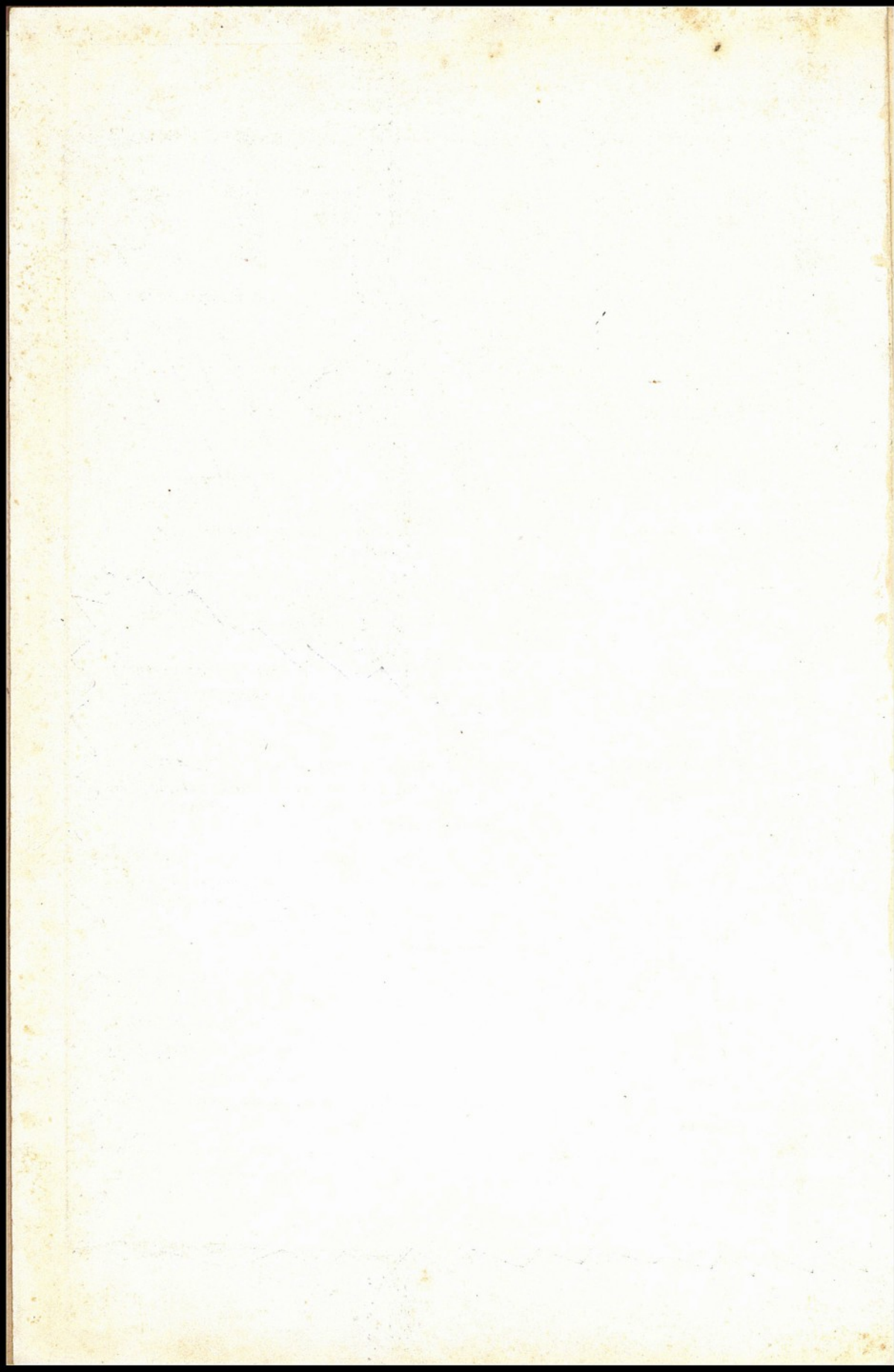




# militia









# MILITIA

(Orgão do Clube Militar da Fôrça Pública)

São Paulo — BRASIL

ANO I — Novembro/Dezembro de 1947 — N.º 1

**Diretor** : — ..... Cel José Sandoval de Figueiredo;  
**Redator Chefe** : — ..... Major Laércio Gonçalves de Oliveira;  
**Secretário** : — ..... 1.º ten. Plínio Rolim de Moura;  
**Redatores** : — ..... Cap. Brasilino Antunes Proença;  
1.º ten. Milton Marques de Oliveira;  
1.º ten. João Vieira de Matos;  
1.º ten. Sérvio Rodrigues Caldas, e  
2.º ten. Iolando Prado.  
**Gerente** : — ..... Cap. adm. Germano Ribeiro Scartezini;  
**Tesoureiro** : — ..... 1.º ten. adm. Nelson Martins da Silva.

**Redação e Administração** : — Rua Alfredo Maia, 106, (Tipografia da Fôrça Pública) — Fone 4-8171, ramal 445.

Assinatura anual ..... Cr. \$ 25,00  
Assinatura semestral ..... Cr. \$ 15,00  
Número avulso ..... Cr. \$ 5,00

“MILITIA” destina-se precipuamente a tratar de assuntos da Fôrça Pública de São Paulo e de seu Clube de Oficiais, difundindo notícias e conhecimentos técnicos policiais-militares, assuntos culturais de Ciência, Filosofia e Artes, e bem assim debates sobre problemas de interesse geral.

A colaboração é franca a todos, porém, não será possível a publicação de trabalhos políticos-partidários ou religiosos-sectários, os quais não se enquadram no programa desta Revista.

Os originais não serão devolvidos. Outrossim, a Revista não assume responsabilidade de conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.



# Editorial

SAUDAÇÃO DO COMANDO.....	<i>Cel. Eleuthério Brun Ferlich</i> .....	1
“SURSUM CORDA”.....	<i>Cap. Arrison de Souza Ferraz</i> .....	3
UM SÍMBOLO.....	<i>Núbio</i> .....	5
SOLDADO DE SÃO JORGE.....	<i>Ten. Paulo Monte Serrat Fº</i> .....	7
XV DE NOVEMBRO.....	<i>Ten. Cel. Heliodoro T. Rocha Marques</i> .....	11
O NOSSO PARTIDO.....	<i>Centurião</i> .....	13
O AUMENTO DOS INATIVOS .....	<i>A. B. M.</i> .....	15
VULTOS DO PASSADO.....	<i>Ten. Cel. Manoel Marinho Sobrinho</i> .....	19
METEOROLOGIA .....	<i>Cap. B. A. Proença</i> .....	22
VELHINHOS .....	<i>Dr. Estelita Ribas</i> .....	24
O PROBLEMA DO PETRÓLEO NO BRASIL.....	<i>(Transcrição)</i> .....	25
HOMENAGEM À BANDEIRA.....	.....	29
ESCOLA DE OFICIAIS DA FÔRÇA PÚBLICA....	<i>Olívio F. Marcondes</i> .....	31
ERA DE ESPECIALIZAÇÃO.....	<i>Centurião</i> .....	33
NECESSIDADE DA PEDAGOGIA NO C.I.M....	<i>Major Esdras E. de Oliveira</i> .....	35
PÁGINA FEMININA.....	<i>Maria Lúcia</i> .....	38
ANIVERSÁRIO DA FÔRÇA PÚBLICA.....	<i>Major Naul Azevedo</i> .....	40
VÁRIAS .....	<i>Redação</i> .....	45
ISMAEL GUILHERME - CAVALEIRO DO IDEAL	<i>Ten. Paulo Corrêa</i> .....	47
SECÇÃO DOS LEITORES.....	<i>Redação</i> .....	51
NOITE DE NATAL.....	<i>Cap. Pe. Paulo Aurisol Cavalheiro Freire</i> .....	53
SEARA ALHEIA.....	<i>Redação</i> .....	57
COLÔNIA DE FÉRIAS.....	<i>Redação</i> .....	64
O ESTOPIM .....	<i>Yol</i> .....	66
NOTICIÁRIO .....	.....	68
ANIVERSÁRIO DO R.C.....	.....	73
ANIVERSÁRIO DO 1.º B.C.....	.....	74
CUSTA-NOS CRER .....	<i>Asp. Nogueira</i> .....	76
SECÇÃO ESPORTIVA.....	.....	77
LEGISLAÇÃO — O QUE PRETENDEMOS.....	<i>Ten. José Arimatéa do Nascimento</i> .....	84
SAUDAÇÃO AOS CAMARADAS DO BRASIL.....	<i>Redação</i> .....	89
CIUMES .....	<i>Cel. J. Sandoval de Figueiredo</i> .....	91
EXAME DE ADMISSÃO A ESCOLA DE OFICIAIS DA FÔRÇA PÚBLICA .....	.....	103



## MEUS CAMARADAS

Acaba de nascer, no mundo das Revistas, uma robusta criança, filha do **IDEAL** e da **CULTURA**, que recebeu o nome bonito de **MILITIA**. Serão seus padrinhos de batismo o **TRABALHO** e a **TRADIÇÃO**. —

Com tão bela descendência e tão nobres parainfos, é certo que a recém nascida tem pela frente um brilhante porvir. —

Que, apoiada nos seus nobres padrinhos, seja **MILITIA** o reflexo do valor dos seus pais, são os meus votos sinceros. —

Eleuthério Brum Ferlich  
Cel. Cmt. Geral



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

REPORT ON THE PROGRESS OF WORK

BY

DR. J. R. OPPENHEIMER

AND

DR. H. YUKAWA

FOR THE YEAR 1946

CHICAGO, ILLINOIS

1947



# SURSUM CORDA!

Cap. Arrisson de Souza Ferraz

A Revista da Fôrça Pública, ançiosa e carinhosamente aguardada, volta a ser confortadora e palpitante realidade, depois de um hiato de quasi quatro lustros. Volta a ser confortadora e palpitante realidade, sim, porque a "Magazine Military" que agora aparece, por entre clarinadas triunfais, aureolada pela vibração e pelo entusiasmo contagiantes do nosso corpo de oficiais, será necessariamente, uma continuação da Revista Militar Paulista que editámos por volta do ano de 1930.

Por um dêsses contrastes desarrazoados, por um dêsses paradoxos inexplicaveis que o mundo sempre nos reserva, Revista Militar Paulista, elegante no feitio e no formato, substancial no conteúdo, surgida em meio eminentemente propício ao seu desenvolvimento, teve vida efêmera. Foi penoso que isso se verificasse, mas do empreendimento, em último caso, ficou-nos a lição, ficaram os rastros de uma grande empreitada, nas dobras da cronologia, nos fastos da tradição miliciana. Para a iniciativa atual, porém, esperamos e temos certeza de um destino mais luminoso. Esta confiança funda-se no perfeito conhecimento do meio e do quanto se pode esperar daqueles que vestem a farda da Milícia de José Pedro de Oliveira e Antônio Batista da Luz.

Nossa tarefa é gigantesca e multifária. Menor não são as respon-

sabilidades que pezam sôbre a centenária Fôrça Pública e sua oficialidade. A Revista que surge no meio de uma corporação, distancia-se algo daquela que aparece, normalmente, no cenário das letras, a serviço do público. Esta, no seu programa de ação, fixa as atualidades, focaliza problemas, sustenta duelos, ataca, defende, orienta, sugere e propõe. Muitas vezes, para atrair a coletividade, onde se mesclam tipos de todos os matizes sociais, étnicos e culturais, recorre ao sensacionalismo. Para atingir determinado alvo, nem sempre a linha reta lhe é o melhor caminho. Aquela não pode esquecer o panorama da hora que vive, mas tem limites a nortear-lhe os passos. É especializada por excelência e não pode deixar de ser eclética. Tem que visar o grande público, sem esquecer a coletividade da qual é a expressão cristalina e verdadeira. O sucesso da primeira é um enigma; o triunfo da segunda um problema intrincado. Todos êsses e outros vértices da questão, nós o sabemos, foram, cuidadosamente, examinados pela plêiade brilhante de oficiais — fiandeira de uma cruzada luminosa — que tomou a seu cargo cometimento de tamanha magnitude.

A nossa Revista precisa ser um índice da nossa cultura. Todas as nossas indagações e descobertas no campo da técnica policial, todas as nossas conquistas no mundo das ciên-



cias, das letras e das artes, todas as nossas arrancadas, enfim, no domínio do pensamento, devem ter intérprete condigno nas suas páginas.

A nossa Revista precisa ser dinâmica. A Fôrça Pública tem realizado com a rapidez do raio, em múltiplos sectores. Em aprimoramento profissional, cooperativismo e assistência social, sua obra foi e está sendo inegualavel. A Revista terá que ser um retrato fiél dêsses empreendimentos.

A nossa Revista deve erguer um monumento à tradição. É necessário, de quando em quando, lançar um olhar perquiridor aos roteiros percorridos, reviver epopéias, glorificar heróis, colocar a coroa da imortalidade nos mártires e bravos que tombaram em duras e rudes pelejas, em holocausto ao juramento.

A nossa Revista precisa ser um retrato fiél do que somos e do que desejamos ser. Nossas lutas em prol de uma eficiência maior para o de-

sempenho da dupla missão policial-militar, nossas âncias de crescimento em efetivo, em material, em recursos técnicos para o serviço de São Paulo e do Brasil, umas e outras devem constituir matéria indispensável das suas colunas.

Para seu sucesso, a publicação nascente terá os desvelos e a operosidade de um corpo diretor de escol. Mas, é preciso, ainda, ao lado daqueles esforços, o apôio franco, decidido e intusiasta de todos os que integram a centenária Milícia Bandeirante. Logo de início, devemos saudar a Revista como um grande empreendimento, como algo de imprescindível que nos estava faltando, como ousada iniciativa de homens de boa vontade, para os florões da nossa cultura. Recebamos o primeiro número com as vibrações da nossa alegria, o calor da nossa fé, de coração e espírito voltados para o alto, repetindo a sublime exortação evangélica: "SURSUM CORDA !"

# Orestes Brossi

LOUÇAS, FERRAGENS, OLEOS E TINTAS

MASSA PARA VIDRACEIROS E CALAFETAGEM

Rua São Caetano, 290 — Telefone, 4-1382 — SÃO PAULO



# UM SÍMBOLO

A noite ia em meio, plácida, em calma.

Uma noite como as que, outróra provocavam dos vigias encapotados, cajado à dextra, lanterna à sinistra, a declaração gritada a plenos pulmões: duas horas em Piratininga, e tudo em paz, nestas terras de El-Rei.

Entretanto, na ala direita da Estação da Luz nascia, naqueles instantes, o elemento que iria perturbar violentamente a paz da madrugada.

Fogo!

Brando, rasteiro, vacilante, inofensivo a princípio.

E cresce e toma corpo. E já rugue e já ameaça.

E já destroi e consome.

Fazendo empalidecer a iluminação pública, o clarão do incêndio antecipou os esplendores de arrebol.

Lutam os bombeiros com o inimigo de sempre; lutam também com a falta de água, desesperando-se com os progressos do fogo.

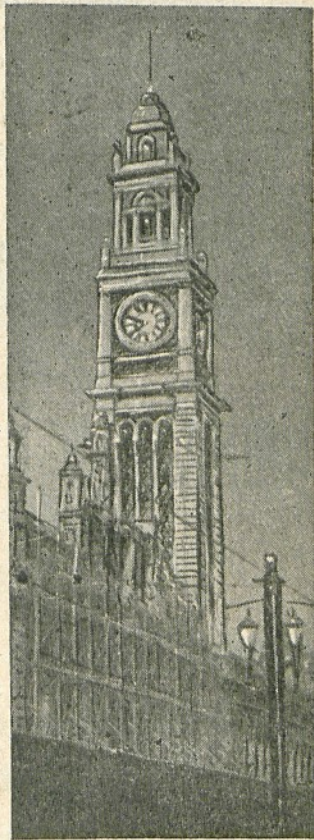
Tudo queima, crepita e desmorona.

A torre do relógio, tétrico farol de um mar de fogo, já está inteiramente dominada pelas chamas, e ameaça ruir.

O mostrador de aparelho reflete extranhamente os fulgores violentos das labaredas.

E quando, a batalha já ganha, o fogo, como se entoasse o seu epínicio, concentrou as suas últimas forças na torre, bandeira fulgurante de vitória, o relógio, inteiramente iluminado, centro convergente de to-

das as atenções, com os ponteiros arruinados, retorcidos, mas prosseguindo na sua derrota, assinalava na



sonoridade triste de uma pancada as quatro e meia.

Foi a morte do nosso Big-Ben.

Para o nosso pessimismo criminoso, para a descrença condenável das nossas cousas e da nossa gente, aquela seria u'a morte sem ressurreição.

Em mãos inglesas, aquela utilidade pública seria prontamente res-



tabelecida; nas nacionais, a reconstrução se protelaria sempre, até às calendas...

O desmentido veio, porém, célere, com a força de uma lição de civismo.

A mais convincente lição que poderíamos receber.

Na face redonda do mostrador de um aparelho paulista, genuinamente

paulista, inteiramente paulista, os lábios pontegudos dos ponteiros falam novamente as horas sempre gloriosas desta Piratininga sempre pujante.

E' bem o símbolo do que podemos e queremos.

S. Paulo, 22 de outubro de 1947.

Escreveu "NUBIO".

TECIDOS, VESTUARIOS E  
ARMARINHO POR ATACADO

COMPANHIA DE TECIDOS ANTINORI

R. Florencio de Abreu, 328  
Telefones: 2-5633 e 3-7886

São Paulo

End. Teleg. "Antinori"  
Caixa Postal, 1087

UMA, DAS MANOBRAS  
(Verídica)

O aluno X comandava uma seção de metralhadoras dentro de um quadro tático que se desenvolvia nas manobras de Caxoeirinha.

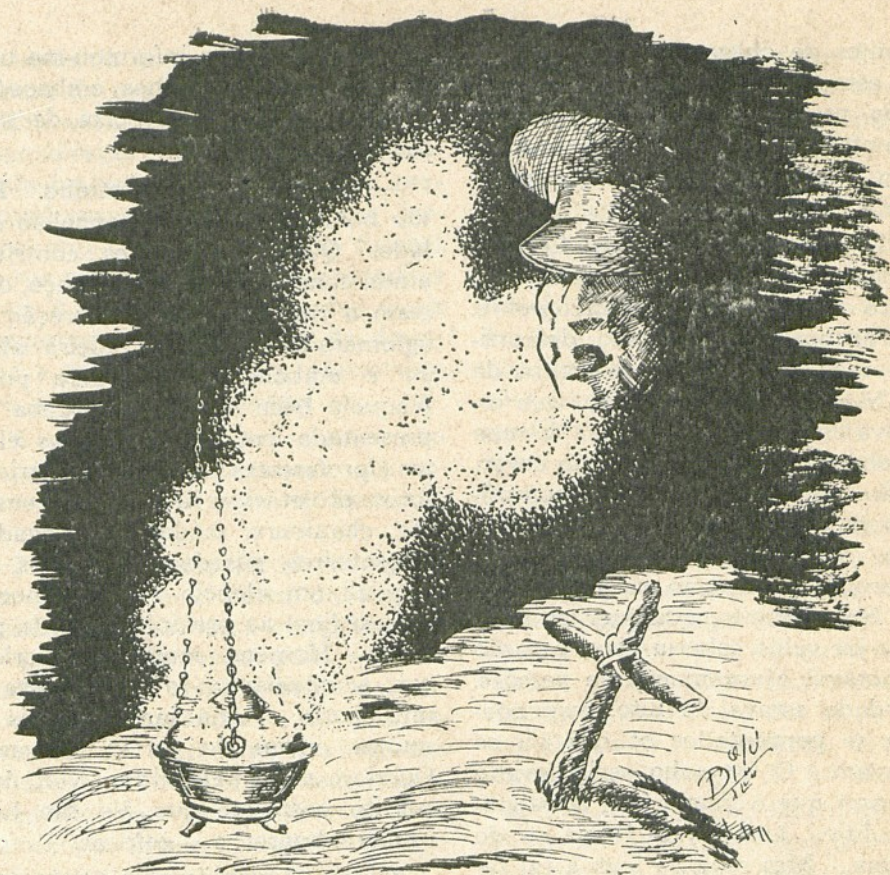
Distraído como êle só e apanhado em flagrante chupando laranja no momento do desencadeamento da barrajem, cuidadosamente preparada pelo Diretor do Ensino, foi por êste bruscamente interpelado em altos brados:

— Viva a situação!

E o aluno, mal voltando a si da surpresa, responde heroicamente:

— Vivôôô!...





## SOLDADO DE S. JORGE

2.º Ten. Paulo Monte Serrat F.º.

Conheci em Piracicaba, a 24 de março do ano passado, na figura simples e humilde de um policial, o soldado José Bento da Silva, tipo que permanecerá inesquecível para mim. Deplorei não o ter conhecido antes para tornar-me seu amigo. Ele, no trato com o povo, foi excepcional.

A notícia de sua morte chegou a Campinas, séde do Oitavo Batalhão de Caçadores, entristecendo velhos soldados e o antigo comandante de Unidade. Fui designado para representar os oficiais e praças do Ba-

talhão nas últimas homenagens a serem prestadas ao morto. Cumprindo a ordem recebida, segui com destino a Piracicaba, não sem protestar intimamente contra a importância que se estava dando ao passamento de uma praça, a ponto de enviarem a localidade relativamente distante, um oficial para representar a corporação nas cerimônias do enterro.

Meu comandante devia ter suas razões, conjecturei, e de fato as tinha de sobra.



Antes de chegar ao meu destino, nas estações de Caiuby, Taquaral e Tupy presenciei grupos e rodinhas lamentando a morte do soldado Bento, o Bentinho, como era êle geralmente conhecido.

Chegando à "Noiva da Colina", transportei-me de bonde, cortando o centro da cidade, para o bairro pobre. Impressionante espetáculo descortinou-se aos meus olhos, dos altos da rua Marechal Deodoro. Eu que esperava encontrar pouco mais de uma vintena de acompanhantes do corpo, deparei com uma multidão comprimida na única e estreita rua da Vila Ema. O forasteiro não encontraria de pronto explicação para justificála. No entanto, qualquer criança, moço ou velho saberia dizer a razão do notável ajuntamento de pessoas. A cidade estava de luto, responderiam se perguntados os que ali se achavam. O estranho seria levado a pensar que o morto fôra prestigioso político, homem de letras ou de fortuna. Mas reagiria logo a tal raciocínio, pois político, letrado eminente ou milionário, não passaria seus dias numa daquelas casinhas geminadas e proletárias de Vila Ema, salvo se se tratasse de filósofo, destes que em nossos dias são tão raros...

Vila Ema é duas filas de casas defrontando-se. Casas ligadas umas às outras, como que solidárias na pobreza, procurando na união, fôrças para a luta contra os elementos; casas simples, muito simples e humildes.

— Menino, o que é que há lá na baixada?

— O seu Bentinho morreu, respondeu-me o moleque.

A mesma cousa informou-me uma italiana velha de olhos embaçados, sentada à soleira da porta de uma casa, logo adiante.

— Morreu o seu Bentinho. Era tão bom! Deus que o tenha ao seu lado. Quatro estudantes, contritos, ainda com os livros sob o braço, desciam a rua Deodoro em direção ao aglomerado. Segui-os ladeira abaixo e embarafustei-me pelo povo. Naquele bêco estava Piracicaba representada por todas as suas classes: professores, estudantes, agricultores, proletários, rapazes do comércio, chauffeurs, médicos, advogados, engenheiros, guardas e soldados, foram ali, em silêncio, render a homenagem final ao pracinha querido por todos. Homens, mulheres e crianças acotovelavam-se em frente a uma porta e uma janela, iguais as muitas outras do correr de casas. Queriam vê-lo pela última vez, dentro do uniforme que êle tão bem soubera honrar e dignificar.

Minha admiração pelo morto cresceu quando conversei com velhos e respeitáveis moradores da cidade, a mim apresentados pelo delegado de policia. Essa autoridade lá também se encontrava acompanhado por todos os funcionários da Delegacia, que ficou de portas fechadas nesse dia. Os piracicabanos, conhecendo episódios da vida de quem fôra autêntico campeão da bondade, narravam-me detalhes daquela existência que se findára.

Durante os cinco lustros em que esteve destacado em Piracicaba, sempre foi igual no trato, tanto para os poderosos como para com os humildes. No desempenho da difícil e por vezes antipática missão policial,



ao invés de inimizades, conquistou a estima de um povo culto.

Em vida, Bentinho com singular benevolência viu moleques endemoninhados, inimigos de vidraças, perseguidores de passarinhos nos jardins públicos, jogadores de futebol de rua transformarem-se em cidadãos úteis à sociedade, alguns dos quais chegaram a galgar postos de destaque e que no momento prestavam-lhe a última homenagem.

A sua bondade, no entanto, não importava em relaxamento de ordens. Onde estivesse o Bentinho tudo corria bem.

Todas as noites, às 19 horas, era êle encontrado à porta do cinema principal, a distribuir cumprimentos a quantos entravam, pois, a todos conhecia, e a receber balas e bombons dos admiradores e os mais insistentes, do oferecimento chegavam ao ato de colocá-los nos seus bolsos. Bentinho não tinha filhos e essas guloseimas êle as destinava aos garotos encontrados pelas ruas.

Aparecesse desordeiro no cinema, no campo de futebol ou em qualquer lugar onde estivesse o Bentinho de policiamento, o prevaricador da lei teria que se haver com o próprio povo que em tôdas as ocasiões se colocou ao lado do mantenedor da ordem.

Os inquietos estudantes de agronomia que, em movimentos grevistas de protestos a desmandos governamentais, ocasionaram muitas vezes movimentação de tropa policial e a demissão de altas autoridades, tinham pelo simpático Bentinho grande apreço. Por vezes, quando o brio daqueles valorosos rapazes fôra ferido pelas arbitrariedades ditato-

rias e a estudantada vinha à praça pública reivindicar os seus direitos, se a atitude da turma era por demais hostil à ação da policia, lá ia o Bentinho, na insignificância do seu porte físico, desarmado, confiante apenas no prestígio e na força moral que desfrutava junto aos moços da Escola "Luiz de Queiroz". Sempre foi bem recebido nessas ocasiões e não poucas vezes encontrou soluções, aceitas pelos estudantes que o queriam muito. Por isso não faltou sôbre o seu caixão, entre muitas outras, a corôa de saudades dêsses amigos da aludida escola agrícola.

O Clube XV hasteou bandeira a meio pau e mandou, também, com a sua delegação, uma côroa de flôres naturais. Inúmeras côroas foram enviadas. Entre elas uma trazia significativa inscrição: "Ao incomparável Bentinho as saudades dos seus superiores e colegas do 8.º B.C."

Contou-me o prof. Dutra que, em 1932, por ocasião do movimento revolucionário, correu naquele recanto paulista a notícia de que o Bentinho havia tombado em combate, nas barrancas do Itararé. Houve consternação geral. Porém, certo dia, voltou êle derrotado com São Paulo, vencido mas honrado pela causa que defendera, trazendo na farda a lama gloriosa das trincheiras. Recebido como se fôra filho da cidade que regressasse do campo de luta, Bentinho chorou de alegria.

Na caserna todos o estimavam, desde os colegas ao comandante do batalhão.

Sua Excelência, o democrático e valoroso senhor General Comandante da Segunda Região Militar, hoje Chefe do Estado Maior do Exército



Brasileiro, quando de passagem por Piracicaba não deixava de ir até à casinhóla do Bentinho, para visitá-lo e tomar com êle um café. Esta era uma das suas velhas e queridas amizades.

O notável em Bentinho é que sendo amigo de pessoas influentes e altamente colocadas no meio militar e civil, nunca se escudou nelas para abandonar a linha de correção no exercício das suas funções. Foi sempre um soldado humilde, exato cumpridor dos seus deveres, disciplinado quer para com um anspeçada, quer mesmo para com um igual em função de comando.

Sua morte circulou célere de bôca em bôca, e antes do corpo ser entregue à terra, pela cidade e nas diferentes usinas açucareiras, já apareciam listas com o fim de angariar pecúlio à desolada viúva.

O terreno, no cemitério, foi comprado pelo povo que lhe construiu túmulo digno.

Seu retrato foi inaugurado numa das salas da Delegacia de Policia como justo preito de homenagem àquele que a serviu tão bem e por tanto tempo.

Põe-se o cortejo a caminho da cidade dos mortos. A móle humana parece enorme serpe a arrastar-se vagarosamente. Adeante do séquito, espirais perfumadas de incenso sobem para o céu evoadas de turibulos oscilantes dos coroinhas. Um velho padre, funebremente paramentado, recita o "de profundis".

A tristeza envolve o acompanhamento em marcha à necropole.

Que de bondade devia possuir o soldado, para ser, assim querido por grandes e pequenos, por intellectuais e homens do povo! Só as grandes almas, os corações excepcionais, poderão operar o milagre de conseguir póstumamente tão notável quão emocionante homenagem.

Antes de baixar o corpo à sepultura, oradores fizeram-se ouvir, em nome da população, pela Ordem dos Advogados e pelos estudantes da Escola Agricola. Falou ainda, comovido, destacado causídico local. Um tenente expressando os sentimentos do Comando, dos officiais e das praças do Batalhão, enalteceu as qualidades do camarada que só os abandonara com a deserção da morte.

Piracicaba chorou essa perda na formosa consagração, preito de profundo pesar àquele que no mais humilde posto da sua milícia, distribuiu o bem profusamente. A felicidade dos semelhantes era para êle a própria felicidade.

No dia dos Mortos, a sepultura do Bentinho foi a mais iluminada pelos cirios ardentes que derramaram cerosas lágrimas de saudades.

José Bento da Silva! Bentinho de Piracicaba! Não passaste pela vida em brancas nuvens, como disse o poeta, e por isso serás recordado com carinho por todos aqueles que tiveram a ventura de conhecer-te. Tua vida, no meio modesto em que a passaste é exemplo eloquente para os que ficaram. O preceito da Lei de Deus, "Amar aos outros como a ti mesmo", tu o seguiste à risca, e a estas horas deverás estar na Mansão dos Justos, como soldado de São Jorge, segundo preceitua antiga lenda.



# 15 DE NOVEMBRO

(Extrato taquigráfico da alocução do Snr. Ten. Cel. Heliodoro Tenório da Rocha Marques, Cmt. do C. I. M., na comemoração do aniversário da Proclamação da República)

## C A M A R A D A S !

Comemoramos hoje mais um aniversário da proclamação da República. O 15 de Novembro ocupa lugar de destaque entre os feriados que assinalam os fastos da história pátria.

O 7 de Setembro é a data máxima da nacionalidade, por isso que nesse dia, em 1822, o Brasil despertou para a vida independente, ingressando no concerto das nações livres. O 15 de Novembro de 1889 representa, entretanto, o coroamento de uma etapa complementar, inevitável e lógica em nossa evolução histórica, para que a Nação encontrasse em definitivo a forma de governo que lhe era mais apropriada e se integrasse completamente no clima político que dominava o Novo Mundo.

Não seria justo negar o importante papel histórico desempenhado pela instituição monárquica na vida da Nação. A ela devemos a proclamação da Independência sem os abalos experimentados pela América espanhola. Preservada a unidade nacional nesse passo da nossa história, a ela devemos o ambiente de ordem interna e a situação de indiscutível prestígio que o Brasil desfrutou, no 2.º Império, pesando consideravelmente no equilíbrio político continental — numa época em que as demais nações da América Latina se debatiam sob os surtos do caudilhismo político e militar.

Mas, as instituições estão fadadas

a desaparecer quando não mais correspondem ao espírito da época e deixem de atender às necessidades coletivas. Foi o que se deu com a Monarquia, superada no seu ocaso pelas idéias republicanas em marcha.

A proclamação da República teve a força dos acontecimentos incoercíveis. Regadas pelo sangue de Tiradentes, dos revolucionários pernambucanos de 1817 e 1824 e dos riograndenses de 1835-1845, as idéias republicanas vinham do Centro, do Norte e do Sul, avolumando-se dia a dia, como uma corrente que se encaminha para o seu desaguardo.

Sob o ponto de vista doutrinário, o Manifesto de 1870 constituiu o ponto de partida de uma pregação pertinaz e sistemática. O grande motivo, a “causa causarum” da expansão da propaganda republicana repousava na imperiosa necessidade de uma maior autonomia política e administrativa das antigas Províncias — necessidade essa que a instituição monárquica, de índole naturalmente conservadora e centralizadora, não soube atender.

A obra dos propagandistas do novo regime aproximava-se dia a dia do seu alvo final — a proclamação da República — enquanto que a Monarquia parecia conformar-se com o seu próprio declínio, com a morte próxima. Como observa Oliveira Viana no seu livro “O Ocaso do Império”, havia como que um



acôrdo tácito no sentido de que a Monarquia tivesse a sua existência contada pelos dias de vida que restavam ao imperador Pedro II — êsse vulto tão digno do respeito e veneração dos brasileiros, mas já alquebrado pelo peso dos anos e por pertinaz moléstia que lhe combalia o organismo.

A Monarquia representava como que um sol a desaparecer lentamente no harizote político da Pátria, perdendo dia a dia mais luz e calor, enquanto a causa republicana se fortalecia e ganhava terreno no contacto com realidade que caracterizava o ocaso do Império.

A Abolição veio abalar os alicerces da Monarquia, que perdeu o apóio de ponderáveis forças conservadoras, daí por diante desinteressadas de sua sorte. A "Questão Militar" constituiu o fator imediato e decisivo da queda do regime. Contudo, foi apenas um fator ocasional. Como afirma Pandiá Calogeras em seu livro "Formação Histórica do Brasil", a "Questão Militar" apenas antecipou a queda da Monarquia, pois um 3.º Reinado era tido como impossível mesmo pela maioria dos próprios adeptos do regime monárquico.

Os propagandistas da República — com Prudente de Moraes, Campos Sales, Quintino Bocaiúva, Aristides Lobo e Benjamin Constant, à frente — cada vez se tornam mais combativos.

O Marechal Deodoro da Fonseca, vencendo um conflito de consciência — dadas as afeições que o prendiam ao Imperador — decidiu-se pela República. Expoente máximo da classe a que pertencia, com seu pronuncionamento fez cair por terra o

trono, concretizando o ideal republicano que vinha se aninhando no coração dos brasileiros.

A aurora republicana raiou a 15 de Novembro de 1889 e o novo regime teve o seu artífice máximo em Ruy Barbosa — adepto fervoroso que era da "Federação, com ou sem a Corôa".

A República teve seus erros e desvios, mas não se pode negar o patriotismo sadio que animava os seus fundadores e os estadistas que a serviram. Veio a Revolução de 1930 e, em consequência dela, a Ditadura que até ha pouco nos oprimiu, abolindo por vários anos o regime federativo instituído em 1889.

Com o movimento de 29 de Outubro de 1945, as forças armadas restituíram à Nação a sua liberdade de movimentos, o direito de governar-se segundo a sua vocação democrática, tantas vezes posta à prova no decurso da sua história.

O Brasil retomou o caminho que o levará a seus gloriosos destinos, mas o momento exige de todos os brasileiros sacrifícios inauditos neste após guerra cheio de incertezas e perigos. E nós, soldados da Fôrça Pública de São Paulo, precisamos estar vigilantes e prontos para o cumprimento do nosso dever, ao lado das forças armadas do país, a fim de que nada perturbe a Nação nessa caminhada.

Neste momento em que prestamos nosso culto cívico aos fundadores da República, elevemos nosso pensamento à Pátria, no firme propósito de torná-la cada vez mais digna do sacrifício dos nossos maiores e das esperanças das gerações porvindouras.



# O NOSSO PARTIDO

---

A religião do soldado da Fôrça Pública é a Ordem. E a sua bíblia, a Lei.

Todas as vezes que a Fôrça Pública foi levada a se afastar dos postulados e dogmas da sua religião ou abandonou o seu evangelho, pagou caro pelo pecado cometido.

Antes de 1924 éramos um modelo de organização que causava orgulho não só a S. Paulo, como ao Brasil. De lá para cá, sejamos sinceros, a extraordinária milícia que Rui considerava como padrão no paiz, começou entrar numa obscuridade que absolutamente não condiria com o seu passado pontilhado de glórias, com o nome que ela, com justiça, havia conquistado para o Brasil, no setor de sua especialidade.

Quando um aparelho funciona mal ou atrofia é preciso, ao invés de se ficar por aí a clamar contra a anomalia constatada, procurar imediatamente a causa do mal e removê-la.

A nosso ver, a razão primordial dêsse descenço reside no fato de nós nos esquecermos, sempre, de que somos uma organização de interesse público e que as situações políticas (que são situações privadas), as condições ilegais, os periodos críticos de fôrça e até os govêrnos passam, mas a Fôrça Pública fica.

Si porventura a causa de nossas debilidades fôr encontrada nos desvios ou nas fugas às linhas rígidas da Lei e da Ordem, seja tomando parte em movimentos conspiratórios,

seja adotando um código de obediência contrário à Constituição que é o Evangelho Mestre e êsses desvios realmente nos têm conduzido a qualquer espécie de diminuição ou desprestígio, torna-se imperativo que, antes de que outrem nos indique, nós mesmos procuremos corrigir o mal e nos apresentemos tão corretos quanto possível, no fornecimento de "nossa mercadoria" como a designou, certa vês, o Snr. Cel. Cmt. Geral, ao povo que nos paga.

Antes de 1930 um político que se encontrava no poder ficou conhecido por ter proferido a frase: "a questão social é um caso de polícia". Pois bem. Ele passou e a Fôrça ficou. Mas como, de certo modo, era a Fôrça quem executava aquela sentença de sabedoria discutível, nós mais do que aquele político é que nos tornamos conhecidos, por um princípio de precário espirito democrático que não havíamos enunciado. Resultado: Em 1930, com a vitória da Revolução, êsse foi um dos pretextos para que sôbre nós caissem os raios fulminantes das fúrias jupiterinas salvadoras e reformistas que quasi nos liquidaram, dois anos mais tarde...

Os tempos passam e a Fôrça, graças ao espírito da época, forjado no após-guerra e como sua decorrência, espirito renovador que passa a encarar os problemas com objetividade e realismo, a Fôrça repitamos, foi devolvida ao policiamento, sem



contudo fugir ao seu tradicional cunho de polícia militar.

A "reentr e" de nossa gente nas lides policiais foi saudada com entusiasmo pela imprensa e pelo povo, tendo, contudo, contrariado a sua filha emancipada, a Guarda Civil, a brilhante corporação paulista, o que de coração lamentamos, embora julgemos que não pode ser privilégio de ninguém a honrosa missão de servir o público.

Entretanto a exacerbação política dos últimos tempos, nos tem levado a entrar em contacto como o povo nos serviços de manunten  o da ordem e parece que nem sempre a tarefa de vender a nossa mercadoria tem sido executada com o necessário cuidado, resultando em críticas de imprensa que, si não são totalmente razoaveis, têm também não são totalmente destituidas de fundamento.

Felizmente o Comando da Fôrça Pública está vigilante e não se tem poupado no sentido de que o nosso crédito paire acima de qualquer contingência de momento.

Todos nós, individualmente, oficiais, sargentose soldados, podemos ter nossas preferências políticas, já que a consciência   intangível, mas que essas preferências saiam da esfera de nossos impulsos interiores e se concretissem em atos públicos em serviço, é perigoso, já não digamos ao indivíduo, mas   coletividade que   contingentemente, endossante desses atos.

As situações políticas passam e a Fôrça fica.

CENTURIÃO

Como homens públicos, o que nos interessa acima de tudo é a Lei. Pondo-se fora da Lei o instituto se desprestigia. Dentro de uma organização de serviço público não há políticos. O que há são servidores, cujas preferências não contam nem interessam.

Se o policiamento que dermos for sempre honestamente legal e isento de segundas intenções, o povo que nos paga e julga saber  recompensar-nos aumentando o seu respeito e a sua consideração por nós. E   esse respeito traduzir-se- , em última análise, pelo ap io às nossas reivindicações de toda a ordem, seja de ampliação de atribuições, de aumento de efetivos, de melhoria de vencimentos, etc. através de seus representantes nas câmaras.

A não compreensão dessa verdade, levar-nos-é a assistir, simultaneamente com a nossa queda, a ascensão de outras organizações policiais que, ao revés desejar mos ver absorvidas num mesmo plano de trabalho, com os mesmos direitos e prestando patrioticamente os mesmos serviços sem que, para o bem de umas, outras venham a ser amesquinhadas ou destruidas.

Temos, não há dúvida, um partido. Esse partido se chama: Partido da Fôrça Pública de S. Paulo e na defesa dêle devemos todos os seus filiados, nos dar as mãos, por cima de qualquer ressentimento passado.

Por êsse partido, sim, é que renunciaremos a tudo, si f r necessário.

---

#### ENTRE MULHERES

- Você não deve falar assim de sua inimiga !  
— Oh, ao contrário: ela   minha melhor amiga.





# O AUMENTO DOS INATIVOS

A. B. M.

Entre as inúmeras providências consubstanciadas na Constituição Paulista, que revelam o alto espírito humanitário e justiceiro que norteou os constituintes bandeirantes, figura, em primeira plana, a equiparação dos proventos dos inativos.

É evidente ter vindo a medida sobrecarregar, e muito, as despesas do Estado, mas ninguém poderá levantar a menor dúvida quanto à justiça feita aos aposentados e reformados.

Tivemos como objetivo, ao redigir estas notas, focalizar o assunto sob êstes dois aspectos: a demora do pagamento nas novas bases e a interpretação do disposto no artigo 5.º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

## DEMORA DO PAGAMENTO

O atraso parece ser resultante de 2 motivos: a impossibilidade das repartições competentes fazerem, desde logo, o respectivo saque e a falta de verba. Só êste último motivo justificaria plenamente a demora, desde que, é sabido, nenhuma despesa pública poderá ser paga sem que exista verba ou crédito para custeá-la.

Sob êste aspecto, é interessante anotar-se a divergência manifestada entre alguns deputados, na sessão de 11 de novembro, quando se discutia a indicação a ser endereçada ao Governo sôbre o abono de Natal; enquanto alguns alegaram a falta de verba para o pagamento dos inativos, outros afirmaram que a verba existia e que a demora resulta de não estarem prontas as novas tabelas. Parece-nos que a razão está

com os primeiros, conforme passamos a expor:— Na mensagem com que o Sr. Governador do Estado encaminhou à Assembléia Legislativa o projeto sôbre o reajustamento orçamentário (transformado na lei n.º 2, de 16 de outubro último), fazia-se expressa referência de não haver sido computada importância para fazer face ao aumento dos inativos. Vejamos êsse tópico da mensagem governamental:—

*“Cumpre assinalar que no reajustamento ora encaminhado não estão contemplados os aumentos de despesas decorrentes de vários dispositivos da Constituição, tais como os relativos aos vencimentos dos inativos, do Ministério Público e os que dependem de legislação complementar.”* (D.O. 186, de 19 de agosto).

É bem verdade que a dotação correspondente foi suplementada com Cr. \$ 11.641.100,40, mas esta quantia constava do projeto elaborado pelo Governo, e correspondia, apenas, ao aumento de despesa resultante da majoração de vencimentos decretada durante a interventoria do Embaixador Macedo Soares.

Todavia, já se sabe, do orçamento de 1948 consta verba para o pagamento dos vencimentos majorados, sendo de se presumir, pois, que a partir de janeiro passem os inativos a receber nas novas bases.

Quanto à diferença referente ao corrente ano, ou seja, de 9 de julho a 31 de dezembro, não sabemos si a importância correspondente está ou não prevista no orçamento de 1948. Si estiver, muito simples será



o pagamento respectivo; caso contrário, não vemos outro caminho não mediante a abertura de crédito especial.

#### INTERPRETAÇÃO DO ART. 5.º

Está assim redigido êste dispositivo do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias:

*“As pensões e aposentadorias dos atuais inativos civis e militares do Estado, serão pagas, a partir da data da promulgação dêste Ato, na base das tabelas vigentes para os ativos de igual categoria e padrão, ressalvadas as proporções correspondentes ao tempo de serviço.”*

Diante da ressalva feita na última parte do dispositivo, conclue-se desde logo que a equiparação não se fez por uma forma integral e geral, o que, aliás, seria absurdo, pois nem sempre a reforma de militares constitui um prêmio; às vezes é um castigo, ou uma penalidade.

A controvérsia vem se manifestando no sentido de se decidir si:

a) — prevalecem os termos em que foram aposentados ou reformados, segundo a legislação da época em que deixaram a atividade; ou

b) — as aposentadorias ou reformas devem ser alteradas, para serem postas de acôrdo com a legislação ora em vigor.

Esclareçamos o assunto:

Até 1931, tanto as aposentadorias dos civis, como as reformas dos militares, obedeciam ao disposto na lei n.º 985, de 1905; em linhas gerais, estabelecia esta lei 3 variedades de proventos:

1.ª — o sôlido ou ordenado — para os servidores que contassem mais de 25 anos;

2.ª — o sôlido e mais a 4.ª parte, para os que tivessem êsse adicional (por contarem mais de 30 anos);

3.ª — proporcional ao sôlido (1/25 por ano de serviço).

Em 1931 (dec. 5.075), 1934 (dec. 6.875) e em 1937 (lei 2.940), fizeram-se várias modificações na legislação sôbre reforma, principalmente quanto à forma de se calcularem os proventos.

Dessa variedade de leis resulta, por exemplo, encontrarem-se vários oficiais do mesmo posto, com o mesmo tempo de serviço e reformados pelo mesmo motivo, cujas reformas foram concedidas em termos diferentes; concretizando, sem personalizar: 1 capitão reformado por invalidez, com 32 anos de serviço, pode ter seus vencimentos calculados:

a) — sôlido mais a 4.ª parte (si reformado até o advento do decreto 5.075, de 1931);

b) — 32/35 dos vencimentos, mais a 4.ª parte (de 1931 a março de 1937);

c) — vencimentos integrais, mais a 4.ª parte (de abril de 1937 em diante);

d) — vencimentos integrais (sem a 4.ª parte, vantagem extinta em 1940).

Qual o critério a ser seguido na atualização dos proventos dos capitães que tomámos por exemplo? Todos terão os mesmos vencimentos, ou far-se-á o cálculo de cada um, na base vigorante para os da ativa, mas obedecendo-se às proporções em que se basearam os cálculos de seus antigos proventos?

Não nos compete decidir qual dessas formas deverá ser seguida. Tal-



vez nem a própria comissão nomeada pelo Sr. Governador para estudar os casos dos inativos julgue de sua alçada decidir a respeito.

O dispositivo que se examina faz referência, apenas, às "tabelas vigentes para os ativos" e a ressalva quanto às "proporções correspondentes ao tempo de serviço"; silencia quanto às condições em que os servidores deixaram a atividade, ou seja, quanto aos "termos" da aposentadoria ou reforma.

Si a intenção dos legisladores foi a de atualizar também os "termos" da reforma, para pô-los em consonância com a legislação ora em vigor não teria sido mais razoável a inclusão de uma declaração nesse sentido, ou melhor, seguir-se a forma já adotada anteriormente, em 1935, pela lei n.º 2.471? Esta lei estabeleceu em seu artigo 1.º:

*"Expedir-se-á novo título de reforma, na conformidade da legislação atualmente em vigor, aos militares da F.P. reformados desde 24 de outubro de 1930, por ato do poder discriminatório que haja contravindo às leis vigentes ao tempo da reforma."*

Bom teria sido que ao artigo 5.º se tivesse acrescentado um parágrafo, com esta redação:

*"Expedir-se-á novo título de aposentadoria ou reforma, na conformidade da legislação atualmente em vigor, aos inativos beneficiados por este artigo."*

Agora, si a intenção dos legisladores foi no sentido contrário ao que vimos de examinar, também ficaria mais claro que a ressalva ficasse expressa, concluindo-se por esta forma o artigo 5.º:

*"... ressalvadas as proporções correspondentes ao tempo de serviço e as condições em que os aposentados e reformados deixaram a atividade."*

Talvez tenhamos de aguardar algum tempo para conhecermos a solução definitiva deste assunto, mas será imprescindível, para que se faça o pagamento de janeiro de 1948 nas novas bases, que, mesmo em caráter provisório, seja tomada uma decisão a respeito.

Aguardando essa solução, fazemos votos para que não retarde muito, pois já não vem cedo...

## SILVA, MONTEIRO & CIA.

BARBANTES, FERRAGENS, TINTAS E MATERIAIS PARA  
LIMPEZA E HIGIENE

Rua Paula Souza, 208 - S. 15 e 17  
TELEFONE 4-8633

Caixa Postal, 1318  
SÃO PAULO



# BOTINHA — O Polícia



70L.-47

TRANSITO PREFERENCIAL





# Vultos do Passado

Fundada em 3-9-1907 - reorganizada  
em 3-9-1933 - Lei nº 521 - 12-1949  
Tenente Coronel **Manoel Marmiro Sobrinho**

Sede própria Rua Odete Sá Barbosa, 133

Tel. 227-5897 LUZ - SP.



Cel. Antonio Baptista da Luz

Importa, segundo nos parece, às jovens gerações de oficiais da nossa prestimosa Fôrça Pública, o conhecimento das figuras beneméritas do seu passado, à qual prestaram o concurso de sua valiosa colaboração.

A êles devemos o prestígio e a confiança que desfrutamos, pela notoriedade que souberam dar à Fôrça

Pública, como expressão lídima que é de sua conduta irrepreensível e do valor intelectual, moral e técnico que lhe deram.

Destaca-se entre os oficiais superiores da Fôrça Pública do passado, a figura inolvidável do coronel ANTONIO BATISTA DA LUZ — o seu tipo padrão.



Foi um chefe de notável envergadura moral, podendo-se dizer, como os norté-americanos; com referência Jorge Washington, "o mais querido", no nosso meio, no decurso de sua existência militar, cuja memória merece sêr venerada e sua conduta imitada.

Como Lincoln, — o imortal presidente dos americanos da grande república yankee, — foi, Batista da Luz, o professor de si mesmo, subindo pela escada de seus próprios hom-bros.

Continuador da obra do heróico e saudoso coronel José Pedro de Oliveira, no comando geral da Fôrça Pública e na direção da Caixa Beneficente, deu-lhe marcante brilho, pelo respeito, crédito e admiração que a todos inspirava.

A Fôrça, no decurso de sua longa gestão atingiu, naquele tempo, o ápice do seu aperfeiçoamento moral e técnico, atraindo gerais simpatias e a confiança pública e do govêrno, graças à sua ação laboriosa, enérgica, harmoniosa e coordenadora, em consonância com a atuação inteligente e vigorosa do valoroso coronel Paulo Balagny, o insuperável Chefe da Missão Militar Franceza.

Sendo tenente coronel comandante do Regimento de Cavalaria, quando a Missão Franceza instalou sua tenda de trabalho no Quartel da Luz, entregou-se com grande simpatia e entusiasmo aos estudos e à prática da nova instrução, servindo de estímulo aos seus comandados.

E, foi assim que, em pouco tempo, todos os olhares voltavam-se para a nossa garbosa Cavalaria, tal o aprumo com que se apresentava.

Investido, no ano seguinte, do comando geral da Fôrça Pública, redobrou seu entusiasmo pelo aperfeiçoamento técnico e moral da nossa milícia.

Era incançavel.

Cavalgando seu belo e feroso alazão, diariamente inspecionava a tropa, sendo o primeiro soldado a comparecer, alternadamente, aos diversos quartéis, onde assistia à formação das sub-unidades, às chamadas nas revistas e ao enquadramento nos batalhões. Onde quer que elementos da Fôrça estivessem, aí êle comparecia; não para palestrar, porém, para inspecionar, exigindo, tácitamente, de cada instrutor, maior zêlo no cumprimento de seus deveres.

E, foi por isso que, em pouco tempo, a Fôrça tornou-se o orgulho dos paulistanos, encantando-os com o brilho de suas famosas paradas no Prado da Moóca e suas manobras em todos os quadrantes do municipio da Capital, enquanto muitos de seus soldados policiavam as ruas da cidade.

Certa vês, a propósito de um desagradável incidente, ocorrido, involuntariamente, entre si e o Chefe da Missão, e, em que, se mostrara irredutível e enérgico defensor de suas prerogativas, — o austero e ilustre coronel Paulo Balagny, disse ao Secretário da Justiça de então, no momento em que se procurava dirimir a pedência, — que aquele grande soldado — o coronel Luz, se pertencesse ao exército de sua pátria, poderia chegar a sêr o Marechal de França, encerrando daquela maneira honrosa, para êle, o melindroso incidente. Era o tipo perfeito do chefe que sabia sêr enérgico, justo e bom.



Com o retorno da Missão Militar Franceza, para o seu país, ao irromper a guerra de 1914, chamou à sua superior direção a instrução da Fôrça e de suas escolas, que não sofreram solução de continuidade. Foi grão mestre da Maçonaria Paulista, gosando, como se percebe, de um prestígio que se irradiava do meio militar para o civil.

Inuálgar capacidade de trabalho que era, faleceu quando despachava o expediente e dava ordens em seu

gabinete, a despeito de já há tempo se achar gravemente enfermo. Amava o trabalho. Assim cumpriu-se o fado: — morreu trabalhando.

Era profundamente generoso e excelente chefe de família.

Deixou, como vemos, exemplos dignos de serem imitados, e u'a memória que merece ser sempre cultuada.

A Fôrça Pública é a expressão de seu carater honrado, dinâmico, enérgico, justo e bom.

## IMPORTADORES

# Conrado Herrmann & Cia. Ltda.

Representantes de: { Guilherme Ludwig Adams & Cia.  
Zwetsch & Cia.

Fornecedores do E. M. I. da 2.<sup>a</sup> R. M., Fôrça Pública de S. Paulo e Repartições Públicas

ALAMEDA BARÃO DE LIMEIRA, 33

Tele { fone 4-7002  
gráfico HERRMANNCO — SÃO PAULO

§ Você sabia que a Fôrça Pública de S. Paulo, sob o nome de Corpo Policial Permanente, tomou parte na guerra do Paraguai, integrando a coluna que realizou a epopéia de Laguna?

§ Você sabia que na primeira guerra mundial Júlio Cesar de Alfieri, oficial da Fôrça Pública, tendo obtido licença do Governo combateu ao lado dos aliados conquistando várias promoções e condecorações por atos de bravura?

§ Você sabia que o cel Pedro Dias de Campos, foi um dos fundadores do escotismo no Brasil?



# METEOROLOGIA — Arma de Guerra

Cap. B. A. Proença

Quando, pelo traiçoeiro ataque japonês a Pearl Harbor a 7 de dezembro de 1941, os Estados Unidos se viram lançados à última conflagração, uma grande tarefa logo se impôs aos reduzidos departamentos de meteorologia das Forças Aéreas da grande Nação Americana. Era necessário transformar, em tempo mínimo, a limitada operosidade da meteorologia do tempo de paz nas gigantescas e intrincadas atividades da meteorologia na guerra.

O conhecimento do tempo era fator preponderante para ganhar a guerra, e todos os recursos em homens e material foram postos a trabalhar para a consecução desse grande objetivo. Era necessário, antes de mais nada, formar, dentro das Forças Aéreas, um exército de técnicos em previsão do tempo e observação meteorológica. Do dia para a noite mobilizaram-se as grandes universidades americanas, e, em pouco mais de dois anos, os serviços meteorológicos das Forças Armadas contavam dezenas de milhares de oficiais meteorologistas e auxiliares.

Esses elementos foram espalhados pelos recantos mais afastados do globo, instalando na linha de frente, muitas vezes no acêso dos combates, estações meteorológicas das mais modernas e eficientes. Foram os dados colhidos por êsses postos de observação, muitas vezes instalados mesmo dentro de território inimigo, que serviram para orientar todas as operações combinadas das forças aéreas e terrestres. Essa imensa rede de observações fazia convergir diariamente para os gabinetes de Estado Maior dados atmosféricos e

climatológicos de territórios ocupados por tropas amigas e inimigas, os quais permitiram aos comandos, não só conhecer as condições para o bombardeio da manhã seguinte, como ter uma idéia do tempo provável daí a meses para o plano geral de operações.

Já desde o início da guerra existia, como parte integrante de todos os Estados Maiores, um oficial meteorologista encarregado de fornecer ao general, ao planejar suas campanhas, relatórios com informações sobre a época do ano que, por exemplo, pela nebulosidade e pela velocidade do vento à pouca altura, m se presta para ataques de paraquedistas, ou que, pelo estado do solo, presta-se mais para operações mecanizadas de "Blitz-Krieg".

Uma das mais benéficas consequências dessa íntima cooperação entre comandantes e meteorologistas foi o desprestígio da doutrina de que o tempo era um senhor despota, cujos caprichos era necessário obedecer cegamente. O conhecimento dos processos do tempo e suas consequências diretas para as ações aéreas e terrestres convenceu os técnicos do tempo de que, na guerra, o tempo, qualquer que êle seja, pôde ser bom ou máu — tudo depende da missão que se tem a cumprir.

O frio rigoroso do inverno, que congelando os rios, lagos e pântanos, os torna praticáveis para o rápido deslocamento dos engenhos mecanizados, irá, por outro lado, crear problemas de abastecimento de tropas e suprimentos especiais para o pessoal, e cuidados particu-



lares com o material. A néve, por exemplo, é um fundo extremamente favorável para as observações aéreas, principalmente para fotografias, mas isso tanto pode dar-nos a localização da artilharia inimiga, como revelar ao adversário a concentração de nossos tanques.

Nuvens, que na maioria das vezes causam sérios embaraços aos pilotos, obscurecendo pontos de referência no solo e os campos de aterrisagem, pode servir também de cobertura protetora para uma esquadrilha de Fortalezas Voadoras, ocultando-a das vistas e das barragens anti-aérea do inimigo. Conforme sua estrutura e altitude, uma camada de nuvens pode oferecer a desagradável alternativa de dificultar ou mesmo impedir o vôo em formação, prejudicando a concentração do fogo protetor da esquadrilha, ou então, impedir por completo os bombardeios de precisão. Quantas vezes um nevoeiro, que neutraliza toda a ação do poderio aéreo em um determinado setôr, impedindo a saída de aeronaves, é precisamente a condição tão desejada para um ataque de surpresa pelos "comandos" às instalações portuárias do inimigo. Entretanto, essa máscara de nevoeiro seria antes um grande obstáculo, si se tivesse em mente a realidade de operações combinadas, onde uma perfeita ligação é geralmente a alma do sucesso.

Essas conclusões práticas, tiradas da experiência da guerra vieram aliviar a desagradável contingência de que é impossível escapar às imposições do tempo, nem mesmo alterar em parte o curso de suas condições. "O tempo é sempre favorável" —

diz a nova doutrina — "a questão é saber aproveitá-lo judiciosamente". E, para tirar o máximo proveito do tempo, os Estados Unidos crearam um verdadeiro exército de técnicos em meteorologia.

Bombardeios em massa a lugares distantes, onde os caças não podem oferecer proteção, eram determinados para horas em que as nuvens ofereciam uma camada protetora durante o itinerário, e, sôbre os objetivos, a visibilidade vertical éra perfeita. Esquadrilhas de intercepção eram orientadas para aguardar os atacantes, emboscados em alto-estratos aparentemente inofensivos. Bombardeios de grande reprêsas e açúdes eram marcados para a época em que os meteorologistas previam o final das chuvas, quando o maior volume de água assegurava enormes danos imediatos e a estação de sêca, subsequente, ocasionaria a paralização das usinas elétricas por longo tempo. Gigantescas operações de guerra relampago eram cuidadosamente preparadas para serem desencadeadas nos dias em que o serviço metereológico previa ausência de chuvas e bôa visibilidade.

Enfim, em pouco tempo, o conhecimento prévio das condições atmosféricas e o seu emprêgo judicioso transformaram o caprichoso tempo em dedicação auxiliar. O tempo passou, então, a ser utilizado pelos técnicos como uma arma para ganhar a guerra. E a despretenciosa Meteorologia, antes objéto de boletins horários divulgados pelo rádio e pela imprensa para uso de agricultores e homens de negócio, começou então a fazer parte dos segredos militares — éra a Meteorologia — Arma de Guerra.



## VELHINHOS

Quando vires na rua  
um velhinho  
de andãr tropego,  
cansado,  
olhar esmaecido,  
sem brilho,  
vãgo, embaçado,  
que às vezes pára,  
gesticúla  
e fala sósinho,  
não te rias  
não  
desse velhinho. . . .

Éle é o presente,  
asseguro,  
do teu, do nosso  
Futuro.

É uma relíquia  
que passa,  
de um tempo  
brilhante,  
sem jaça.

Quando eu vejo na rua  
um velhinho,  
Meus ólhos são dois sóis  
chamejantes  
de carinho.  
Sem eu querer  
vem-me a lembrança  
dolorida  
de alguém que foi  
n'uma existencia  
já vivida,  
toda a minha vida.—

**Estelita Ribas**



# «O Problema do Petróleo no Brasil

FALA HORTA BARBOSA

Perante grande assistência, que lotou completamente o amplo salão de conferências do Clube Militar, realizou o General Horta Barbosa suas anunciadas palestras sobre o problema do petróleo no Brasil. Como as anteriores, realizadas pelo General Juarez Távora a respeito do mesmo assunto e já noticiadas pela Revista, tais palestras faziam parte do programa traçado pela atual diretoria do Clube, que tem em vista trazer a debate, para esclarecimento de nossos camaradas de farda e civis interessados, os problemas econômicos que dizem de perto com o progresso e a defesa de nossa Pátria.

Entre a assistência, cujo vulto é índice expressivo do crescente interesse que a questão petrolífera está despertando no Brasil, notavam-se numerosos parlamentares, técnicos e capitalistas nacionais, representantes da imprensa e figuras de nosso meio feminino, todos grandemente interessados nos debates que nosso Clube vem promovendo sobre esta questão fundamental da economia brasileira.

Com a autoridade de que se reveste sua palavra de Presidente do Conselho Nacional do Petróleo, desde a data de sua fundação, em 1939, até fins de 1943, precisamente o momento em que o óleo brasileiro saiu do terreno da perspectiva para o da realidade, o General Horta Barbosa trouxe para a tribuna do Clube

a afirmação de que a exploração é a única solução patriótica.

O conferencista destacou e combateu, um por um, os argumentos apresentados pelos derrotistas. Apoiando-se em dados e exemplos que a Argentina, o Uruguai e o México nos oferecem, assim como no exame da situação nacional, acentuou que, sobre ser possível, se impõe como solução que responde, com exclusividade, aos interesses brasileiros, a exploração monopolizada pelo Estado.

Começando por defender a tese de que devemos iniciar desde já a indústria petrolífera e fazê-lo dentro de rigor nacionalista que defende e se nos afigura, realmente, a única orientação a seguir, mostra, de início, que somente pode controlar os preços quem refina, para depois chegar à conclusão de que, sendo a indústria da refinação essencialmente monopolística, devemos fazê-la monopólio do Estado. A propósito desta questão põe inteiramente por terra a afirmação tendenciosa de que não possuímos os capitais necessários à montagem das refinarias, provando, ao contrário, que temos tais capitais que, de resto, não são tão vultosos quanto se quer fazer acreditar. Assegura, além disso que, sendo a refinação do petróleo indústria altamente lucrativa e capaz de se pagar a si mesma em apenas três anos, serão justamente nos proventos que nos deixará ela e somente



neles. — que havemos de buscar os recursos para custear as despesas com as pesquisas, essas, sim, muito onerosas.

Passando a tratar a questão dos equipamentos indispensáveis à refinação, em cuja compra muitos vêem uma das maiores dificuldades para um empreendimento puramente nacional, por isso que os trustes não na permitiriam, esclarece o ilustre conferencista que não procedem os receios, visto como as refinarias não fabricam nem se vendem pelos trustes, sendo livre seu mercado nos Estados Unidos e em vários países da Europa.

Entra depois no exame do problema dos técnicos que se fazem necessários à montagem e ao funcionamento das refinarias, para, destruindo a alegação derrotista de que só os trustes são capazes de operar em tão complexo equipamento, afirmar, provando, que a questão tem solução simples. Além das firmas construtoras de refinarias se obrigam a fazê-las funcionar com seu pessoal até o completo treinamento dos nacionais, ainda temos inteiramente aberta a possibilidade, já muitas vezes oferecida a nosso Governo, de enviar gente nossa a estudar essa indústria e adquirir-lhe o domínio, assim na Argentina, como no Uruguai e ainda na própria América do Norte.

A respeito das proclamadas dificuldades que oferece a questão do transporte especializado, motivo também lembrado para desencorajar a montagem das refinarias, põe ainda a descoberto, a tendenciosidade de tais assertivas, mostrando que não há monopólio de navios tanques

e apontando as possibilidades de adquirirmo-los ou arrendámo-los.

Sintetizando sua contradita à argumentação derrotista, afirma, depois, o ilustre militar que “admitir que na Argentina, Uruguai, México, etc., tem o Estado capacidade para exercer o monopólio do petróleo, colhendo daí resultados admiráveis e nós não”, seria aceitar a tese de nossa inferioridade face aos países citados.

Mostrando, em seguida, a título de exemplo expressivo e conveniente, como atuam os trustes na Venezuela, para não tratar de outros países, conclui sua primeira palestra lembrando aos desavisados que “*não é admissível conferir a terceiros o controle de uma riqueza que se confunde com a soberania nacional*”.

Logo no início de sua segunda conferência assevera o General Horta Barbosa que a política nacionalista do petróleo adotada até agora no Brasil se orienta no sentido de satisfazer aos imperativos da defesa nacional. Mostrando a enorme importância do óleo em face do papel da aviação e da motorização na guerra moderna, que impõem o conceito de que nenhum governo pode deixar de considerar o abastecimento do petróleo como elemento essencial na organização da defesa militar, adverte que a regularidade dêsse abastecimento não pode ficar a critério de particulares e, muito menos, de nações estrangeiras, embora amigas.

Passa então o conferencista a analisar os argumentos dos trustes e dos que se deixam arrastar pela psicose do perigo de agressão ao continente americano, segundo os quais é imperioso assegurar os Estados Unidos a utilização de nossas reservas pe-



trólicas numa guerra que venha a ser inevitável para a defesa continental. Neste particular, esclarece que não só é injustificável o alarme dos que afirmam se estarem esgotando rapidamente as jazidas americanas, como muito menos se deve admitir que tal circunstância, mesmo que fosse verdadeira, poderia justificar a entrega de nosso petróleo aos trustes americanos, tanto é certo que, em caso de necessidade, poderíamos prestar à nação amiga, como já o fizemos na última guerra, o auxílio requerido. Admitir o contrário é afirmar que o fato de possuímos nós mesmos as nossas riquezas constitui perigo para a nação amiga; é admitir que não existe confiança em nossa colaboração. Sobre ser incoerente esta tese, que pressupõe a disposição de dar tudo, antes mesmo da situação crítica porque podemos não que-

rer dar o razoável quando a crise vier e se vier, é ela injusta e humilhante para o Brasil, no qual, ao contrário, o povo americano só tem razões para confiar. Além disso, afirma, não se compreende defesa do Continente sem a industrialização e a elevação do nível de vida das nações que o compõem. "Sob o ponto de vista da defesa do Continente, o modo insuspeito e prático para a exploração do petróleo, é o direto, pelo Governo Brasileiro, que já provou sua capacidade para fazê-lo com honestidade, economia e patriotismo".

Faz, por fim, o ilustre militar, um apêlo aos Congressistas e governantes brasileiros em prol da defesa de nosso petróleo, afirmando: *Hoje está demonstrado que o Brasil possui petróleo e que, prescindindo de auxílio estranho, pode explorá-lo com os próprios recursos.*

Transcrito da Revista do Clube Militar do E. N. de Julho-Agosto 1947.

# FABRICA MAKERLI

CALÇADOS MAKERLI SUPREMO

## MANOEL KHERLAKIAM S/A.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CALÇADOS

FORNECEDORA DA FÔRÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

RUA ANHANGABAÚ, 778

Telefone, 2 - 1226

SÃO PAULO



# Salto de Cavalo

Passatempo oferecido por A. B. M.

venda	cuco,	chão,	uco,	Nho	de	pita	ro
rme	calça	do	senta	ndo	Lá	João,	to
Zé-Ma	Na	trab	no	rada	som	Bar	vai,
xadre	eno	os	um	do á	pas	al	na
ando	cig	z pé	seu	num	est	mesa	ites
que	seu	Che	bois	sa	truco,	Jo	fumo
arro	* Gui	ro,	nge	Com	de	no	do
car	ri	do	iroso	-Que	Nho	bom.	** ão!

Partindo da casa assinalada com uma estrelinha e com as letras «Gui» e percorrendo todas as casas do taboleiro, a salto de cavalo, até se chegar à casa assinalada com duas estrelinhas e com as letras «ão», formar-se-ão uns versos de Paulo Setubal e um simétrico desenho.







*“Auri-verde pendão de minha terra,  
Que a brisa do Brasil beija e balança,  
Estandarte que a luz do sol encerra  
E as promessas divinas da esperança...”*

(CASTRO ALVES — O Navio Negroiro)







# Escola de Oficiais da Fôrça Pública

*Olivio F. Marcondes*



Entrega de espadim a um aluno oficial, vendo-se o Exmo. Snr. Governador Ademar de Barros, presidindo á cerimônia.

Um agradável convite para assistir as solenidades de entréga de espadins aos alunos da Escóla de Oficiais da Fôrça Pública do Estado, permitiu-nos a oportunidade de visitar aquele Estabelecimento de formação profissional da respeitável Corporação centenária, cujo acervo moral, cultural e material é conquistado cotidianamente no silêncio, sem alardes, sem exteriorização, mas com firmeza, com desprendimento, com emulação, para acompanhar o progresso grandioso de seu pòvo e estar

à altura de sua dupla função policial-militar.

O candidato à Escola de Oficiais da Fôrça Pública deve ser diplomado por curso ginásial, de perito-contador, ou por escolas superiores, para concorrer aos rigorosos e disputados exames de admissão.

Na Escola a instrução policial e a militar são ministradas eficientemente. Ao lado da instrução profissional, vela-se pelo necessário aprimoramento intelectual do aluno-oficial, com o ensino



das matérias científicas e literárias, lecionadas por lentes abalizados.

A instrução policial é ministrada com método e orientação prática sob os seus aspectos de preventiva, repressiva e judiciária. Lentes e técnicos de reconhecida cultura e de proveitoso tirocínio profissional cuidam do ensino das diversas matérias policiais.

O ensino militar é orientado com toda a técnica, rigôr e disciplina. As diversas matérias, — organização do Exército, regulamentos, instrução técnica de infantaria e de cavalaria, tática, topografia, transmissões, etc. —, são ministradas teóricamente em classe e desenvolvidas praticamente em trabalhosas jornadas de infantaria e de cavalaria e em exercícios de campanha, nos dias marcados, "chova ou faça sol", com todos os detalhes das modernas técnica e tática militares. Os exercícios em campanha são efetuados em todas as suas fases, visando inculcar no aluno, ao par da difícil e nobre arte militar, fôrça de vontade, espírito de sacrifício e de iniciativa nas situações imprevistas, resistência moral e física.

Os futuros oficiais estudam as situações táticas no próprio terreno; tomam decisões de combate; dirigem-no; efetuam croquis e levantamentos topográficos; constroem defesas fixas rapidamente, sob inspeção exigente dos instrutores, — oficiais especializados da Fôrça Pública ou do Exército.

A instrução de bombeiros dá aos alunos os conhecimentos técnicos para comandar os serviços de extinção de incêndios de modo a eliminar ou reduzir os danos consequentes, com o emprêgo eficiente do material apropriado, de acôrdo com as circunstâncias.

Assim, a Fôrça Pública Paulista prepara o seu futuro oficial que, no término do curso, com os olhos fitos na Cruz Cristã, apresenta a sua espada, — arma e símbolo de uma carreira nobre —, ao sacerdote, para a bênção, com o pensamento fixo no compromisso assumido de empenhar todos os seus esforços para conquistar dignamente o oficialato, cuja carreira abraçará com o juramento de cumprir os deveres de oficial da Fôrça Pública e dedicar-se inteiramente ao serviço da Pátria.

## O Clube Militar deve viver mais intensamente

Observa-se que a nossa oficialidade não possui espírito associativo tanto quanto seria de desejar.

O nosso clube vive vazio, sem vida, parecendo que nesse passo irá até ao total fenecimento. Isso, porém, é um crime que nós cometemos contra os nossos próprios interesses sociais.

Para que o clube regorgite de gente, seja frequentado por todos, se possível a toda hora do dia e da noite, vivendo uma vida social intensa, só nós mesmos é que podemos e devemos conseguí-lo e ninguém que se considere um bom membro da oficialidade da Fôrça tem o direito de declinar da tarefa de lutar pela reanimação do nosso órgão máximo de sociabilidade.

Creemos que a realização de disputas esportivas, uma espécie de Mac-Med entre a Fôrça, o Exército e a Aeronáutica, campeonatos de xadrês e bilhar, concurso de frequência com prêmios interessantes, suponhamos uma estadia gratuita na colônia, uma biblioteca, etc., levariam a nossa oficialidade a se entusiasmar pelo seu clube.

Eleições em número mais frequente, com proibição do voto por procuração e multa para os abstencionistas, maior facilidade e menores preços para as famílias grandes na colônia, festas, picnics, etc. dariam, por outro lado, sem dúvida nenhuma, ótimos resultados.



# Era de Especialização

Somos um povo jovem, cujas instituições não podem deixar de levar a marca de sua pouca experiência. Por outro lado, somos uma nação riquíssima potencialmente falando, talvez a mais rica do mundo, mas pouco temos feito no terreno da exploração de nossas riquezas, de sorte que podemos dizer que somos um povo pobre, de baixo índice técnico, especialmente si considerarmos a nossa posição em relação aos países de forte estrutura industrial. Assim, é justo que voltemos os olhos, sem pre que desejamos haurir conhecimentos mais profundos, para os países mais experimentados e ricos do planeta.

Temos um exemplo :

Nos Estados Unidos os corpos de bombeiros possuem escolas técnicas altamente especializadas, onde são formados os seus bombeiros, quer sejam os oficiais, como os comandados, podendo-se dizer que um oficial norte-americano de bombeiros é um engenheiro especializado na profissão de combate aos sinistros em geral. Além disso, anualmente os 48 estados norte-americanos se reúnem em congresso, onde trocam experiências, apresentando, cada organização, as últimas novidades no plano de suas atividades as quais sem dúvida vão quasi ao infinito, pois que infinitas são as espécies de de sinistros verificados naquele país, mercê do seu altíssimo grau de industrialização. E para se ter uma idéia do movimento de incêndios nos Esta-

dos Unidos, basta se saber que ha uma média de 10.000 perdas de vida por ano em consequência de sinistros dessa ordem, na grande nação amiga.

Outro exemplo :

No Canadá a sua policia montada desempenha, além da sua função própria, que é o policiamento, inumeras outras funções que vão, desde socorros de urgência, até trabalhos de hospitalização de sinistrados, guarda das florestas, consultoria de toda ordem etc..

Ainda outro exemplo :

Londres foi a cidade que melhores lições recebeu desta guerra, especialmente no setor da defesa civil. O que não terão feito os londrinos, para superar a intensidade dos bombardeios aéreos que quasi reduziram a sua Capital a um montão de ruínas? Porisso nenhum corpo de bombeiros do mundo está em condições de melhor orientar a defesa civil, do que o heróico corpo de bombeiros daquela cidade.

Um último exemplo :

Si nós não sabemos como resolver a dor de cabeça de nosso transito urbano, o que diremos do monstruoso transito de Nova Iorque, uma cidade de absurda densidade, onde residem mais habitantes do que em todo o Estado de São Paulo ?

Com base neses exemplos de experiência técnica podemos nós, da Fôrça Pública de São Paulo, remodelar nossos processos de trabalho.



Pedir a êsses paizes missões técnicas como já o fizemos no passado, com relação à instrução militar, seria um gasto tremendo. A solução é enviar ao estrangeiro uma dezena de oficiais, afim de que tais experiências venham a constituir um patrôno técnico, também de nossa gente.

São Paulo, como todos o reconhecem, é o Estado das grandes iniciativas.

A Fôrça Pública de Mato Grosso, não possuindo uma escola de formação de oficiais combatentes e sargentos de educação física, resolveu o seu problema aproveitando as escolas de S. Paulo e Rio de Janeiro. Porque não seguirmos tal exemplo, admitindo honestamente que em certos setores nos faltam, também, recursos técnicos facilmente encontrados no Estrangeiro? CENTURIÃO.

---

## Problemas Patrimoniais da Fôrça

---

A Fôrça Pública tem necessidade de um Quartel General no centro da cidade, de onde possa irradiar, com precisão e rapidês, suas ordens de emergência, assim como distribuir serviços e tropa. Por seu turno, também o Clube Militar e a Biblioteca da Fôrça, têm necessidade de se colocar no centro, para poderem se tornar acessíveis aos interessados, considerando as dificuldades de tempo e de espaço a que nos levam o serviço e a luta diária normal de cidade grande.

Entretanto o Corpo de Bombeiros possui um posto central, uma estação que está a pique de ser demolida por se encontrar fóra do alinhamento, por constituir um atentado à estetica e por não comportar mais o movimento resultante das atividades técnicas da corporação.

Tomamos, pois, a liberdade de sugerir aos chefes da nossa Fôrça, um entendimento com a Prefeitura no sentido

de que esta, como pagamento de desapropriação e como condômina, construa um prédio de tantos andares quanto sejam os necessários, onde seja possível abrigar, simultaneamente, uma estação de bombeiros com sua administração, cantina alojamento, etc., um andar ou mais, amplos, para o Clube e muitos andares para o Q.G., Biblioteca, etc., ficando os andares a mais, a disposição da prefeitura para seu uso, tudo isso no terreno onde atualmente se encontra a Séde do C.B., ponto absolutamente central e de onde não pode ser afastada uma estação de bombeiros destinada a atender o centro da cidade.

A Prefeitura anda a procura de espaço vital, tanto como nós e, coincidentemente, deve permanecer no centro. Seus departamentos são em número quasi infinito. Não parece que êsse negócio lhe seja de todo inconveniente...



# Necessidade da Pedagogia no C. I. M.

— Major Esdras E. de Oliveira

Em 1941, tivemos oportunidade de, em sugestão apresentada ao Comando do C.I.M., defender a necessidade da cadeira de Pedagogia Aplicada nos Cursos de Oficiais. (C.O.C. e C.O.A.).

Dizíamos então, em defesa do nosso ponto de vista, que considerávamos cada oficial como um educador e, como tal, necessitando de conhecimentos especializados que lhe permitam exercer, com eficiência as nobres funções de formadores de homens, de construtores de personalidades, que no futuro, egressos das fileiras, possam ser úteis a si próprios e à sociedade. Dizíamos então e reafirmamos hoje, ser a pedagogia indispensável aos nossos Cursos, como matéria basilar que é, não como ela é ministrada atualmente, isto é, simplesmente através de regras esparsas colhidas nos capítulos de Metodologia de cada tratado relativo à instrução, porém, sistematicamente progressiva, para que se possa formar em cada espírito a consciência do seu valor como meio de se obter a educação integral dos homens.

Em uma simples notícia não nos propomos estabelecer um curso de tão importante assunto e, nem tampouco nos sentimos com forças bastantes para tal fim, maximé levando em conta que, entre os oficiais da Fôrça não são raros os portadores de Curso Normal, consequente-

mente, familiarizados com a ciência de educar.

É nossa intenção no entanto, trazer uma modésta contribuição ao ensino nas nossas escolas, julgando-nos felizes se conseguirmos despertar a curiosidade de alguns dos nossos companheiros por tão valioso assunto.

Na Escola de Educação Física, reconhecendo as necessidades gerais da Corporação e considerando o valôr que a nossa especialidade representa como parte da educação integral, e mais ainda que, não raramente, somos solicitados para colaborar com o meio civil quer na organização de parques, centros de recreação, clubes e outros órgãos educativos como, principalmente, na educação física da infância e da juventude nos colégios e orfanatos, na Capital e no Interior do Estado, incluímos em nosso "currículum", além da cadeira de Psicologia a de Pedagogia, de cujos resultados falam bem alto o conceito de que desfruta a nossa Escola em todo território nacional e o alto apreço em que são tidos, como técnicos e como educadores, os oficiais por ela diplomados.

Um dos erros mais generalizados entre nós é o desconhecimento completo da nossa própria obra. Modernamente, podemos afirmar que o oficial é um educador, é um pedagogo na mais perfeita acepção



do termo. Aos nossos quartéis, procedentes de todos os rincões do Brasil, de todos os recantos do nosso Estado, afluem indivíduos de tipos os mais variados, de capacidade mentais as mais diversas, quasi todos ou completamente analfabetos ou apenas alfabetizados e sem nenhuma formação ou principios de educação, excepto os que lhe forem proporcionados pela natureza.

Muitos deles, portadores de complexos, e às vezes de inibições, são sempre mais difíceis de conduzir que as próprias crianças porque, material menos flexível, com menor capacidade de adaptação, torna o nosso trabalho de educadores mui mais complexo e de resultados menos evidentes que o dos professores primários.

Mas, o que é inegavel é que o homem, tendo ingressado completamente deseducado, analfabeto, desconhecedor dos mais comensinhos preceitos de hygiene, de moral social, etc., ao deixar as fileiras é, via de regra, um cidadão apresentavel, às vezes culto e sempre já afeito às lides sociais. E isto é Educação! E isto é obra de ação permanente dos quadros sobre a tropa! E isto é a resultante de um sistema pedagógico!

Sendo o official um educador, isto é, um professor, necessita, consequentemente, para mais eficiente orientação de seu trabalho, de haurir nas ciências pedagógicas, os conhecimentos especializados indispensáveis à sua obra.

É indispensável que elle possua as qualidades mínimas e o preparo mínimo do professor.

Os motivos que temos exposto, seriam suficientes para justificar a existência do ensino de Pedagogia na nossa Escola de Formação. Mas, além dos que já enumeramos, outros existem e não menos importantes.

A organização dos planos de ensino, os métodos didáticos adotados, os meios de verificação em uso entre nós, não são fruto de um trabalho pedagógico metódico e sim efeitos de um sistema empírico, baseado apenas na experiência de alguns, sem qualquer caracter científico.

Não está certo. Na prática temos verificado — e são testemunhas os officiais instrutores de qualquer escalão — que os nossos processos deixam muito a desejar; porque não atendem aos objetivos reais da vida. O verdadeiro sentido da educação — a preparação para a vida — não é atingido totalmente ou o é com grande dificuldade.

Citemos um exemplo: — em uma turma de recrutas, cujo efetivo conte com alguns elementos egressos de escolas, outros oriundos da Capital, de centros adeantados, outros dos sertões ou outras zonas pouco civilizadas, nenhum instrutor poderá obter resultados satisfatórios se não possuir elementos que lhe permitam grupar os indivíduos por capacidades mentais, aptidões, etc., e seguir métodos e processos específicos para cada grupo. Se, ao contrário, seguindo-se os preceitos pedagógicos, os recrutas fossem agrupados em turmas mais ou menos homogêneas obedecendo-se às resultantes da curva de distribuição das capacidades mentais, cada instrutor teria maiores facilidades para o ensino porque o



poder da assimilação, a capacidade de observação, de percepção, etc. seriam mais ou menos equivalente.

O fenomeno que se verifica quando tratamos de recrutas, é o mesmo que se observa nos demais escalões do ensino, onde não poderá haver unidade de doutrina enquanto não se realizar a unidade de seleção e uma perfeita racionalização dos planos de ensino.

Em nossa opinião, o ensino da Pedagogia, como o da Psicologia, nos Cursos de Oficiais da Fôrça, não é um luxo literário, não constituirá uma vaidade pueril, mas se impõe como uma necessidade inadiável, se quisermos acompanhar a evolução da sociedade moderna e preparar os nossos quadros para um melhor cumprimento da sua missão, como auxiliares na formação social de São Paulo e do Brasil.

## ARGUS MERCANTIL LIMITADA

ATACADISTAS

Alameda Barão de Limeira, 212  
Telefone 4-6549 - SÃO PAULO - Caixa Postal 3529

TECIDOS DE LÃ E ALGODÃO  
ARTIGOS MILITARES  
Fornecimentos às Repartições Públicas e à Fôrça Pública do Estado de São Paulo.

§ Você sabia que o cel. Pedro Arbues Xavier foi o fundador de nossa Caixa Beneficente?

§ Você sabia que os primeiro e segundo comandantes da Escola de Educação Física da Fôrça foram oficiais de Exército Francês?

§ Você sabia que as granadas de mão NP foram inventadas e fabricadas na Fôrça, sob a direção da cap. Nataniel Prado?

§ Você sabia que Rui Barbosa, referindo-se à Fôrça Pública classificou-a como a mais bem organizada e instruída Fôrça Militar existente no Brasil, naquela época?



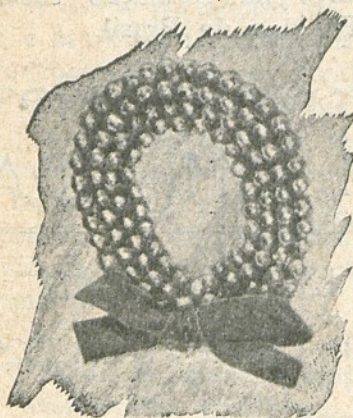
# Página Feminina

Maria Lúcia

Leitora amiga: Especialmente para você, minha querida, os dirigentes desta revista resolveram fazer es página.

Aqui trataremos de tudo, mui simplesmente, que possa interessar a uma boa dona de casa, laboriosa e elegante: Cozinha, conselhos sobre decorações de casa, como receber convidados, elegância feminina e beleza. Procuraremos, também, responder a todas as perguntas sobre o assunto. Estas poderão ser enviadas à redação desta revista.

## ELEGANCIA



Lacinhos de cores diversas, combinados com os seus trajes, presos ao fecho do colar, darão um toque original na sua toilette

## A MULHER E A MODA

Outro dia, folheando uma revista americana, vi alguma cousa que me chamou a atenção: fotografias de mulher. Umhas, ridículas e feias, outras elegantes e bonitas.

Observando melhor, notei que havia alguma semelhança entre as "feias" e as bonitas. Ao tentar, porém, traduzir os textos, perplexa, constatei que as tais ridículas não eram mais do que as beldades vinte anos mais moças, vestidas conforme a época. E, mesmo depois de conhecedora do caso, continuei achando as últimas mais bonitas.

Eram todas artistas de cinema. E pensei: não é natural que uma jovem, graciosa e elegante como toda artista de cinema de Hollywood seja, aos vinte anos, mais atrativa do que aos quarenta ?

Minha amiga, veja como o gosto varia em função de moda e, conseqüentemente, a influência da moda sobre a beleza feminina: U'a moça ricamente vestida, porém, em roupas fóra de uso ou em roupas que não se coadunem com o ambiente ou com o seu tipo, facilmente perderá terreno para outra no rigor da moda, embora não vestida ricamente mas, de acôrdo com o ambiente e com o seu tipo, mesmo que já tenha, esta última, perdido o resplendor da mocidade.

Lembre-se sempre disto, amiga leitora: um penteado para a conformação do seu rosto, uma indumentária simples mas no rigor da moda, em combinação harmônica, respeitando lugar e hora, e você estará sempre bonita e elegante.

## CONSERVA DE LEGUMES

A maioria dos legumes se conserva em vinagre, porém, os mais simples de serem conservados são: cenoura, pimenta, cebola pequena, couve-flôr e pepino.

Depois de bem lavados, os legumes são mergulhados em vinagre forte, de boa qualidade, juntamente com algumas especiarias. Muda-se quatro ou cinco vezes êsse vinagre, dia sim, dia não, fechando-se o vasilhame hermêticamente.



**Sugestão para a sua  
Sobre-Mesa**

Pudim de leite condensado:

Uma lata de leite condensado, leite puro, ovos, açúcar queimado.

Numa vasilha funda, despeja-se o leite condensado; a êle, junta-se leite puro, em quantidade igual, podendo servir de medida a própria lata; juntam-se três ovos inteiros e bate-se tudo durante um certo tempo. Depois de bem batido, passa-se duas vezes por uma peneira fina, colocando-se depois numa fôrma untada com açúcar queimado. Vai ao forno em banho maria.

**Nota:** O leite puro também poderá ser substituído por suco de laranja, na mesma quantidade.

\* - \* - \*

As carnes, peixes e aves não devem ser lavados antes de colocados na geladeira; se esta não tiver compartimento especial, deverão ser cobertos com um pano úmido e postos perto do congelador.

\* - \* - \*

A carne moída ou picada não deve ser conservada por muito tempo, pois facilmente se decompõe.

\* - \* - \*

O leite, o creme e a manteiga, conservados na geladeira, devem ser bem cobertos, pois absorvem facilmente o gosto e o cheiro dos outros alimentos.

**PARA OS DIAS DE FRIO**



Elegante casaco de tricot, confeccionado com lã grossa, azul.

Os botões são da mesma cor.

O colar é imprescindível.

\* - \* - \*

Nada como um lenço de cores alegres, querida leitora, ou um jabot branco, para dar realce e elegância ao seu tailleur.

\* - \* - \*

**PARA AS MAEZINHAS**

As crianças precisam da luz solar, pois esta auxilia o desenvolvimento, facilitando a assimilação dos minerais contidos em seus alimentos.

\* - \* - \*

**MANCHAS DE CHOCOLATE**

Estas, em toalhas brancas, saem facilmente quando esfregadas por uma escovinha com uma mistura de gema de ovo e água morna.



# Aniversário da Fôrça Pública — 116.º

## Lições que virão...

Cap. NAUL AZEVEDO

Quando o ensino no Brasil tiver atingido o seu mais alto grau de aperfeiçoamento, a história dos feitos dos homens e das cousas da Pátria terão um sentido mais amplo e mais útil.

Então, os vultos dos bravos deixarão de ser apenas figuras de lenda para se constituírem ponto de convergência de estudos acurados, para que os pequenos escolares não vejam neles apenas o vulto balofo do herói nem sempre verdadeiro, prestigiado pelas lantejoulas de aventuras quasi sempre hipotéticas e sim a extranha personalidade de exceção que precisa ser tomada como padrão na formação das mentalidades jovens das gerações futuras.

Daqui, talvez mais algumas décadas, estudar-se-á, então, melhor a Fôrça Pública do Estado de São Paulo, os seus feitos e os seus heroísmos, suas tragédias, seus sacrifícios ignorados, seus valores esquecidos.

Aí os compêndios, sem a paixão que a política e os partidos imprimem na apreciação dos fatos, sagrarão nomes que já hoje recebem as palmas dos seus contemporâneos.

Dir-se-ão ainda e de maneira clara e mais ampla, mais bela e mais segura, cousas que o convencionalismo, na apreciação de fatos mais recentes, não permitiu que ainda se narrasse.

Porque, então, os vultos da Fôrça Pública, seus heróis, terão visto pas-

sar sôbre si o prestígio do tempo e da morte.

Contar-se-á então a história de um reduto de heroísmo e de valôr, de uma gente que serviu São Paulo mais que qualquer outra organização, silenciosa e abnegadamente, sem o vasio e o ridículo da publicidade, sem as clarinadas de rua, sem o alarde dos jornais e sim no borborinho febricitante de suas colmeias irrequietas em que sempre se teceu a grandeza da Nação.

Sem controvérsias se fixará que o Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar ao crear a Guarda Municipal Permanente, em 15 de dezembro de 1831, dando corpo à idéia de Feijó, consubstanciada na Carta de Lei de 10 de outubro do mesmo ano, foi levado pelo fatalismo histórico da evolução político-social do Brasil. Periclitante o princípio da autoridade éra mister que o Estado se munisse de forças para mantê-lo sobrevivendo às crises políticas que solapavam o trono de D. Pedro.

Narrar-se-á a contribuição da Fôrça Pública, em 1865, na Guerra do Paraguai, pelejando pela integridade da Pátria, e mais tarde, em 92, para fortalecimento do Govêrno Central, na luta fratricida travada entre Castilhistas e Federalistas.

Não escapará ao historiador o que foi o 1.º Batalhão, em Canudos, atacando os redutos de Antônio Conselheiro e como atuou alí o caboclo paulista José Pedro de Oliveira e o



que, sobre a unidade bandeirante disse, em ordens do dia memoráveis, o Comandante da Expedição General Artur Oscar.

Explicar-se-á aos jovens como a Fôrça Pública de S. Paulo agiu em 904 na revolta chamada de "Quebralampeão"; em 1910, sob o comando o ilustre Coronel Pedro Dias de Campos, ainda com o seu primeiro Batalhão, na revolta de João Cândido; em 22, na intentona de Mato Grosso.

Apontar-se-á à posteridade o vulto da luminosidade resplendente de Faustino da Silva Lima, tombado em plena higidez da vida, em 1924, no cumprimento exato do dever, o grande soldado que "depois de amar a beleza da vida, glorificou a beleza da morte".

Destacar-se-á a figura extraordinária de Pedro Árbues Rodrigues Xavier, a estandardização da bravura que, no litoral Sul, em 930, reviveu a epopéia de Antônio João, regando o sólo paulista, que não queria ultrajado, com a preciosidade de seu sangue.

Estudar-se-ão as razões patrióticas do movimento de 28 de abril de 1931 que, traído embora, foi o primeiro grito de alerta na noite imensa da ditadura que infelicitava a Nação.

Falar-se-á daquele lindo dia de maio, em que guiada pelo grande Ibrahim, irmanada com o povo, a Fôrça Pública foi para as ruas, conquistando a primeira vitória, dentro da névoa pestilenta da ditadura, quando São Paulo teve o seu próprio governo e a Fôrça Pública o coman-

dante que o destino, na tecitura fatal dos acontecimentos, lhe reservára para os grandes dias que já apontavam nos horizontes.

Referir-se-á à 1932, contando o que foi o estaleiro da improvisação heróica, batisado com o sangue de tantos mártires e que ficou gravado rubramente, com as letras de fogo de um ano imperecível, emergindo dessa época, numa síntese homérica, a personalidade impar de Julio Marcondes Salgado, tombado em plena fôrça de existência, a nobre carótida varada por um estilhaço de granada e em quem nem a morte conseguiu apagar o brilho daqueles olhos azuis, tão cheios êles viveram da Beleza e da Fé.

Enfileirar-se-ão os mártires daquela epopéia que foi a necessidade de um ritmo, um clarim e um clarão transformando tudo e todos num único guerreiro pela Ordem e pela Lei. Saberão os moços quem foram Marcelino, Uchôa, Quirino, Penha e os outros que, ainda e sempre, ao lado do seu Chefe Salgado, estão formados à entrada do Cemitério São Paulo e em eterna continência à gente e a terra de Piratininga.

Fixar-se-á a atuação dos chefes contemporâneos da F. Pública, destacando dentre êles, o General Milton de Freitas Almeida, alta expressão militar da nossa terra e que tanto fez por São Paulo, amando a Fôrça Pública, corporificando o seu valôr e disciplinando o seu espírito.

Comentar-se-á o vôo glorioso do "Jaú", aquela aeronave quasi de lenda, que, por alturas onde só as águias podem respirar, transpôs as



águas avassaladoras do Atlântico, trazendo no seu bojo a farda paulista de João Negrão.

Então, Paulista, estará escrita uma página bonita da tua história, a história da Fôrça Pública, a parcela mais amiga da vida e do destino de São Paulo. Aparecerá, assim, um compêndio que valerá como a Bíblia

do Bandeirante, que Anchieta, lá do céu, certamente abençoará.

Paulista! Através do pensamento, envie hoje à tua Fôrça Pública, ao clarão do 116.º aniversário que ilumina sua existência, a palavra do teu afeto e do teu reconhecimento. Terás feito justiça aos soldados que nunca faltaram e jámais faltarão à tua chamada.

*Sociedade Technica*

*Bremensis Ltda.*

CAIXA POSTAL 18-B • RUA FLORENCIO DE ABREU, 815 SÃO PAULO

Máquinas-ferramenta e Ferramentas

Máquinas, Tipos, e Materiais Gráficos

Máquinas Agrícolas

Bombas Hidraulicas

Material Ferroviário

Material Elétrico

Aços

Casas no *Rio de Janeiro, Curitiba, Recife, Bala*

§ Você sabia que o então ten. Negrão integrou a primeira equipe de aviadores brasileiros que atravessou o Atlântico?

§ Você sabia que a Escola de Educação Física da Fôrça é o mais antigo estabelecimento do genero no Brasil, e o segundo da América?

§ Você sabia que a Fôrça Pública é detentora do record de 5 vitórias na corrida de S. Silvestre?

§ Você sabia que a Caixa Beneficente da Fôrça, como primeiro orgam do gênero no Brasil, lançou os institutos de previdência no Paiz?

§ Você sabia que a Fôrça Pública foi a primeira organização do Brasil que recebeu instrução militar do Exército Francês?

§ Você sabia que o primeiro núcleo organizado do ensino de esgrima no Brasil foi a Sala D'armas fundada pelo então alferes Pedro Dias de Campos, no 1.º B.C.?



# Capitão Cantídio Nogueira Sampaio



No último pleito eleitoral, sem dúvida o mais entusiástico da História Política desta Capital, em que se inscreveram cerca de 400 candidatos para 45 vagas, foi eleito vereador à Câmara Municipal de São Paulo, o nosso camarada Cap. Cantídio Nogueira Sampaio.

É com satisfação que "Militia" consigna o fato auspicioso de ter sido eleito, por grande número de votos, um dos jovens oficiais da Corporação, que não poucas vezes, tem demonstrado sua dedicação às causas da Fôrça.

Sua cultura jurídica em nossa tradicional Faculdade de Direito, aliada ao seu preparo, experiência, e, sobretudo, à sua personalidade firme

e combativa, serão penhores seguros de que o Cap. Cantídio saberá corresponder à confiança de seu eleitorado.

Ao ilustre camarada, bem como à Fôrça e aos seus correligionários, nossas congratulações.

## FOTOGRAFIA DA CAPA

Na capa deste primeiro número fixamos uma fotografia parcial do Quartel do Centro de Instrução Militar da Fôrça, onde funcionam as escolas de formação de mobilizáveis de infantaria e cavalaria, bem como os cursos de graduados e oficiais da Corporação. —

No primeiro plano está o portão de entrada, vendo-se, ao fundo, parte do primeiro pavilhão do aquartelamento. —



# Fundado o Clube Militar de São Paulo

Sob a presidência do general Renato Paquet, comandante da 2.ª Região Militar, e com a presença de numerosas altas patentes das nossas forças armadas, realizou-se a 29 de novembro findo, no auditório da Biblioteca Municipal, a assembléia de fundação do Clube Militar de São Paulo, cujas finalidades visam congregar todos os militares do Estado, sejam do Exército, da Aeronáutica, da Marinha, ou da Força Pública, da ativa ou da reserva, além de estimular e desenvolver as boas relações entre as classes armadas e os meios civis.

Depois de aberta a sessão pelo gen. Renato Paquet, o major Manoel Stoll Nogueira, secretário da comissão redatora, disse da necessidade da eleição de uma diretoria provisória, organização do quadro social e discussão do ante-projeto dos Estatutos do Clube.

Em seguida procedeu-se à aprovação, por aclamação, da diretoria que regerá provisoriamente os trabalhos constituintes da associação, tendo sido unanimemente escolhidos os seguintes nomes: presidente, gen. Renato Paquet; vice-presidente, cel. Pery Constant Bevilacqua, 1.º vice-presidente, ten. cel. aviador

Nelson Wanderly; 2.º vice-presidente, ten. cel. da reserva Cristiano Klingelhofer; 3.º vice-presidente, ten. cel. da Força Pública José Hipólito Trigueirinho; secretário geral, cel. Leonidas Cardoso, 1.º secretário, ten. cel. José de Souza Carvalho; 2.º secretário, tenente R2 Antonio José de Carvalho; tesoureiro geral, cel. intendente Fernando Biosca; 1.º tesoureiro, cap. intendente Joaquim Gouveia; 2.º tesoureiro, cap. da Força Pública Paulo Mariano; diretor social, major Manoel Stoll Nogueira; procurador, cap. R2 Armillo de Carvalho e Mello; diretores honorários, cap. Alfredo Gomes, cap. Ruy Teixeira Mendes e cap. de fragata Noé Lima.

Prosseguindo, foi observado, em homenagem aos soldados da FEB tombados nos campos de luta da Italia, um minuto de silêncio.

Dando por encerrada a sessão de fundação do Clube Militar de São Paulo, o gen. Renato Paquet convocou a próxima reunião para o dia 20 de dezembro, às 15 horas, no mesmo local, declarando que a secretaria receberia pelo prazo de 15 dias as emendas ao ante-projeto dos Estatutos apresentados.

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA  
DO

**Dr. João Francisco da Cruz**

Advocacia em geral e especialmente em assuntos militares.

EXPEDIENTE: DAS 13 ÀS 17 HORAS

Praça da Sé, 87, 1.º — Sala 2 — Fone 2-7994 — S. PAULO



# VÁRIAS

## HOLLYWOOD EM APUROS

Os artistas de Hollywood estão passando por sérios apuros. E, certamente, ao se concluírem as investigações do Comitê de Pannell Thomas muitos deles serão classificados como agentes de atividades anti americanas, sujeitos portanto a sofrer duras penas que o Congresso julgar aplicáveis . . .

Entre os muitos artistas julgados nocivos à segurança norte americana, já foram incluídos os seguintes, cujas atividades vêm sendo acompanhadas pelo referido Comitê:

Gregory Peck, Frederic March, Myrna Loy, Charles Chaplin, James Cagney, Katherine Hepburn, Gary Cooper, Paul Muni, Humphrey Bogart, Judy Garland, Laureon Bocal, Robert Young, Marsha Hunt, Peter Lorre, Paul Henired, Frank Sinatra, Gene Kelly, Melwyn Dorglas, John Garfiel, etc.. Alguns destes artistas já depuzeram. Por outro lado, três populares astros, Robert Taylor, Adolphe Menjou e Robert Montgomery, foram considerados testemunhas de acusação, tendo realmente declarado que tanto seus colegas, como escritores, cenaristas e diretores, em Hollywood exerciam atividades contrárias aos interesses norte-americanos . . .

—\*—

## ARTE E OS ARTISTAS BRASILEIROS SE PROJETAM NO MUNDO

Pouca gente sabe que o arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer, conside-

rado um dos maiores arquitetos do mundo, foi convidado para projetar a construção do edifício da ONU, ou seja, da assembléia mundial.

Poucas pessoas, também, sabem que o maestro Mignone, o maior músico brasileiro já viu suas composições atravessarem as nossas fronteiras, sendo ensaiadas no estrangeiro por grandes orquestras, tais como Stokowsky e outros que o consideram uma das maiores expressões nesse setor, na atualidade.

Por outro lado, escritores como Érico Verissimo e Monteiro Lobato e teatrológos como Juraçí Camargo e Oduvaldo Viana estão sendo procurados por editores e organizações cinematográficas estrangeiras para obtenção de direitos de tradução, publicidade ou colaboração.

O pintor Portinari já está sendo considerado superior a Diego de Rivera e Picasso e suas exposições no estrangeiro têm sido um verdadeiro sucesso.

Eros Voluzia e Carmem Miranda, cada uma em seu gênero, têm feito pelo Brasil mais do que todos os departamentos de propaganda já o fizeram em todos os tempos.

Bidú Saião e Guiomar Novais, embora donas de um desempenho artístico mais discreto têm, por seu lado, sido autênticos interpretes do sentimento artístico nacional, elevando o nome do Brasil no conceito dos mais exigentes círculos artísticos do mundo.



— PETRÓLEO —  
ASSUNTO INFLAMÁVEL

O Clube Militar do Exército tem convidado as suas figuras mais brilhantes para fazer conferências sobre o petróleo brasileiro. Tais conferências têm merecido a honra da presença dos generais Cesar Albino, Chefe do Estado Maior Geral e Milton de Freitas Almeida, Chefe do Estado Maior do Exército.

Realmente, o assunto é de máxima importância. Diz-se que o país que descobre petróleo em seu solo só tem duas estradas: ou a tremenda grandesa ou a tremenda desgraça, dado que os interesses que êle envolve e atrai são de tal monta que justificam guerras, revoluções, traições, mortes, corrupções em alta escala etc..

Seria interessante que o nosso Clube, seguindo o exemplo de seu congênere do Exército, convidasse os dois brilhantes generais Juarez Távora e Horta Barbosa, ambos reconhecidas autoridades na matéria, para exporem em conferências as suas idéias a respeito de tão magno assunto.

Aqui fica a sugestão pela qual nada cobramos, a não ser o direito de assistir as conferências.

## GUERRA MODERNA

Fala-se muito em guerra. Entretanto todo os que ventilam o assunto são unânimes em dizer que a guerra do futuro será totalmente diferente das que já se verificaram no planeta. Por exemplo: Temos a bomba atômica já conhecida. Já se diz que outras bombas, também atômicas, mas de poder muito superior, estão sendo fabricadas. Consta, também, que a futura guerra será cósmica, ou seja, haverá bombas de raios cósmicos, o raio que transforma todos os corpos em explosivos. Mas tudo isso não é nada em comparação à lepra galopante...

Preparemonos para essa guerra atômica e bacteriológica, cavemos super abrigos anti-aéreos à prova de deliquescência ou façamos cidades submarinas à prova de raios cósmicos, que, segundo dizem, atravessam 60 quilómetros de rocha. Quando tudo isso tiver sido preparado e aplicado, outra "civilização" por certo florescerá, e nós julgaremos, então, justo, que se continuem ensinando métodos de guerra estática ou como montar um ataque de morteiros...

## UMA DE PAPAGAIO

- Quando me mandou êste papagaio, afirmou-me que êle repetia tudo que ouvia.  
— Isso é verdade, mas, me esqueci de dizer que êle é muito discreto.

## VIDA CONJUGAL

- Marido: — Quem rouba sempre sofrerá as consequências  
Mulher: — O os beijos que tú me roubavas, quando era tua noiva?  
Marido: — Até hoje estcu pagando.



# Ismael Guilherme — Cavaleiro do Ideal

O Cirurgião e o Soldado — Comandante no Campo de Marte e Deputado na Constituinte — Piloto dos mais hábeis — Da Alemanha à Colômbia — Precursor do Vôo Cégo em nossa terra — Na VASP e na Panair do Brasil.

Texto de Paulo Corrêa

Através dos seus cem anos de passado tradicional e glorioso, a Fôrça Pública de São Paulo tem dado à nossa terra homens que, pela sua conduta e pelas suas realizações, se tornaram credores da admiração de todos.

São os indivíduos privilegiados, enamorados do grande ideal, que fazem a glória da Corporação e deixam, após sua passagem, um rastro luminoso balizando o rumo da esperança para os outros.

Ismael Guilherme foi, sem dúvida, um desses e seu nome deve ser colocado, por isso, entre as grandes figuras da Fôrça Pública.

Conheci-o no Aeroporto de Baurú, em 1941. Eu voava nas proximidades do Campo, quando divisei, ao longe, um grande bi-motor. Dei passagem: era um "Lockheed-Lodstar" que, após a tomada de campo, pousou na clássica aterragem comercial.

Mesmo do alto, pude observar a perícia do piloto e brotou então em mim, o pecaminoso desejo de imitá-lo. Tentei: direção do vento indicada pela biruta; tomada de campo e curva de 90°, bôa visibilidade da pista, ao nariz do Wacco; planeio O.K. e finalmente... péssima chegada!

Cliche de "A Gazeta"

Desci do avião bastante desapontado e pretendi alguns esclarecimentos do Comandante do "Lockheed".



Encontrei Ismael Guilherme conversando com o instrutor Odilon Braga, da F.A.B.. A minha chega-



da ambos riram. Convieram, talvez por questão psicológica, em que eu era um grande piloto e Ismael, liderando a conversa, falára da possibilidade do tenente do 4.º B. C. deixar o Quartel para sentar-se ao seu lado, no Comando de um "Lordstar". Gostei, e a conversa prosseguiu...

## O CIRURGIÃO E O SOLDADO

23-XII-1924.

Com apenas 20 anos de idade ingressa Ismael Guilherme na Força Pública, admitido como acadêmico interno do H. M.. Um ano após, já formado, é contratado para o lugar de Radiologista e auxiliar do serviço clínico interino do Hospital. Em 1928 tem sua nomeação para o posto de 1.º ten. médico e em 1930 vê sua promoção ao posto de capitão. Os seis primeiros anos que passou arregimentado no H. M. constituem o ciclo notável da sua formação médico-militar. E' aí então, que se revela em toda sua plenitude o grande cirurgião. Certa vez Ismael ia operar um soldado da vesícula biliar (colicistectomia). Faz a raquianestesia. Antes de iniciar o ato cirúrgico, porém, o paciente entrou em síncope cárdio-respiratória. Praticamente estava morto: não respirava e não mais tinha batimentos cardíacos. Todos os recursos são empregados: oxigenioterapia, ginástica respiratória, cardiazol na veia e injeção intracárdica de adrenalina. Permanece, no entanto, a mesma situação e o soldado é considerado, a êsse tempo, morto. Ismael, porém, não perde a calma. Rápido, desinfeta a parede abdominal, incisa a fundo com precisão de mestre e

através o diafragma vai buscar o coração, fazendo massagens cardíacas.

Com o prosseguir das massagens, o coração que estava completamente parado, flácido, começa a pouco e pouco reagir e a dar sinal de vida. E' o milagre que a perícia do cirurgião realizava. O paciente vai-se reanimando e volta a respirar e o propulsor do sangue humano readquire o seu ritmo. O soldado está, de novo, com vida e a prudência manda que se deixe o ato cirúrgico inicial para outro dia. Entretanto, com a sua audácia característica, com a sua firmeza admirável e com a sua habilidade extraordinária, que fizeram dêle o príncipe dos cirurgiões do Hospital Militar, Ismael amplia a incisão e ruma agora do coração para a vesícula: liga a artéria cística, o canal cístico, efetua o descolamento e retira, em seguida, a vesícula biliar.

Era a culminação e tudo correria bem, felizmente. Ainda hoje, passados longos anos, permanece conosco a singular figura dêsse soldado, que embora reformado, ainda continua com vida...

Além de bom clínico e emérito cirurgião, Ismael Guilherme foi o introdutor da sinalização cirúrgica em São Paulo, chegando mesmo a idealizar um aparelho, que empregou com sucesso.

Entretanto, não se detem. Não para aí a sua atividade multifária. Não para aí a série de realizações do médico môço, do oficial capaz. O seu olhar também está voltado para a imensidão do espaço. E' o ideal azul, é o pendor para a aeronáutica que o arrasta como uma fatalidade irremovível. Frequenta a Escola de



Aviação da Fôrça Pública por onde se breveta, figurando, após, no seu quadro de instrutores, para dentro em breve se credenciar junto aos mais competentes pilotos da época.

## REFORMADO

### ADMINISTRATIVAMENTE

Cavaleiro do grande ideal, em Outubro de 1930 segue para o setor de Ourinhos, em operações de guerra, e recebe o seu batismo de fôgo no chão áspero de Catiguá. A sua primeira campanha constitue a pedra de toque na qual se reluz o ouro de puro quilate do soldado de escól.

Vem depois 1932 Vem depois a cruzada grandiosa de São Paulo para a Constitucionalização do Brasil. Como uma só alma, como um só corpo, o Estado se levanta e brada aos quatro ventos da Terra Bandeirante que necessário se torna o domínio das improvisões. E o povo responde bem ao apêlo. Faz-se de tudo: bonus de guerra, selos para o Corêio, capacetes de aço, trens blindados, munições e granadas.

E' nesse momento histórico que Ismael deixa, de novo, o Corpo de Saúde para improvisar, com os restos da extinta Esquadrilha da Fôrça Pública de 30, o Grupo Mixto de Aviação Paulista, do qual se torna Comandante.

Com denôdo, inteligência e esfôrço, dá ao Grupo incremento vertiginoso, construindo hangares em poucos dias, organizando os serviços auxiliares, distribuindo esquadrilhas para vários setores da luta e cruzando também o espaço à frente de seus comandados.

Após a derrota da Campanha Constitucionalista, Ismael conside-

rado prócer da Revolução, por decreto de 29-XII-32, é reformado administrativamente. O golpe porém não lhe quebra o ânimo e nem o afasta da luta. Há naquele corpo delgado uma polarização de energias.

### NA CONSTITUINTE PAULISTA

Em fins de 1933 reverte ao serviço ativo e em 1935, mercê da sua popularidade e do seu prestígio, é eleito deputado pelo antigo Partido Republicano Paulista. Toma assento na Assembléia do Estado em 9-VII-36 e surge, ainda, uma nova oportunidade para demonstrar também o seu valôr como parlamentar, grangeando assim o respeito e a admiração dos seus pares.

### PILOTO DOS MAIS HÁBEIS

Integrado na falange dos que diuturnamente trabalham pelo engrandecimento do Brasil, Ismael Guilherme cheio de credenciais que o recomendam ao respeito e à admiração de todos, é além do grande cirurgião e do prestigioso deputado, um administrador de largo descortínio e um dos pilotos mais hábeis da nossa terra. E' por isso que o Govêrno Paulista o chama para superintender a Aviação Aérea de São Paulo, em 1938.

Aviador apaixonado, técnico na matéria e dotado de largo tirocínio, estuda e cria novas linhas para a VASP, as quais se estendem até Goiânia e Porto Alegre.

### PRECURSOR DO VÔO CÉGO EM NOSSA TERRA

Em 1938 viaja pela Europa e realiza, na Alemanha, com ótimo aproveitamento, um curso de vôo cégo,



concluindo em 1939. De regresso ao Brasil, imprime regularidade e segurança às viagens da Empresa que superintende. Uma de suas primeiras preocupações é criar a "Escola de Aperfeiçoamento e Vôo Cégo", que logo se torna uma esplêndida realidade.

Nacionaliza, em seguida, as tripulações dos trimotores da VASP, os famosos "Junkers JU-52".

Quando a Companhia adquire mais um destes aparelhos, coube a Ismael Guilherme a tarefa de ir buscá-lo na Colômbia. Em Junho de 1941, vai êle a Barranquilla e inscreve na história da aviação brasileira uma façanha que mereceu citação na época. Decola em Barranquilla e após algumas etapas atinge Corumbá. De Corumbá vem em vôo direto para São Paulo, cobrindo um percurso de 1.260 quilômetros em tempo reduzido.

Em fins de 1941 é convidado a integrar o quadro de Pilotos Comandantes da "Panair do Brasil", para onde se transfere.

### A ÚLTIMA RÓTA

Grande entusiasta da aviação civil e comercial a Ismael Guilherme se deve o brevetamento de grande número de pilotos e grandes realizações em pról do desenvolvimento da aviação. Piloto dos mais notáveis que São Paulo tem tido, cumpre no último ano de sua vida "performances" magníficas, cruzando os

céus da Pátria em todas as longitudes. Assim é até Setembro de 1942.

No dia 28 de Setembro dêsse ano parte do Rio de Janeiro, pela manhã, no comando da sua aeronave, com destino a São Paulo e Porto Alegre. Entretanto, a morte o vem colher, nas proximidades da Represa de Santo Amaro.

\* \* \*

São Paulo perdia, assim, um aviador completo, um dos mais competentes pilotos da aviação nacional, por uma dessas fatalidades dolorosas. — A Fôrça Pública perdia, também, um dos seus mais brilhantes oficiais que sempre a havia honrado e que sempre lhe realçava o nome.

O seu desaparecimento abriu uma grande lacuna no quadro dos mais destacados pilotos sul-americanos.

Trabalhando pela autonomia das asas nacionais, desapareceu nos arredores da Capital Paulista, cortando o céu de Anchieta e Nóbrega e abraçando, altaneiro, o cinzento "fechado" da sua neblina.

Como o filho que retorna saudosos ao lar paterno, êle morreu quando, de volta, se aproximava da sua querida Piratininga, pela qual nos campos da luta tantas vezes se batera.

Ismael Guilherme, por isso tudo, transpôs os humbrais do tempo e continúa conosco, porque pela tau-maturgia do seu grande exemplo êle operou, em si mesmo, o milagre da própria imortalidade!



## SECCÃO DOS LEITORES

“MILITIA” escreve: —

Amigo leitor:—

Depois de muitos tropeços, eis-me aqui diante de ti, para enfrentar o teu julgamento. Apesar de caloura, pequena e inexperiente, sinto-me jubilosa de existir, de haver passado do terreno das cogitações para uma materialidade sensível e real.

Antes que tu, leitor conhecedor e exigente, diminúas meu contentamento, revelando meus defeitos (e eu devo tê-los tantos!) deixe-me dizer-te algo que te possa tornar tolerante.

Creou-me e deu-me forma o espírito empreendedor de um pequeno grupo de companheiros cujas únicas credenciais para isso eram o entusiasmo e a dedicação. Emergi da onda de ceticismo comodista como símbolo de nossas possibilidades latentes, expressão minúscula mas real das energias adormecidas dentro da nossa gente. Gostaria, pois, que me observasses por êsse prisma, que penso ser mais importante, esquecendo-te, por enquanto, de minha forma simples, de minha falta de pose e de requinte.

Das minhas falhas e senões materiais já estão conscientes êsses amadores esperançosos que comigo perderam suas horas para dar-me forma e vida. Nem o carinho do creador para com sua obra, nem a euforia de ver a ideia transformada em realidade, encobririam a seus olhos minha roupagem de pobre, meu desajeito de principiante.

Entretanto, seu elevado ideal não lhes permitia se deterem nessas minúcias. Para êles, mais que tudo, preocupava a concretização da ideia. Porque depois de concretizada, pretendem êles entregar-me aos teus cuidados, e o fazem agora, para que o teu bom gosto e experiência me dêem o colorido e brilho de que necessito para ter o conceito que mereço.

Sim amigo leitor, para que “Militia” seja pujante e permaneça assim, muito além do que a realidade que sou deixa entrever, é indispensável teu irrestrito apóio e dedicada colaboração.

Nada me é tão fundamental, nada pleitearei com tanto afã e persistência, que o direito de servir à Fôrça Pública, sendo a tua REVISTA, porque êle representa a razão de ser de minha existência. Sinto que só serei algo de marcante e fundamental na vida de nossa comunidade quando fôr a expressão da tua cultura, a seara de tuas idéias, o porta-voz de tuas aspirações. A Fôrça está numa fase de grandes realizações. A corporação precisa de tua capacidade e iniciativa e eu não tenho outras pretensões sinão a de servir de veículo de tuas idéias e interesses, levando a teus companheiros mais distantes a essência de tua imaginação creadora, espalhando e universalizando teus pensamentos. Tenho convicção de que não poderia ter outra idéia mais



nobre do que tornar-se assim partícipe dessa grande cruzada de renovação.

*Para essa tarefa para mim gloriosa de ser a tua interprete não posso prescindir, porém, da tua inteligência, do teu senso artístico, da tua experiência, através de tua colaboração frequente e de tua crítica tolerante e construtiva.*

*De ti depende fazer-me motivo de orgulho para a Fôrça, engrandecendo o teu nome e a tua gente. O meu futuro será escrito por tuas mãos, e eu confio em ti.*

*cordialmente*

**"MILITIA".**

Com esta iniciamos a Seção dos Leitores. Ela terá a seu cargo toda a correspondência sôbre matéria publicada ou publicável desta revista.

Embora nossa preferência seja por sugestões que visem melhorar a apresentação da revista, receberemos com agrado críticas ponderadas sôbre qualquer assunto de interesse geral. Apenas pedimos que nesses casos completem suas observações com orientação prática e exequíveis.

Relembramos nossos colaboradores que uma das principais finalidades desta revista é bater-se pelo aperfeiçoamento de nossas instituições, quer atualizando as existentes quer criando novos organismos mais eficientes. E é, sem dúvida, pelo exame das falhas e deficiências das atuais, que se pode caminhar para tal "desideratum".

Isso não quer dizer, entretanto, que encorajamos o apredejamento indiscriminado de tudo o que temos. Essa atitude, além de ser injusta, viria dar a impressão aos que nos conhecem pouco ou mal de que não

temos senão defeitos e mazelas, o que, graças a Deus, está muito longe da verdade.

Assim sendo, muito embora sejam os autores responsaveis pelos artigos assinados, alertamos nossos colaboradores que não publicaremos críticas ou comentários que constituam censuras diretas a quem quer que seja, ou que contenham êrros de interpretação capazes de provocar desarmonia em nossa coletividade.

Estamos convencidos de que grande parte de nossos companheiros tem idéias interessantes e aproveitáveis, que merecem ser conhecidas pela nossa Fôrça. E' indispensável, porém, que sejam formuladas com a serenidade e moderação que nossa condição exige.

Esta disciplina intelectual é um grande problema não só nosso, como brasileiro, e "Militia" pretende com esta nota não só firmar uma orientação, como prestar sua modesta contribuição, para solver essa magna questão.

#### O PRESENTE

- Este perfume é um ótimo presente para o comandante.
- Como assim ?
- Faz logo despertar a féra que há dentro dele.





Cavalheiro Freire

São Paulo, dezembro de 1947.

Fóra, cantava em róda um grupo de crianças,  
acordando lembranças,  
como sempre acontece,  
nos frios corações das velhinhas em prece :

“Menina, volta para casa,  
vai dizer a teus pais  
que a agulha que se perde  
não se acha mais” ...

Era, se não me engano, a noite do Natal,  
tão caprichosa em côres,  
em mimos e rumores,  
que parecia bem uma noite oriental !

Os sinos bimbahavam  
festivamente ...  
e as crianças cantavam  
ruidosamente :

“Palma, palma, palma.  
pé, pé, pé,  
róda, róda, róda,  
carangueijo peixe é ...”



*Sentada no portão da casa iluminada,  
a caipirinha humilde escutava, calada,  
todo aquele rumor, toda aquela algazarra  
de bombas e clarins, de gritos e fanfarra,  
de apitos de sereias,  
de libações nas ceias;  
tudo quanto, afinal, nas grandes capitais,  
tem visos de progresso e ressaibos de luxo,  
ou simula, talvez, exótico debuxo  
da vida de Paris trazida nos jornais!...*

*Como vem tão diversa esta noite harmoniosa,  
nestes tempos de vida intensa e fragorosa!...  
Enquanto o riso estruge e rodopía a dança,  
vertiginosa desce a concha da balança  
que regula a justiça;  
a indiferença é agora a ponte levadiça  
que abaixa a cada instante e a todos dá guarida  
no castelo da vida!*

*E a pobre empregadinha estava no portão,  
achando muito estranha aquela profusão  
de luzes e cantarés.  
Na vila em que nascera, à sombra dos palmares,  
era tão diferente,  
entre os da sua gente,  
a noite em que nasceu o meigo Salvador!  
— Havia em sua terra um pouco mais de amor!...*

*Guardavam com respeito as tradições de outróra,  
e, à noite, era bonito ouvir-se a qualquer hora  
a cantiga dos carros,  
que vinham do sertão, de longe, dos engenhos,  
fazendo mil empenhos  
para assistir, na vila, à Missa do Natal!...*

## II

*Na sua terra, tudo era mais natural,  
mais simples, mais singelo,  
desde o chale de lã e o clássico chinelo,  
à mais robusta fé do chefe da família,  
guardando do Natal a sagrada vigília!*

*E os sinos continuavam  
a bimbilhar...  
e as crianças cantavam  
sem descansar!*



"Ciranda, cirandinha,  
vamos todos cirandar;  
vamos dar a meia volta,  
volta e meia vamos dar..."

Alguem lhe disséra, quando éla partira,  
que a gente da vila era rude e caipira  
a mais não poder!  
não tinha os requintes dos grandes progressos,  
alheia vivia aos enormes sucessos  
do humano saber!

E a pobre empregadinha acreditou,  
e mesmo prelibou  
a vida encantadora das cidades,  
no furtivo ondular das novidades!

Chegou-lhe, porém, muito cedo a certeza  
que o povo da roça conhece a nobreza  
mil vezes melhor!  
Naquela vivenda ninguem se lembrava  
de Deus ou do pobre que à porta passava  
— do velho ao menor!

Em vão éla pedira e muito aos seus patrões,  
para vêr o presepe e à Missa ir assistir;  
disseram-lhe, porém, que sobre tais questões  
nem devia tocar, não convinha insistir.

Derramavam os sinos  
as notas argentinas...  
novas trovas e hinos  
cantavam as meninas:  
"Tanta laranja madura,  
tanto limão pelo chão;  
tanto sangue derramado  
dentro do meu coração..."

Era tão diferente, em sua amada terra,  
a noite em que nasceu o Menino Jesús;  
desde a lua banhando os píncaros da serra,  
até o canto do galo, aos alvares da luz!

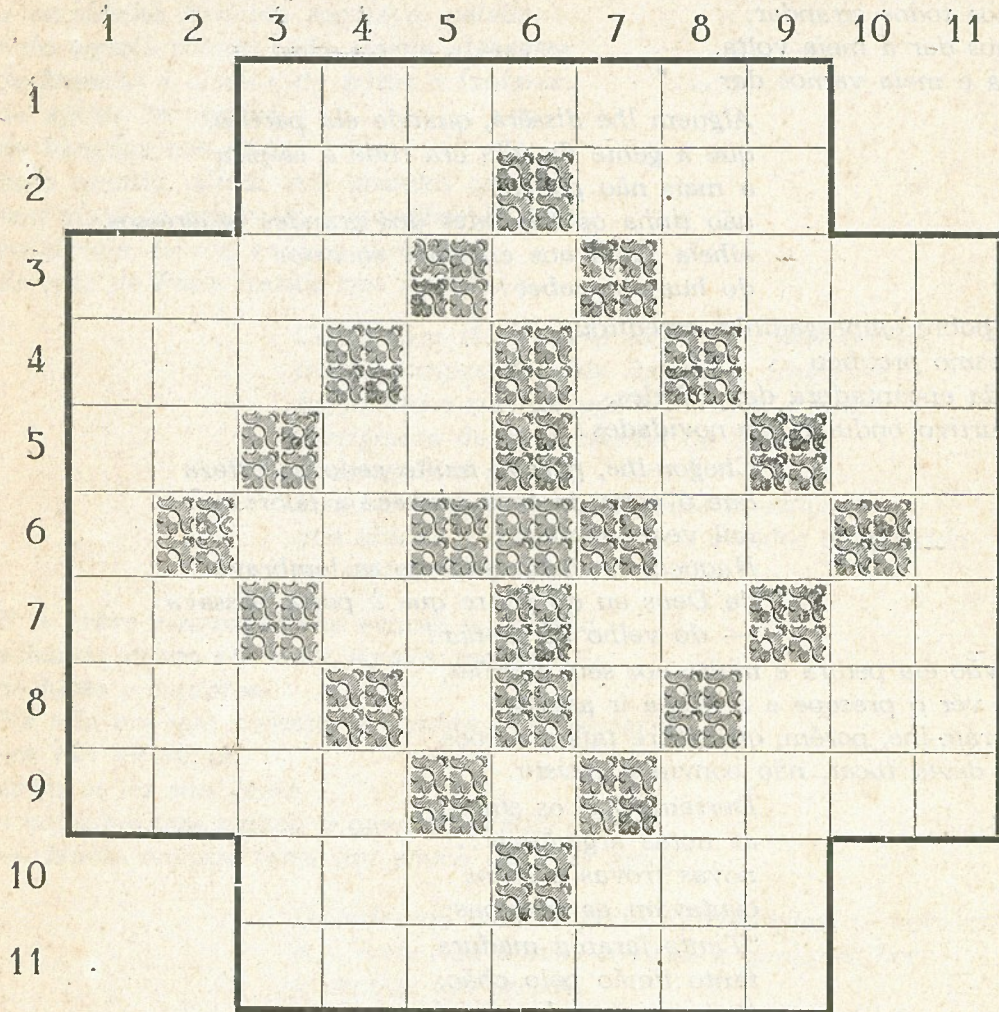
E, triste, a empregadinha  
entrou para a cozinha,  
repetindo consigo  
aquele canto amigo:

"Tanta laranja madura,  
tanto limão pelo chão;  
tanto sangue derramado  
dentro do meu coração..."



# PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido por A. B. M.)



**Horizontais:**— 1 - Rei. 2-Sal de fruta; “o mesmo”, sem a 2.<sup>a</sup> 3 - oferecido; artigo feminino; malvados. 4 - ligação; consoante; vogal; sorriso. 5 - Deusa Egípcia; pessoa que fala; perversa; artigo no plural. 6 - artigo plural; clima; encherguei; vogal. 7 - Contração de prep. c/ artigo fem.; art. pl. ; nota musical; sufixo fem. 8 - 24 horas; art. masc.; vogal, pronome latino (invertido). 9 - Africano; art. masc.; haste de madeira lisa e torneada. 10 - óxido de cálcio; instrumentos. ; 11 - Semelhante.

**Verticais:**— 1 - Disputa. 2 - lado; confia (invertido). 3 - Pavor; art. fem.; caixa grande. 4 - Antes do 10.<sup>o</sup> (s/a 1.<sup>a</sup>); época; navio. 5 - laço; despido; isolado; nota musical. — 6 - Vogal; art. fem.; art. mase.; Leste. — 7 - Sorri; prep.; batráquio; estação da Central (sem a última). 8 - Centena; Salve; animal doméstico (inv. e s/a última). 9 - verbo; vogal; Pato.

10-dirige (sem a 1.<sup>a</sup>) - filtra (inv.)

11-SÓ.



# SEARA ALHEIA...

Da "Defesa Nacional", número de Março de 1946, transcrevemos abaixo o brilhante ensaio do cap. Otávio Alves Velho, pelo seu palpitante interesse para nossa Corporação, nesta fase de realizações que atravessamos. As sugestões contidas nesse trabalho são de tal alcance e oportunidade, que, apesar da carência de espaço, procuramos apresentá-lo aos nossos leitores com o mínimo de cortes possível, para não mutilar o seu conteúdo.

## Psicologia - Recrutamento - Instrução.

Falha importante na preparação de nossos oficiais vem sendo apontada há vários anos e por diversos chefes militares dos mais abalizados. Até hoje, porém, em pouco se alterou a situação.

Referimo-nos ao fato, chocante nos tempos que correm, de não figurarem, nos programas de formação técnico-profissional de nossos quadros, as duas cadeiras básicas para quem se destina ao mister de instruir e comandar, na paz e na guerra: — a Psicologia e a Pedagogia.

Como compreender que se dispenda tanto no estudo do material — sua organização, funcionamento e emprêgo — e não se cogite do estudo do homem?

Por mais que evolua a técnica e se aperfeiçoem os meios e processos de combate, é indiscutível — acaciano mesmo — que o elemento primodial da luta armada será eternamente o homem. Ninguém, senão êle, é que conduzirá e manejará os petrechos, armas e engenhos, sejam êles terrestres, aéreos, aquáti-

cos, submarinos ou se revistam de qualquer um dos aspectos fantásticos imaginados pelos mais arrojadados escritores de ficção.

A ação social do oficial do Exército — tão magistralmente definida, há anos, pelo insigne Marechal Liautey — é, particularmente no Brasil, ampla e multiforme, mesmo nas condições normais de paz. Todos nós sabemos muito bem quão profundas são as repercussões de nossas palavras, atitudes e gestos, aí por êsse imenso país afora, mormente nas guarnições do interior, onde a figura do militar assume foros idênticos à do médico rural e do sacerdote, na qualidade de guia espiritual e intelectual do povo. (1).

De nada valerão os melhores campos de instrução dotados do mais abundante e aperfeiçoado material: pouco significado terão quantidades fabulosas de munição, alvos, equipamento, etc.; irrisório será o rendimento de penosas jornadas, noites de vigília, marchas extenuantes, exercícios de dupla-ação e com munição de guerra, pistas de obstáculos pesadíssimas — se tudo isso não

(1) — Para os oficiais das Polícias Militares o problema cresce ainda de importância, pois além do mister de instruir e comandar, que lhes cabe como reserva militante do Exército, há ainda as funções policiais, que são fundamentalmente de sua competência. Através destas, como mantenedor da ordem e segurança públicas, o oficial tem, nas grêves, agitações, trânsito, diversões públicas, e policiamento em geral, contáto íntimo e frequente com o povo. Para êle, Psicologia não constitui um luxo mas um instrumento eficiente de trabalho.



fôr acompanhado de perto e vivificado continuamente por um inteligente e judicioso, constante e progressivo "treinamento psicológico".

Ora, para desenvolver tal treinamento não será preciso que os subalternos sejam psicólogos argutos ou eméritos pedagogos. Mas é indiscutível que — todos êles, e máxime os comandantes de sub-unidades — deverão ser senhores de um mínimo de conhecimento de psico-técnica e pedagogia que lhes permita, não só acompanhar e executar as diretivas traçadas pelos órgãos superiores como igualmente adaptá-las às variações individuais naturalmente apresentadas por seus subordinados, escolhendo os processos mais convenientes para a instrução de cada um, dentro do método geral preconizado. Também deverão saber distribuir as tarefas por seus auxiliares, conforme as aptidões, capacidades e inclinação pessoal de cada um. Por fim, para cumprir à risca o seu papel, deverão estar habilitados a apresentar sugestões rezoáveis e propor justificados acréscimos ou diminuições, quer nas horas de trabalho, quer nos resultados a atingir.

Inegavelmente o Exército possui um esplêndido corpo de instrutores, que muito tem realizado no decurso dos últimos decênios, apesar de tôdas as deficiências de sua preparação psico-pedagógica e dos obstáculos materiais. E' sobejamente conhecida a habilidade especial dos nossos oficiais para improvisar re-

ursos, crear variantes, inventar meios.

Porém, por trás de tudo isso, quanto tempo e energias malbaratados? Quão melhores não poderiam ser os resultados se abandonássemos o "auto-didatismo" em que se vêm formando gerações intermináveis de instrutores, mestres na mais lúdima acepção do termo? *A idade de um erro não o justifica, nem lhe assegura direitos; pelo contrário, é um motivo a mais para ser combatido ou removido com urgência.*

Já possuímos um ótimo começo em casa, o da "Escola de Educação Física do Exército", onde existe, há tempos, o ensino da Pedagogia. Limita-se, todavia, a uma aplicação imediata dos princípios daquela ciência ao campo especializado da Educação Física. Cumpre-nos levar a solução mais longe e generalizá-la, principalmente a preparação desde a Escola Militar e completando-a posteriormente nos corpos ou em outro estabelecimento de ensino. Parece-nos justo devermos ter, de um lado, nos Estados-Maiors, na Diretoria de Recrutamento e na Diretoria de Ensino do Exército, oficiais especializados e aptos para supervisionar a seleção e a instrução dos quadros e da tropa à luz dos preceitos científicos da Psicologia e da Pedagogia; de outro, nas escolas e unidades, executantes conhecedores dos processos modernos de ensino e de determinações das qualidades morais e intelectuais dos seus comandados. (2).

(2) — "Mutatis mutantis" a situação é idêntica para nós, com relação a Escola de Educação Física, ao C.O.C., ao Q.G., a Secção de Alistamento à Diretoria Geral de Instrução e à Direção de Ensino do C.I.M.. A nossa Escola de Educação Física já contou mesmo com um gabinete psicotécnico mas, infelizmente, não chegou a sair do papel.



Levamos anos e anos fazendo, em nossos quartéis, os célebres exames morfo-fisiológicos, organizando fichas complicadíssimas e intermináveis, dependendo as horas de folga na coleta de dados bio-tipológicos, no cálculo de índices e coeficientes, no traçado de bizarros perfís, e tantas outras coisas. Tudo isso, contém frizar, sem muito resultado concreto, pois geralmente quando se possuía uma idéia sobre o tipo e a categoria física do soldado, estava-se quase na hora de licenciá-lo. Hoje, afortunadamente, aquelas fichas já se revestem de feição mais prática, e logo no início do ano de instrução pode-se fazer o grupamento homogêneo dos homens e os programas de treinamento adequados.

Porque, perguntamos, não fazer coisa semelhante — simples, objetiva e cientificamente correta — no que diz respeito à parte psicológica? Não será porventura, tanto ou mais necessário o grupamento homogêneo sob o aspecto psíquico (moral e intelectual) do que o relativo aos caracteres somáticos-fisiológicos? Se há graves riscos para o indivíduo em submeter seu organismo a esforços superiores às suas limitações materiais, não os haverá — e até bem maiores — no querer que homens de idade mental diversa, de capacidade de apreensão desigual, acompanhem um mesmo ritmo de aprendizagem? Sem falar na eventualidade de eclosão de complexos negativos no íntimo do soldado, não serão enormes os prejuízos para a

sub-unidade, a unidade, e mesmo para o Exército inteiro? Se existe o grupamento dos “poupados físicos”, como não crearmos — com mais ponderáveis razões — o dos “retardados mentais”? E se os poupados físicos devem ser separados consoante a natureza de suas deficiências, não deveremos logicamente usar de processo análogo com os retardados mentais? (3).

Deve-se ter bem em vista que os benefícios de tal ordem de medidas se fariam sentir tanto no adiantamento da instrução (em ritmo e intensidade) e no grau de adextração da tropa (que se tornaria mais homogêna, maneável e coesa) como no estado disciplinar da mesma.

Se soubermos que um soldado possui a idade mental de 7 ou 8 anos apenas, e que outro é mentalmente adulto, não inculparemos, sem demorado estudo, o primeiro das faltas do segundo, nem tampouco colocaremos êste no mero papel de cúmplice ou testemunha inocente. Poderemos, na instrução geral e na educação moral sobretudo, olhar com mais carinho e atenção para os retardados — infelizmente ainda asás numerosos em nossas fileiras, devido ao próprio nível mental baixo da média do povo — de modo a ajudá-los, guiá-los, evitar que cometam transgressões por inadvertência ou incorram em crimes por incompreensão. Para a Justiça Militar seria, sem dúvida, de incalculável valia a identificação dos solda-

(3) — Para sentir-se realmente a força desses argumentos seria necessário ter trabalhado como instrutor em nossas escolas de recrutas. Nesses agrupamentos de instrução, que primam pela heterogeneidade, a realidade nos mostra, em aborrecimentos e trabalhos, a necessidade de mentalmente falando, mandar-se de início, cobrir por altura.



dos sob os aspectos de personalidade, temperamente e desenvolvimento mental — muito mais do que o burocrático fichamento dactiloscópico.

## II

O nosso grande aliado e amigo, os Estados-Unidos, país intrinsecamente pacífico, pode-nos oferecer ótimos exemplos neste sentido. Mas neste, como em muitos outros, será perigoso querermos limitar-nos a copiar aquilo que lá foi feito. Todos os dados do problema são diferentes — educação do povo, organização social, hábitos de vida e alimentação, padrão econômico, atividades civis dos cidadãos, organização militar, etc. — para que se queiram adotar as mesmas soluções. Por isto frizamos bem: “exemplos”, e não “modelos”.

Por ocasião da guerra de 1914-18, a nação norte-americana teve de aprestar, em curto prazo, um contingente expedicionário de aproximadamente um milhão de homens. Conquanto lá não existisse o serviço militar obrigatório, e fôsse, na época, muito reduzido o seu Exército, graças à sábia orientação dos administradores, à competência e patriotismo dos cientistas e professores, e ao alto desenvolvimento alcançado pelas investigações de psicologia experimental e pedagogia, logrou-se, em um lapso de tempo bastante exíguo, selecionar racionalmente êsse milhão de combatentes e enviá-los aos campos de França, onde o seu comportamento provou a excelência do método.

E' fato que houve êrros, o que era de esperar tratando-se da primeira experiência de testes coletivos

em larga escala. O sistema “Army-Alpha”, como ficou sendo conhecido o conjunto de provas utilizado, fôra fruto de investigações quase só de laboratório, e sua primeira comprovação efetuou-se perante o mais inexorável e intolerante dos examinadores — A GUERRA.

Felizmente os ianques possuem em sua personalidade nacional, como traço marcante e característico, a faculdade de reconhecer pública e francamente seus próprios defeitos e enganos, de não carecer de segunda demonstração para se emendarem. Muito embora, terminado o conflito de 1918, voltassem os sonhadores e visionários mais ou menos bem intencionados de sempre, a apregoar que nunca mais haveria guerra e que era chegada a oportunidade do desarmamento universal, o Exército Americano recolheu cuidadosamente os ensinamentos daquela primeira tentativa e ficou meditando sôbre as cifras e observações assim catalogadas. - Diminuíram-lhe os efetivos, reduziram-lhe as verbas orçamentárias, extinguiram vários de seus departamentos. Porém, muitos dos famosos psicólogos e educadores que com êle haviam colaborado em 1917, na organização e funcionamento dos serviços de seleção do pessoal, prosseguiram em seus estudos, estatísticas, locubrações. Extra-oficialmente o Exército estimulava-os, animava-os, fazia-lhes consultas, debatia problemas, por intermédio de alguns de seus chefes mais exponenciais.

Êsse trabalho silencioso e sem apôio governamental, não foi vão. Antes mesmo de Pearl-Harbor, quando a conflagração já levrava



na Europa, os Estados-Unidos começaram a sair do longo "intermezzo" pacifista e o Exército deu início à experimentação dos ensinamentos e teorias acumulados naqueles vinte e tantos anos. Quando, enfim, chegou o momento da mobilização geral, grande parte dela já estava convenientemente preparada e fácil foi desencadear o complexo mecanismo do recrutamento científico de milhões de homens para as múltiplas armas e serviços, as corporações da Defesa Civil, os diversos setores da indústria bélica, a contra-espionagem, a defesa contra a sabotagem e a "5.<sup>a</sup> coluna", etc.. Não houve, desta vez, a imprevisão de 1917, e conseqüentemente, os resultados são os que figuram diáriamente no noticiário oficial e nas páginas dos jornais. (4).

Uma das coisas úteis e curiosas que o Serviço de Seleção preparou com antecedência foi uma espécie de dicionário de profissões, abrangendo a totalidade das formas de atividade profissional de um povo como o norte-americano, que as possui das mais originais e surpreendentes. Paralelamente, foi organizada uma coleção de testes relativa

a cada profissão, para verificar a eficiência e os conhecimentos dos conscritos nas que êles declarassem haver exercido. Pois lá, como em nosso país, é comum se encontrar um cidadão que já teve umas seis ou dez profissões e não sabe dizer em qual é mais capaz: — o Exército se encarrega de resolver a dúvida no momento mesmo da apresentação, e encaminhá-lo para onde poderá trabalhar mais de acordo com seus penhores e talento (A).

### III

Estamos ouvindo o argumento de que lá tudo isso é viável porque se trata da nação mais rica do mundo, em que nada falta, a começar pelo "nervo da guerra": o dinheiro. Devemos convir, no entanto, que em se tratando de um país pobre, em que as verbas são escassas e o material exíguo, maior deve ser o interesse em aumentar a eficiência do trabalho e reduzir os tempos-mortos, as tentativas frustradas, as energias, o dinheiro gasto inutilmente com indivíduos que não estão aptos a fazer o que deles se exige. Para isso nada melhor do que dar tudo na

(4) — O presente ensaio foi escrito em julho de 1944, quando as tropas norte-americanas colhiam vitórias em todos os teatros de operações.

(A) Nas Forças Armadas Norte-Americanas os conscritos ou voluntários, antes de serem submetidos a qualquer treinamento, são, depois de declarados aptos pelos médicos, examinados pelos psicólogos para determinação do nível mental, temperamento e traços gerais da personalidade bem como de suas aptidões mais pronunciadas.

Estes exames são de grande importância pois deles decorrem, geralmente, a indicação da arma, da unidade de treinamento, seu gráu (escolas de quadros ou especialidades). Mesmo aqueles que depois de algum tempo se revelam mais capazes através da observação de seus chefes, só irão para as escolas de formação de oficiais si as suas fichas psicológicas não contiverem contra-indicação. Essas fichas são de igual maneira consultadas todas as vezes que se quer alterar as funções de um militar, seja para designá-lo para misteres especiais, seja para promovê-lo ou recompsá-lo.



preparação, afim de se lucrar na execução. (5).

Não negaremos que será necessário muito esforço, tenacidade e despesa até aparecerem os primeiros resultados concretos. Porém, depois, com a experiência adquirida e uma vez formado um corpo de especialistas com conhecimentos sólidos, poucos se lembrarão dos sacrifícios passados, ante os incalculáveis melhoramentos que surgirão por toda a parte.

Já há, no Brasil, vários professores e psicólogos, no meio civil, assim como funcionários da Divisão de Seleção do D. A. S. P. que estudaram a questão em diversos países estrangeiros, sobretudo nos Estados Unidos, Inglaterra, Bélgica e Alemanha. Não devemos, absolutamente, prescindir da sua colaboração para organizarmos o nosso próprio Serviço de Seleção, mesmo porque nenhum oficial nosso, parece, se aprofundou ainda em tal assunto a ponto de poder, por si só, nortear tão relevante empreendimento. (6).

Assim como o Exército tem fornecido seu cabedal e experiência para orientar a educação física e a

criação da indústria pesada entre nós, do mesmo passo que deu e dá, o seu labor para abrir estradas, construir pontes, estender linhas telegráficas, devassar sertões e civilizar indígenas, demarcar fronteiras e resolver litígios, colonizar regiões inóspitas e insalubres, assimilar e integrar em nosso meio os imigrantes e seus descendentes, alfabetizar milhares de patrícios e realizar tantas outras obras de benemerência cívica, social e humana — nada mais justo do que agora, dada a premência com que urge solucionar tão relevante problema de organização e instrução, recorrer aos especialistas idôneos e capazes, existentes em diversas repartições civis e escolas de nosso país.

Em breve poderemos pagar, com largos juros, êsse serviço à Nação, devolvendo-lhe os cidadãos, após a desincorporação, alfabetizados, enrijecidos física e moralmente, e esclarecidos sobre sua exata função social e vocação profissional. Dentro destes princípios gerais, obteremos os meios para bem conhecermos o nosso soldado e podermos melhor manejá-lo e empregá-lo, assim como

---

(5) — Nossos reduzidos efetivos face as tremendas necessidades de nossa função em todo o Estado, exigem homens altamente treinados para suprir pela eficiência a quantidade. Cada homem deve ter a função para a qual suas aptidões o recomendam. Com isso teremos aumentado a produtividade per capita, diminuindo os desajustamentos dos nossos homens às suas funções e tornado o seu trabalho mais agradável.

(6) — Há entre nós várias organizações com órgãos especializados em seleção e orientação profissional, tais como o SENAI, o IDORT, o Centro Ferroviário, os laboratórios de psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Escola Livre de Sociologia e Política, etc., que poderiam ser de grande auxílio para a organização de tal Serviço de Seleção. A Força, igualmente, já conta com alguns oficiais com curso de psicologia, outros que frequentaram cursos rápidos de testes e medidas, e não seria difícil formar um pequeno núcleo, caso se conseguisse direção especializada competente.



assisti-lo e ampará-lo. Ser-nos-á fácil escolher " o homem certo para a missão certa", evitando as perigosas intuições que só podem conduzir ao sacrificio de vidas preciosas e perdas de tempo às vezes irrecuperáveis nas trágicas emergências do combate atual. (7).

(7) — No número seguinte reproduziremos, em continuação, as sugestões do A. para cursos de psicologia militar. Inicialmente um curso fundamental, básico, a ser ministrado na Escola Militar e nas escolas de formação de oficiais dos Serviços e da Reserva, que também não podem prescindir atualmente dos conhecimentos fundamentais de Psicologia. Depois um curso avançado, destinado à formação de oficiais especializados, e que seria de grande interesse como contribuição no caso de serem revistos os programas do nosso Curso de Aperfeiçoamento.

FERRO - AÇO - MÁQUINAS - FERRAMENTAS - TINTAS -  
VERNIZES - ÓLEOS - ARTIGOS PARA PINTORES - LONAS -  
ENCERADOS - CORREIAS - GAXETAS E PAPELÃO AMIANTO

## ANTUNES, FREIXO & CIA. LTDA.

IMPORTADORES

Rua General Couto de Magalhães, 222.

FONES { 4-6229  
4-8626  
6-2225

CAIXA POSTAL: 4922

End. Telegr. "Anfreixo"  
SÃO PAULO - BRASIL



### LOGOGRIFOS

13 — O jogo ( 1 - 10 - 11 - 12 ) faz com que se gastem ( 6 - 9 - 8 - 8 - 4 ), em grande quantidade ( 1 - 12 - 3 - 2 ), o tempo e o dinheiro. Para o jogador, o mundo é um deserto ( 5 - 8 - 6 - 7 ). Só lhe interessa jogatina que o conserva **esquecido** de seus deveres.



14 — É ilusão ( 10 - 9 - 7 - 8 - 9 ). É lenda ( 10 - 2 - 1 - 4 ). Aquele homem ( 1 - 4 - 10 - 3 - 2 - 9 ) não sabe desenhar cogumelos ( 5 - 6 - 7 - 1 - 9 - 10 ), só sabe fazer uns pobres **rabiscos**.





# Colônia de férias do Clube Militar

(reportagem)

Com as pernas adormecidas e a retina cheia das paisagens marginais da via Anchieta, êsse monumento de engenharia, deixamos o "GILDA", ônibus que tomamos às 8 e 30, em São Paulo.— 11 horas: nossa reportagem estava em São Vicente, cidade centenária de Martim Afonso de Souza.

As "barbas" da praia, como que um reduto de sossêgo, está a Colônia de Férias do Clube Militar, marcando com os seus quatro andares erguidos para o céu, uma época social na vida dos oficiais de nossa milícia. Logo à primeira vista, o prédio nos chama a atenção pela simplicidade de sua construção, cheia de janelas, por onde se vêem compartimentos amplos e arejados. Recebidos pelo tenente Bolestaw, entramos no refeitório, que ocupa o primeiro têrço anterior do pavimento térreo: um grande salão cheio de luz, onde se improvisam reuniões dansantes e outras festinhas bem animadas.

Estava na hora do aperitivo para o almoço. Aí, encontramos vários oficiais nossos velhos amigos, como o tenente Fernandinho, tenente Aparício, capitão Paulo Mariano e outros que com suas famílias alegravam o ambiente. Daqui por diante nossa reportagem guardou seu relógio e misturou-se com os hóspedes da Colônia — nesse pedaço da Fôrça, a gente se esquece das horas—.

O almoço, uma peixada suculenta com pirão, fêz jús à fama que conseguiu "mestre Cajú", o cosinheiro: Ótimo.

Depois, o tempo voou com nossas brincadeiras, passeios, onde tivemos a oportunidade de conhecer a biquinha de São Vicente, essa afamada fonte de água mineral ao lado da Colônia.

À noitinha, ao som de um rádio vitrola, dansamos um pouco, numa dessas brincadeiras que se improvisam à última hora, e em que tudo sai bem, graças ao espírito jovial dos participantes. No dia seguinte, pela manhã, nossa reportagem acompanhou os banhistas até à praia de São Vicente. O dia estava esplêndido — o mar convidativo — garôtos alegres brincavam na areia — nossas sereias em trajes de banho coloridos, ofereciam um espetáculo maravilhoso aos nossos olhos... mas, o ônibus das 9 e 30 nos estava esperando... Deixamos São Vicente, com planos para voltarmos brevemente: Até outro dia, Colônia!

A Colônia de Férias, sonho dos oficiais da Fôrça Pública, em realização, é o fruto de um intenso trabalho da Diretoria anterior do Clube Militar. A atual Diretoria vem continuando nessa obra grandiosa, não medindo esforços para seu término completo. O prédio, numa divisão harmônica e confortável, com ótimas instalações, está em condições de hospedar mais de cem pessoas.

Parabens, Fôrça Pública! Êsse marco de progresso plantado às fraldas do mar, mostra o quanto é capaz a boa vontade dirigida.





O mar estava convidativo... crianças brincavam alegres... as serêias da nossa colônia enfeitavam a praia debaixo da carícia de um só de primavera: S. Vicente é um poema da natureza...



# Estopim

## SABEDORIA DA CLASSE

Número 1

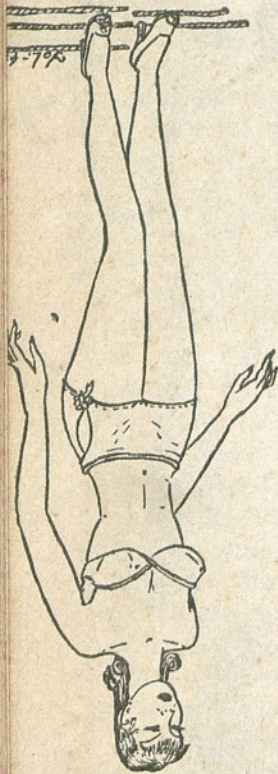
- XXX -

Texto e Ilustração de Yol.

### Pode acontecer

Conhecer muita lática de divisão e não saber dividir.

**NÃO VIRE!..**  
(Festê de auto domíne)



### AMBIGUIDADE



Pá . . . . . nóia

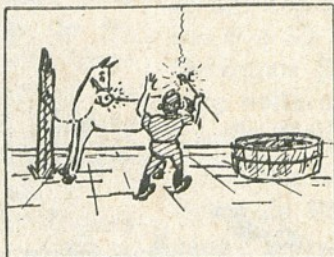
### Dicionário do Estopim

**Convalescente:** Vítima de Boletim Reservado que anda de pijama no expediente.

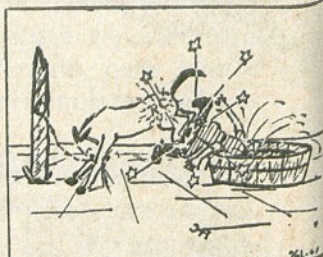
**Boletim:** Jornalzinho de Quartel cheio de itens, mas, que não tem IT.

**Mochila:** Equipamento que transforma um soldado numa Camelo.

### RIFÃO DO MÊS

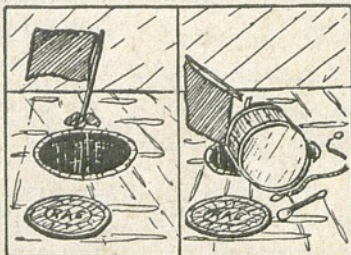


Quem com ferro fére ...



com ferro será ferido.

### HISTORIA MUDA



Triste fim de um foador de bombo.

### CONVERSA MOLE

— Sua túnica parece uma fração imprópria ..

— ???

— Óra, o numerador é maior que o denominador.

### Matemática

SF — CR = O

ma Sereia de cabeça para o que não serve para os os de bombeiros.



## A HISTORIA DELE

— Olhe “seu” tenente... o automóvel vinha por ali... quando vi, o “bruto” estava em cima da gente.

— ? !

— E’... eu só rasguei o capóte... se fosse um paisano... “tava” mortinho da silva...

## EXAGERANDO



— O fogo era tanto que não cabia no prédio...

## UM TELEGRAMA TRUNCADO — H.M.

Providencie lavagem material médico sujo pt

J. Cruz

## ENTRE SOLDADOS

— Dizem que no circo um Leão anda a cavalo.

— Isso não é nada. Eu tenho visto muitos burros a cavalo e não pago nada para ver.

Um elogio que pode prejudicar

Aquêlê soldado da guarda “não dorme de botina”.

Sugestão para o plano de uniformes



PRIMEIRO BIS

## HARMONIA

No xadrês, um prêso de xadrês, jogando xadrês.

4 dias de xadrez - verso

Estava o plantão dormindo no alojamento Um.

Veu o cabo Florindo, de vagarinho: — PUM!

## O INCHASSO

— O cabo está assim por causa de um golpe de ar, coitado!  
— Golpe de ar? — Pelo jeito que está, parece que foi um furacão

## CONVERSA MOLE

— Nosso Comandante é muito bom. Há tempos não nos encomodou.  
— Está licenciado?  
— Não: baixou ao “Araçá”.

## O CASO DELE

— Então? O major já resolveu o seu caso?

— Não! Está esperando a opinião do comandante, para contraria-la.

C.I.M.



Uma aula de transmissões

Em 1924

— ... acabou a munição... acabou a boia... nem pinga tínhamos:

A sede deixava a gente louca...

— Não tinham água?

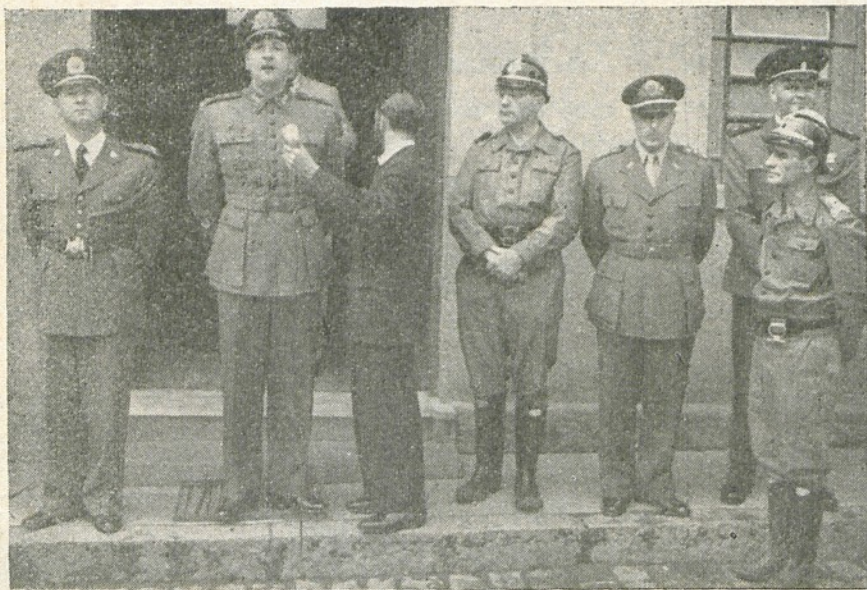
— Lógico que sim! mas quem pensava em banho naquelas horas...



# Encerramento do Curso de Adaptação para Oficiais de Bombeiros

Com a presença dos Snrs. Comandante Geral da Fôrça, Chefe do Estado Maior e Diretor Geral da Instrução teve lugar a 16 de Outubro p. passado a solenidade de encerramento do Curso de adaptação para Oficiais de Bombeiros.

Os trabalhos de coroação do curso, demonstrando a firme orientação imprimida ao mesmo, foram filmados e revelaram, na perícia dos milicianos do C.B., uma alta dose de técnica e coragem profissional.



O Comandante da Fôrça, Cel. Ferlich, sauda os oficiais que concluíram o curso. À sua esquerda está o Cmt. Odilon, Chefe do E.M., e, à direita, o Cmt. Bio, do C.B., Cmt. Anibal, D.G.I., major Esdras e ten. Pupo

(Continua na pagina seguinte)





— Demonstração de um trabalho de bombas conjugadas. —



Um bombeiro salta do prédio incendiado (*pre-sume-se*) sendo aparado em baixo, no aparaquedas, pelos seus colegas.



# IN MEMORIAM

---



*Realizou-se a 27 de novembro último, às 10 horas, na Igreja de São Bento, a missa por intenção dos que tombaram em defesa da legalidade, por ocasião da intentona comunista de novembro de 1935. A essa cerimônia — mandada celebrar pelo Sr. Gen. Renato Paquet, comandante da 2.<sup>a</sup> Região Militar — estiveram presentes numerosas pessoas, além dos representantes das autoridades civis e militares. A fotografia fixa um aspecto da missa, vendo-se entre outras personalidades, o general Paquet, o vice-governador Novelli Junior e o brigadeiro Armando Ararigboia.*



# F A L E C I M E N T O S



Major Roberto

Bàrbaramente abatido por um traçoeiro atentado, caiu fulminado a tiro de fuzil, dia 12 de Novembro último, em Sorocaba, onde sua comandava o 7.º B.C., o major **Benedicto Roberto dos Santos.**—

O major Roberto verificou praça a 6 de Março de 1920; alcançou o oficialato a 24-XII-1924; 1.º ten. a 11-X-1927; capitão a 23-II-1932 e, finalmente, major a 25-VIII-1947.—

Oficial jovem e valoroso, muito serviria ainda à Fôrça Pública, se o Destino não lhe tivesse reservado tão prematuro desaparecimento.

Morreu no cumprimento do dever, vitimado à tãra criminosa de um insano.

À família enlutada, as nossas condolências.—

## Ten. Cel. João Ferreira Leal.—

Faleceu a 14 de novembro findo, em Curitiba, onde residia, o ten. cel. rfm. João Ferreira Leal.

O Cmt. Leal era nascido nesta Capital. Alistou-se na Fôrça Pública (1.º Btl.), a 9 de novembro de 1904; foi promovido a alferes a 16 de março de 1910; 1.º ten. em 1914; capitão em 1917; major em 1927; finalmente, tenente-coronel em 1931. Reformou-se a 13 de outubro de 1931, quando comandava o 3.º B.C..

## Major Afonso Henrique Lucas.—

Finou-se nesta Capital, em 9 de novembro último o major rfm. Afonso Henrique Lucas. O Major Lucas entrou para a Fôrça em 1905, foi promovido a alferes em 1907, tenente em 1910, capitão em 1914 e major em 1927. Reformou-se a 27 de julho de 1931.—

## Capitão Anthero Alves Pacheco.—

Faleceu nesta Capital, em 29 de setembro p. passado o cap. rfm. Anthero Alves Pacheco, que ingressou na Fôrça em 30 de março de 1900, tendo atingido o oficialato a 5 de março de 1914. Reformou-se em 30-12-1930, depois de 30 anos de serviço à Corporação.

As famílias dësses camaradas MILITIA apresenta seus sentidos pesares. —



# O NOVO TITULAR DA PASTA DA SEGURANÇA PÚBLICA



O Cel. Nelson de Aquino discursando no ato da posse.

Tomou posse do alto cargo de Secretário da Segurança Pública do Estado, em data de 21 de Novembro findo, o Cel. Nelson de Aquino, que já vinha exercendo interinamente essas funções.

Ao ato compareceram numerosas altas autoridades, notando-se entre os presentes a Exma. Sra. Da. Leo-

nor Mendes de Barros e o Exmo. Sr. Arcebispo de Cuiabá, D. Aquino Corrêa.

As funções de Secretário da Segurança de São Paulo são, normalmente, trabalhosas e de pesada responsabilidade; na situação atual essas condições mais se acentuam. Auguramos ao novo Secretário uma feliz gestão. —

## São Gerônimo e o Burro

“Numa disputa entre São Gerônimo e o hereje Rufino, viu-se êste em máus lençóis ante os argumentos irrespondíveis que lhe assacou o Santo.

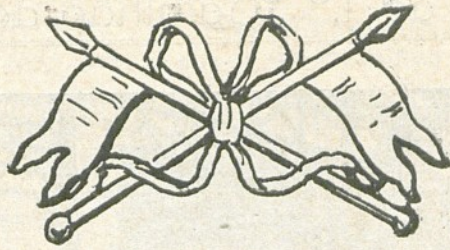
Apegou-se, então, Rufino, ao recurso comum dos que não têm mais talento ou a verdade para contestar: começou a injuriar o Santo!

— De Gerônimo a burro a distância não era grande!

— Não é mesmo — retrucou o sábio; é apenas a largura desta mesa.

Do outro lado da mesa estava Rufino”...





## Aniversário do Regimento de Cavalaria

O R. C. completou o seu 55.<sup>o</sup> aniversário a 11 de Outubro passado. A data foi festivamente comemorada, realizando-se as cerimônias regulamentares e competições hípi- cas e jogos esportivos diversos.

As origens do Regimento de Ca- valaria são encontradas nas origens da própria Fôrça Pública; são por- tanto centenárias. Todavia, sòmente em 1892 a Unidade tomou organi- zação nos moldes atuais e desde então é que passou a ter existência definitiva, visto como na fase ante- rior fôra desfeita e recriada várias vezes.

A partir de 1906 o Regimento viu- se elevado à categoria de Unidade de escol, que justamente desfruta até hoje, pois então foi reorganiza- do e instruído pela primeira Missão Militar Franceza, constituindo-se uma cavalaria capaz de merecer com- paração a todas as suas congêneres em nosso continente. Os seus cava- leiros têm brilhado nas pistas nacio-

nais e sul-americanas, engrandecen- do o hipismo pátrio.

A "Nobre Cavalaria" é indis- pensável à Fôrça para o bom de- sempenho de seu fim principal — manutenção da ordem e defesa dos poderes constituídos. O Regimento tem uma bela folha de serviços des- sa natureza, os quais continuará a prestar a São Paulo e ao Brasil. —

Salve a Tropa de Cavalaria da Fôrça Pública. —

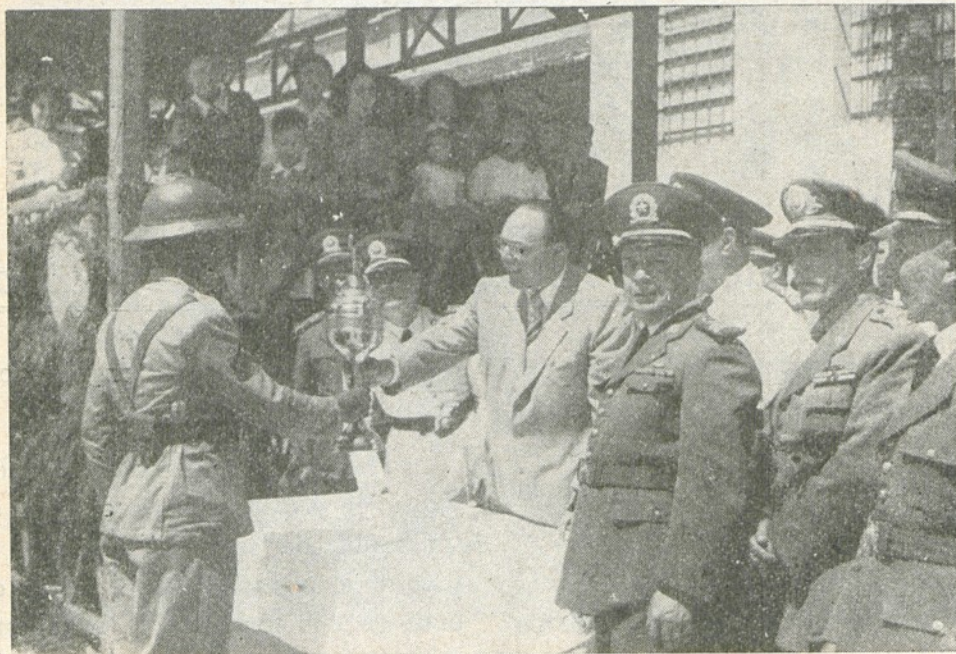
Como é do conhecimento geral, nossa revista lutou, no seu primeiro número, com grandes deficiências, tanto no que se refere à redação como à revisão.

Esperamos que a indulgência dos nossos leitores se estenda bondosamente ao nosso corpo redatorial e revisor, considerando a falta de tempo dos seus componentes e, por que não dizer, a suz falta também de experiência em setor tão rico de facetas surpreendentes.

Apesar da boa vontade dos que colaboraram na feitura deste primeiro número de "Militia", não poucos foram os cochilos da revisão, a qual, seja dito de passagem, foi feita ao galope.. E por eles que pedimos aqui as nossas excusas.



# Aniversário do 1.º Batalhão de Caçadores



Fotografia tomada no quartel do 1.º B.C. por ocasião das festividades promovidas em comemoração ao 56.º aniversário daquela Unidade.

O 1.º Batalhão festejou, também, a 1.º do corrente seu 56.º aniversário. Do boletim do Comando da unidade, relativo à data, transcrevemos o que se segue:

## “SOLDADOS !

Cincoenta e seis anos são passados da criação do nosso Batalhão.

A 1.º de dezembro de 1891, em virtude da Lei n.º 17, de 14 de novembro do mesmo ano, que dividiu o Corpo Policial Permanente em 4 Corpos, foi creado o Primeiro Corpo Militar de polícia, com o efetivo de 725 homens.

Mudaram-se os tempos, mudaram-se os homens, mas o espírito do Primeiro Batalhão é imutável, porque

imutável é a bússola que o norteia, porque imutável é a trajetória que o conduz para o objetivo de preservar a paz, servindo com desvêlo à causa da justiça.

Primeiro Batalhão ! — Honrosas tradições de audazes bandeirantes; — Vós sois a sentinela a velar o sólo brasileiro — Vós sois o coração da Fôrça Pública de São Paulo.

Orgulhai-vos soldados do Primeiro Batalhão !

Levantai vossas cabeças e gritai bem alto o vosso amor, o vosso entusiasmo pela Corporação a que pertenceis.

Soldados do Primeiro Batalhão ! Vós tendes um passado honroso a



conservar e defender. — Vós tendes um futuro para formar.

A sombra deste tétó, sob a austeridade do vosso quartel mais de uma geração vos contempla. É uma geração de bravos que passou, coberta por lauréis de imperecível glória.

Camarâdas! — Ao atravessardes ainda bisonhos os portões deste quartel, entrastes num templo, onde se cultuam o dever, o heroísmo, a justiça e a liberdade. Assumistes um compromisso com a vossa pátria, assumistes um compromisso com o passado.

Soldados do Primeiro Batalhão! — Vós sois os heróis desconhecidos.

Ninguém observa a vossa luta, ninguém vê o vosso campo de batalha. — Sois a sentinela nas muralhas dos presídios, a patrulha a rondar nas noites frias de garôa, pelas ruas de

São Paulo. Sois os mantenedores da ordem; sois a guarda, a segurança deste milhão de almas que habitam esta grande metrópole. — Vós, humildes soldados, ajudastes a construir a grandesa de São Paulo.

Primeiro Batalhão! — Desde quando surgistes, bravo, altivo pioneiro, de exemplos imortais, de estrelas fulgurantes, enchestes a pátria história.

Levantai-vos, falanges do passado! — Levantai-vos, heróis do Paraguai! Levantai-vos, expedicionários de Canudos. — Vinde soldados da Revolução Constitucionalista de São Paulo. — Vinde todos vós, cantar as glórias do nosso Batalhão, para que sintamos vibrar em nossos corações, o orgulho imenso de sermos os herdeiros dêste patrimônio incomensurável de dedicação e bravura”.

## OFICINA DE SERRALHERIA

FABRICA DE PORTAS DE CHAPAS DE AÇO ONDULADAS  
Especialidade em trabalhos artísticos — Lustres, Grades, Portões. etc.  
Executa-se qualquer trabalho em ferro batido — Solda autogênia  
e solda elétrica — Preços módicos.

### FRANCISCO CIPOLINI

Trabalha-se tanto para a Capital como para o Interior

Rua Marambáia, 124 — Tel. 5-4592 — SÃO PAULO

#### ENTRE CAPITÃES

- Você viu como a tropa chorou quando descrevi aquela minha passagem perigosa, de 1932?
- Lógico! É porque você saiu dela com vida.

#### NA BANDA

- Veja só sargento, faço tudo que quero com êste flautin.
- Porque você não experimenta quebrá-lo.



# CUSTA-NOS CRER...

(CRÔNICA ESPORTIVA)

*Por Waldemar Nogueira*

Com toda sinceridade, custa-nos crer que, apesar de todas as demonstrações de pontualidade do desporto, no mundo civilizado, encontre êle verdadeiros embargos para o seu maior desenvolvimento, dentro de nossa Corporação. Em mais de uma vez, já se tem provado, com abundância de detalhes, os benefícios que os desportes, quando bem orientados, trazem para toda uma coletividade. E destacamos antes de tudo, que é preciso compreender-se esporte, não como competição, mas, como desenvolvimento de um grandioso plano de educação física. Porisso, é com o mais vivo entusiasmo que defendo o trabalho de uma pléiade de esportistas que procura tornar uma realidade o esporte em nosso meio, situando-nos em plano de igualdade com outras corporações congêneres.

Defendo e apóio essa campanha assim como todos os justos esforços feitos em prol de outros melhoramentos, porque antes de tudo e acima de tudo, deve-se ter em mira o interesse de nossa Fôrça Pública. Assim sendo, é profundamente do-

loroso ter-se sempre notícia das dificuldades que encontram nossos esportistas na concretização de seus ideais. Em nosso Estado os esportes já contam com um apóio oficial. Culpa não nos cabe, se dentro de nossa Corporação êle ainda não é visto com a devida apreciação. Assim mesmo, vencendo mil e um obstáculos, os desportes desenvolveram-se de maneira admirável, e aí temos a Fôrça Pública ocupando lugar de marcante relevo dentro do esporte estadual. Tivemos ainda recentemente duas competições que bem atestam do valor de nossas equipes: Uma equipe, apresentou-se em Santos e sagrou-se campeã de Voleibol e Bola ao Cesto no campeonato da guarnição da Cidade; outra, disputando o campeonato de Voleibol da Gazeta, sagrou-se vice-campeã, fato êste de grande significação pelo carater que tomou a disputa. Mas o seu desenvolvimento não foi total. Ainda temos muito que percorrer. Temos que levar para o terreno das realizações um programa que se coadune com o proverbial "Mens sana in corpore sano".

---

§ Você sabia que o atleta que mais número de vitórias sucessivas conseguiu na S. Silvestre foi o soldado Joaquim Gonçalves da Silva, da Fôrça?

§ Você sabia que as corridas "Volta de Baurú" e "Alta Araraquarense" foram organizadas pelo 4.º B.C. da Fôrça?

§ Você sabia que o box foi introduzido no Brasil pela Fôrça Pública?



# Militia nos Esportes

## V CAMPEONATO POPULAR DE VOLEIBOL



MILITIA "A" — Vice-campeão do V Campeonato Popular de Voleibol.

Em outubro p. findo a "A GAZETA" promoveu o V Campeonato Popular de Voleibol, do qual participaram os melhores quadros da Capital e do Interior, inclusive dois, integrados por oficiais da Fôrça Pública, representando o Clube Militar. As duas turmas estavam assim constituídas:

MILITIA "A", cuja fotografia encima esta página: 2.º ten. José Furtado Pisani, 1.º ten. Francisco Ettore Giannico, 2.º ten. Mário Gonçalves Teixeira Jor., 2.º ten. João

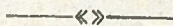


Aureo Campanhã, asp. Valdemar Nogueira, 2.º ten. Edilberto de Oliveira Melo, 2.º ten. Luiz Felipe Peçanha e 2.º ten. Ademar Ferreira.

MILITIA "B"; 2.º ten. Edmur de Moura Sales, asp. Leônidas Covelí, asp. Geraldo Corrêa, 2.º ten. Osmar Antônio Vilela Santos, asp. Aldo Campanhã, 2.º ten. Geraldo Ferreira de Carvalho, 2.º ten. Ulisses Teodoro dos Santos e 2.º ten. Maurício de Macedo Cardoso.

As duas turmas tiveram atuação destacada, principalmente a primeira, que conseguiu, com brilhantismo, classificar-se para a partida decisiva. Perdeu no último compromisso, mas seu desempenho valeu por uma consagração, merecendo o título de vice-campeã do monumental certame.

Trata-se de uma estreia auspiciosa que, esperamos, sirva de estímulo aos adeptos de outras especialidades, na Fôrça, a fim de que esta se possa ver condignamente representada nos futuros calendários desportivos das agremiações que zelam pela fisicultura dos filhos da Terra Bandeirante.



## Comissão de Esportes

Acaba de ser criada a Comissão de Esportes do Clube Militar, integrada pelos seguintes consócios: major Luiz Gonzaga de Oliveira, cap. Alfredo Condeixa F., 1.º ten. Osvaldo Feliciano dos Santos, 2.º ten. Ulisses Teodoro dos Santos e 2.º ten. Luiz Nóbrega e Silva.—

A Comissão terá como encargo incrementar o desenvolvimento da prática de esportes em geral e jogos de salão em nosso meio.

Os nomes escolhidos, todos de esportistas entusiastas, são penhor de sucesso nesse importante setor da atividade social.—





Oficiais das equipes de volei e bola ao cesto, do 6.º B.C. e C.B., sediados em Santos, que brilharam no campeonato da "Semana de Asa" promovido na Guarnição daquela cidade: Asps. Geraldo e Nogueira; tens. Mercadante e Lanzilote; asp. Campanhã, ten. Giannico, asps. Montemor e Coveli; ten. Busato. — (a partir da esquerda).

EM  
SANTOS  
(Semana

da  
Asa)



Sargentos do Corpo de Bombeiros que defenderam as cores da Fôrça, no mesmo campeonato: Sgts. Onofre Fava, Eduardo dos Santos, Antônio da Silva, Sebastião da Silva, Raul Pereira, Guilherme Vieira da Silva Filho, Fernando Guimarães Struck e Isaias de Pina.



## MILITIA AINDA EM SANTOS



Quadro de bola ao cesto de oficiais do C.B., "Campeão da guarnição de Santos" — Asps. Nogueira, Covel, Campanhã, Geraldo e Montemor.

§ Você sabia que o primeiro campeonato aberto de voleibol, organizado pela ACM de S. Paulo, foi vencido por uma equipe de nosso Corpo de Bombeiros?

Você sabia que em 1946 a nossa Escola de Educação Física foi convidada como Membro Especial ao Segundo Congresso Pan-Americano de Educação Física realizado no México, sendo os seus representantes considerados hóspedes oficiais daquele país?

§ Você sabia que o ansepeçada Luiz Bento Ramos, da Fôrça Pública, foi o primeiro brasileiro que venceu a maratona sul americana e que hoje, com 45 anos, ainda compete nas grandes provas pedestrianísticas?





Aspecto de uma disputa de Volei-bol entre oficiais



O ten. Nóbrega e sgt. Napoleão fazem dessas também.  
— Cuidado com a lei da gravidade.

Na  
Escola  
de  
Educação  
Física  
da  
Fôrça



## Ainda na Escola de Educação Física



Ten. Ulisses, ten. Nóbrega e sgt.  
Napoleão, fazendo coisas de circo  
no pórtico  
(Parada de mão em escada inclinada)



# Campeonato de Tiro da Fôrça

Realizou-se nos dias 17, 19, 20 e 21 de Novembro último, sob a direção da Diretoria Geral da Instrução, o campeonato geral de tiro da Fôrça, de 1947, constituído de quatro provas a saber:

- 1.<sup>a</sup> — revólver ou pistola (oficiais),
- 2.<sup>a</sup> — fuzil ou mosquetão (oficiais),
- 3.<sup>a</sup> — fuzil ou mosquetão (sub-tenentes e sargentos) e
- 4.<sup>a</sup> — fuzil ou mosquetão (cabos e soldados).

Obtiveram as três primeiras colocações, em cada prova, os seguintes concorrentes:

## 1.<sup>a</sup> PROVA

- 1.<sup>o</sup> lugar — 2.<sup>o</sup> ten. Felix de Barros Morgado, do R.C., com 235 pontos,
- 2.<sup>o</sup> lugar — 2.<sup>o</sup> ten. Nelson Simões Scheffer Oliveira, da I-C.I., com 234 pontos, e
- 3.<sup>o</sup> lugar — 2.<sup>o</sup> ten. José Vitor Celeghin, do C.B., com 231 pontos.

## 2.<sup>a</sup> PROVA

- 1.<sup>o</sup> lugar — 1.<sup>o</sup> ten. Antônio de Araujo, do B.G., com 243 pontos,
- 2.<sup>o</sup> lugar — 1.<sup>o</sup> ten. Adauto Fernandes de Andrade, do 5.<sup>o</sup> B.C., com 237 pontos, e
- 3.<sup>o</sup> lugar — 2.<sup>o</sup> ten. Francisco Antônio Bianco Junior, do 7.<sup>o</sup> B.C., com 233 pontos.

## 3.<sup>a</sup> PROVA

- 1.<sup>o</sup> lugar — Sgt. Querubim de Lima Franco, do 5.<sup>o</sup> B.C., com 265 pontos,
- 2.<sup>o</sup> lugar — Sub-tenente João Pinto de Caryalho, do 8.<sup>o</sup> B.C., com 248 pontos, e
- 3.<sup>o</sup> lugar — Sgt. Bernardino Pereira Oliveira, do Q.G., com 245 pontos.

## 4.<sup>a</sup> PROVA

- 1.<sup>o</sup> lugar — Cabo José Feliciano Arouca, do 5.<sup>o</sup> B.C., com 264 pontos,
- 2.<sup>o</sup> lugar — Sd. Joaquim de Oliveira, do 5.<sup>o</sup> B.C., com 251 pontos, e
- 3.<sup>o</sup> lugar — Sd. Vicente Antunes Ribeiro, do 1.<sup>o</sup> B.C., com 240 pontos.—

Os campeões de tiro, de 1947 são, portanto :

- 2.<sup>o</sup> ten. Felix de Barros Morgado, de revólver ou pistola, e
- Sgt. Querubim de Lima Franco, de fuzil ou mosquetão.

PARABENS DE MILITIA AOS CAMPEÕES



# LEGISLAÇÃO

## O que pretendemos

**A** FIGURA-SE-NOS que "Militia" prestará grande serviço ao pessoal da Força Pública, quer aos elementos da ativa, quer aos da reserva e reformados, se publicar nesta seção as Leis e Decretos federais e estaduais, bem como as Publicações dos Boletins Gerais, que lhes digam respeito.

Se as forças não nos desampararem; pretendemos, além disso, expôr aqui o andamento de certas sugestões ou projetos existentes na Câmara Legislativa do Estado. Conservaremos, dessa forma, os nossos assinantes ao par de outras questões que tenham interesse em saber, tais como a regulamentação da vantagem justíssima concedida no art. 5.º do "Ato das Disposições Constitucionais Transitórias" da nossa Constituição Estadual, conferindo aos inativos e aposentados proventos na mesma base das tabelas vigentes para os ativos de igual categoria e padrão. Dispositivo que honra os nossos legisladores, não só por ser grandemente altruista; como ainda por demonstrar que eles estão percebendo o caminho por onde deverá marchar a nossa legislação social. Não será mais possível continuar-se a ver o reformado de há vinte ou mais anos passados estar ainda percebendo proventos daquela época.

No mesmo Ato encontraremos o art. 30, concedendo na letra "e" pro-

moção ao posto imediato aos participantes da, por todos os títulos, gloriosa Revolução Constitucionalista de 1932. Ainda mais um exemplo: A sexta parte dos vencimentos atribuída aos funcionários pelo art. 98 da Constituição, não será conferida aos servidores públicos que tenham sido reformados ou aposentados antes de 9 de julho do corrente ano.

Assim, sempre que houver em pendência assuntos de particular interesse para a nossa classe, componentes ativos e inativos da F.P., e que a Câmara ou a Imprensa sôbre eles fizer referências de certa importância, divulgá-la-emos nestas colunas. E ainda mais, sempre que julgarmos conveniente, faremos acompanhar essas publicações de notas esclarecedoras ou elucidativas, que melhor facilitem a sua compreensão.

### A GUIA DE INTRODUÇÃO

De uns tempos a esta parte surgiu grande número de Leis, Decretos e Regulamentos sôbre quase todos os assuntos, baixados principalmente durante o período ditatorial. A ditadura resolvía os problemas políticos e sociais "fazendo" leis e decretos, porque isso era muito mais fácil e dava ao povo a impressão de que o govêrno estava trabalhando em seu benefício. Por isso ficou, nos tempos atuais, difícil resolver qualquer controvérsia no âmbito da administração pública. Daí a necessi-



dade de criarem-se órgãos encarregados de anotar e arquivar sistematicamente essas diversas publicações, muitas vezes contraditórias, a respeito de um mesmo fato.

Para resolver a situação verdadeiramente angustiosa em que se viram as pessoas e as repartições encarregadas de aplicar as leis, surgiu, ou melhor, procuraram e encontraram um método eficaz para registrar os diversos dispositivos regulamentares, os comentários a êles referentes e, o que é mais importante, os achar no momento que deles se necessite. O sistema mais comum para êsse fim é arquivar os assuntos em fichas, colocadas em ordem alfabética; é "batizar" a ficha com um nome e sob êle ir escrevendo tudo que ocorrer a respeito. Êsse método é o mais simples e não apresenta dificuldade alguma. Mas, por outro lado, não satisfaz inteiramente. Um dos maiores empecilhos é a sinonímia das matérias, pois um mesmo assunto pode ser tomado sob formas bem diversas e com denominações diferentes. Por ex.: *Abono de transferência e Ajuda de custo; Aposentadoria, Inatividade, Jubilação e Reforma.*

Acresce a circunstância de verificar-se que assuntos semelhantes ou correlatos são colocados no fichário em lugares às vezes bem distantes, isso porque não há ligação lógica e harmônica na colocação desses assuntos nas respectivas fichas nem em sua distribuição no competente fichário. Num fichário assim organizado torna-se difícil fornecer de pronto tudo que existe sôbre dada questão. Por ex.: Que há a respeito de pagamento de vantagens pecuniárias? Ora, parece que isso se tor-

naria bem mais fácil e seguro de ser respondido se todas as matérias es-livessem agrupadas em ordem lógica e sistemática, mediante classificação previamente estabelecida. Isso é perfeitamente viável e não constitui novidade, como veremos.

### Serviço de Documentação

Torturados por êsse estado de coisas, os estudiosos da questão procuraram adaptar a êsse serviço a classificação decimal idealizada pelo bibliotecário norteamericano Melvil Dewey. A idéia deu bons resultados: e hoje vemos diversas repartições públicas importantes do nosso Estado estabelecerem serviços especializados nesta função: arquivar em fichas todos os assuntos que possam servir de base para as informações e decisões que devam ser proferidas.

A Administração do Serviço de Fundos de nossa Corporação, em feliz iniciativa, já começou um trabalho dessa natureza, o qual está prestes a entrar em funcionamento. Oxalá possa levar adiante o empreendimento e, se o resultado fôr positivo, apresentar como sugestão para ser adotado em toda a Fôrça.

O encarregado de pôr em prática no S.F. o Serviço de Documentação tomou para base de suas atividades as "Instruções para o Serviço de Correspondência" no Ministério da Guerra, aprovadas em 21-III-1939. Dessa forma, todos os assuntos da F.P. foram distribuídos em dez classes:—

- 0 - Generalidades
- 1 - Pessoal
- 2 - Material e animais
- 3 - Administração



- 4 - Fundos e Contabilidade
- 5 - Viação e transportes
- 6 - Imóveis
- 7 - Medicina. Higiene e sanidade.
- 8 - Direito.
- 9 - Outras matérias.

Cada um desses itens será, por sua vez, subdividido em dez títulos, subclasses; cada uma dessas subclasses será igualmente subdividida em grupos, e, assim sucessivamente até chegar-se a um limite de divisão satisfatório. Essa possibilidade de subdivisão indefinida se por um lado constitui a característica e excelência do sistema, por outro, é a sua dificuldade, e merece acurada atenção, porquanto o excesso de divisões dificulta o seu manejo.

“No método decimal, a extrema facilidade para criar subdivisões pode chegar a ser um inconveniente”.

Mas, passemos a dar rápida noção a respeito de cada uma das classes acima.

A classe 0 - Generalidades — será desdobrada nas dez classes de Melvil Dewey, segundo os preceitos estabelecidos pela Secção de Bibliotecas do Instituto Nacional do Livro. A rigor, bastaria o desdobramento dessa classe para nela poderem colocar-se todos os assuntos, pois com ela foi possível classificar todas as obras sob os mais diversos temas de grandes bibliotecas americanas e européas. Mas, para facilitar o serviço, essa classe só será usada para as teses gerais, que não forem do particular interesse da F.P., e que não possam ser colocadas numa das classes seguintes.

A classe 1 - Pessoal — destina-se a todas as questões atinentes a

pessoas: oficiais, praças, funcionários e empregados civis. Aqui serão colocadas as publicações correspondentes a assentamentos, fés de ofício e prontuários, bem como as referentes a vencimentos, disciplina e regalias.

A classe 2 - Material e animais — é destinada a receber todas as instruções relativas a bens móveis e semoventes. O assunto é tomado tanto na parte que se refere aos atos a êles pertinentes, isto é, sob o ponto de vista em que êle for tomado: estudo, produção, aplicação, danos etc., e quanto à qualidade do material, ou seja, à classificação dos artigos segundo sua espécie: material bélico, de engenharia, sanitário, de intendência etc..

Na classe Administração - 3 - serão colocadas todas as matérias de administração e organização da F.P.. Serão incluídas nesta classe, sub-classes para o serviço de correspondência e educação, ensino ministrado na corporação nos seus diversos graus. Aqui serão inseridos também todas as associações e instituições anexas à F.P.: Previdência social (Cx. Beneficente, Mútua etc.); recreativas (Clube Militar e Centro Social dos Sargentos); de assistência médica e hospitalar (Cruz Azul); e de assistência religiosa e moral (Capelania).

Sob o título Fundos e Contabilidade - classe 4 - serão postas todas as matérias financeiras, que digam respeito ao movimento de numerário, desde a proposta orçamentária, aplicação da despesa e arrecadação da receita, escrituração e contabilidade, indo até a prestação de contas dos fundos públicos, em toda a



esfera da administração estadual, especialmente na Fôrça.

A classe 5 - Viação e Transporte - compreende todos os assuntos de locomoção de pessoas e materiais, por terra, ar e água. Tarifas, contabilidade dos transportes e serviços de transportes da F.P..

Sob o assunto Imóveis - rubrica 6 - serão tratadas todas as publicações que se refiram a terrenos e edifícios, quartéis e fortificações.

Classe 7 - Medicina, higiene e Sanidade. Pertence a esta classe tudo o que diga respeito à saúde do pessoal da F.P., inclusive exames médicos, operações, hospitalização, higiene etc.. Trata ainda este capítulo do passadio e higiene dos animais úteis, que nos prestam serviços, bem como do cuidado que se deve ter contra aqueles que nos são nocivos.

A classe 8 é destinada ao Direito, em todos os seus ramos. Colocam-se aqui os textos regulamentares, a doutrina e a jurisprudência, sobre todos os institutos do Direito. Esta classe será desdobrada de acôrdo com a tábua classificadora do dr. Olavo Pontes e destinada a ser aplicada no D.S.P..

A última classe - Outras Matérias - ficará vaga. Sòmente será ocupada em caso de necessidade, quando surgir questão que não possa ser enquadrada em nenhuma das classes de número 1 a 8 e que por sua natureza não convenha ser classificado num dos itens da classe 0 - Generalidades - por tratar-se de assunto próprio à F.P.. Constitui este inciso a válvula dentro do índice classificador para ser aprovei-

tada em casos que possam ter escapado à perspicácia do organizador. Alias, toda a classificação deve possuir as seguintes qualidades fundamentais: "conter em si todos os fatos existentes e estar aberta aos fatos que possam vir a existir.

Em vez de continuarmos em longa explanação a cerca desta atraente, útil e oportuna matéria, preferimos indicar aos que desejarem melhores esclarecimentos as obras mencionadas no final, que no parecem fundamentais, além dos compêndios comuns de biblioteconomia.

### CONCLUSÃO

Desta maneira, está apresentada esta secção de "Militia".

Esta será a parte menos atraente de nossa Revista, mas, em compensação, de grande utilidade.

Talvez algum dos nossos camaradas de maior competência na matéria queira tomar conta dela, para que assim a sua finalidade se cumpra com a eficiência que é de se almejar.

Neste primeiro artigo foi feito um esboço do programa, onde cérebro privilegiado poderia ter dado desenvolvimento bem melhor.

De mais a mais, é preciso que se diga, "Militia" é a revista de Fôrça Pública; ela refletirá, de certa forma, a capacidade dos seus componentes. Por isso, torna-se imprescindível que as habilitações da Fôrça saiam do mutismo em que se enclausuraram, e venham para estas colunas instruir-nos e deliciar-nos com suas fulgurantes centelhas de cultura e espírito.

Façamos de "Militia" a nossa filha adotiva, que mãos bem intenciona-



das não mediram sacrifícios em criar nem temeram em nos confiar.

Esforcemo-nos, camaradas, para dar à "Militia" o futuro risonho e triunfal que lhe compete no mundo literário da nossa grandiosa terra de Piratininga, e que ela se distribua por êste amado Brasil a fora recreando e difundindo alguma coisa útil.

"Alea jacta est" disse o grande Soldado e Imperador Romano às margens do Rubicon.

Cabe-nos agora fazer com que "Militia" diga, daqui a alguns anos, pelos artigos dos futuros colaboradores, aquelas outras três palavras lacônicas e eloquentes que êste mesmo Augusto depois de espectacular vitória enviou da longínqua Ásia ao imponente e grave senado Romano.

**BIBLIOGRAFIA:—**

J. F. Moreno — "Fichário de Documentação Jurídica" — Coleção do Departamento Municipal de Cultura. São Paulo. 1936.

Olavo Pontes — "Repertórios Documentários Jurídicos e sua Organização". Separata da Revista "Administração Pública" ano 2 — n.ºs 3-4; set.—dez — de 1944.

P. Chavigny — "Organização do Trabalho Intelectual" — Tradução do dr. Agostinho Martins de Oliveira Filho. R. de Janeiro, 1933. Esta obra encontra-se também em castelhano; na "Colección Labor".

Instruções para o Serviço de Correspondência do Ministério da Guerra, aprovadas em 21-III-1939.

Sociedade Comercial de Tecidos

**ARGUISO LTDA.**

FORNECEDORES DA FÔRÇA PÚBLICA,  
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 144 — Caixa Postal, 4062  
Fone 6-2397 — End. Teleg. "ARGUISO" — SÃO PAULO



## Saudação aos nossos camaradas do Brasil

No ensejo da publicação do seu primeiro número, esta Revista dirige uma saudação fraternal a todos os componentes das Forças Armadas e Policiais-Militares do País, bem como às numerosas publicações congêneres que ilustram nossa Terra.—

Ninguém, brasileiro, pode negar, nesta hora histórica, a importância da união, da colaboração leal, da compreensão e da conjugação de esforços no sentido dos interesses pátrios. É certo para o Brasil um futuro luminoso desde que os brasileiros se mantenham unidos à sombra de Cristo e do Augusto Pavilhão e se dediquem ao trabalho fecundo que lhes permitirá usufruir a riqueza potencial que possuem, talvez mais bem conhecida e avaliada pelos estrangeiros do que por eles próprios.

Se "Militia" puder concorrer de alguma forma para essa obra de engrandecimento da Pátria, estará então no seu melhor labôr, e esse será o seu título máximo de glória.

Camaradas! esta Revista está à disposição de todos vós, para servir na consecução de tão alevantado ideal. —



# **PROMOÇÃO DE OFICIAIS**

## **FORAM PROMOVIDOS OS SEGUINTEs — OFICIAIS DA FÔRÇA PÚBLICA —**

Em data de 13 do corrente,

ao posto de tenente-coronel, o major:

*Manoel Augusto Balthazar.*

Em data de 15, também do corrente,

ao posto de tenente-coronel, o major:

*João de Quadros;*

ao posto de major, os capitães:

*Naul de Azevedo,*

*Antônio Pereira Lima e*

*José Canavó Filho;*

ao posto de capitão, os primeiros tenentes:

*Rodolfo Assunção,*

*Bento de Barros Ferraz,*

*Hamilton Rangel Gama,*

*Francisco Vieira da Fonseca,*

*Milton Marques de Oliveira,*

*Efraim Bratfisch Lastebasse,*

*Francisco Barreto e*

*Dr. Flávio de Arruda Macedo;*

ao posto de primeiro tenente, os segundos tenentes:

*Paulo Viana,*

*Gentil Campos de Oliveira,*

*Antônio Vieira Filho,*

*Plínio Desbrousses Monteiro,*

*Simpliciano Silveira Machado,*

*Mário Gonçalves Teixeira Filho e*

*José Américo Cavalcante;*

ao posto de segundo tenente, os aspirantes:

*Norberto Nicolaci,*

*Júlio Ferreira Brandão,*

*Manoel de Souza Chagas,*

*Mário Campos,*

*Vicente Agostinho Bezerra,*

*Leônidas Coveli,*

*Hildebrando Chagas da Silva e*

*Fernando Thiele de Figueiredo.*

**Aos promovidos MILITIA apresenta seus cumprimentos.**



# Ciumes...

(Ao illustre amigo, Cel. Euclides M. Machado)

J. SANDOVAL DE FIGUEIREDO

— Quê? Iná, Ênio, vocês por aqui? Que é isso? Que milagre é este? Até parece sonho!

— É verdade, Nilbe. Depois de ausência de 40 anos, aqui estamos de novo em nossa terra querida e jamais esquecida. Viemos matar saudades, tornando a ver os velhos conhecidos ainda existentes e percorrer os lugares onde decorreu nossa meninice e parte da mocidade.

— E como foi que nos conheceu? Não estamos, então, muito mudados?

— Um pouco mais velhos, naturalmente, mas as feições são as mesmas. Você sabe, Iná, que crescemos juntas e só nos separámos com a sua saída daqui. Tenho vivos na memória seus traços fisionômicos. O Ênio está mais alto e diferente, o que também é natural, pois era muito criança quando emigrou para lugar que até hoje constituiu mistério para nós, porquanto jamais mandaram dizer o destino que tomaram.

— Você não ignora, Nilbe — disse Ênio, que tal sigilo era necessário porque envolvia a nossa segurança e tranquilidade.

— Sim, é verdade. Sairam em circunstâncias especiais. Os permenores da fuga eu os ignoro até hoje porque, como deve lembrar-se a Iná, eu estava ausente na ocasião. Tinha ido para a fazenda de meus tios, no Es-

tado de Minas, do lado de lá do rio Carinhanha. Informaram-me do caso por alto, quando regresssei. Espero que me contarão agora essa história com todos os permenores, não é verdade, Iná?

— Pois não, Nilbe, com muito prazer.

— E onde moraram durante todo esse tempo?

— Em S. Paulo, numa estação da estrada de ferro Mogiana, na formosa S. Paulo, a Canaan brasileira, a terra da Promissão. Aquilo é que é terra para a gente viver, instruir-se e ganhar dinheiro, arrematou Iná possuída do mais vibrante e comunicativo entusiasmo pela terra bandeirante. Ali quase todo o Estado é cortado por estradas de ferro e de rodagem, de modo que se pode cultivar toda a terra porque ha escoamento facil e rápido para toda produção, o que torna mais acessivel o padrão de vida. Aqui parece que tudo se fossilizou, deixou de existir pois encontro a vila como a deixei ha quase meio século: sem porto, sem luz, sem grupo escolar, sem uma casa a mais, sem nenhum indício, enfim, revelador de progresso e ainda cheirando a cemitério pelo silêncio tumular que reina em tudo! Que cousa horrivel! Que tristeza! Em S. Paulo tanto progresso, tanta vida, tanta animação em qualquer ponto do Estado aonde



a gente vá, aqui tanto desamparo, tanto desleixo! Mas afinal que destino dão os responsáveis pela administração pública às rendas do município? Não ha renda então? (1)

— Tudo o que você diz, Iná, tem procedência, é verdade pura. Renda deve haver porquanto ninguem pode matar um frango, derrubar uma árvore, fazer, enfim, a cousa mais insignificante sem pagar tributo. Mas a desídia é vergonhosa. Ninguem, da administração, se incomoda com o bem estar geral. Cada prefeito trata de si. É aquela história de Luiz XV: *Après moi le deluge*. Todos os chefes entendem, como aquele dissoluto, inerte e egoista rei francês, que a vida deve ter como norma o conforto pessoal, a riqueza e o prestígio do mando. Depois de mortos o mundo pode desabar. O lugar de desembarque dos viajantes dos vapores — aquela miséria que vocês devem ter notado. A gente precisa fazer uma bruta ginástica de equilíbrio para alcançar o alto. Nem sequer um pequeno abrigo para as mercadorias desembarcadas nos dias de chuva, motivo por que parte das mesmas se perde, dando prejuizo ao comércio, já de si anêmico. Animais perambulam pelas ruas, à vontade, proporcionando aos habitantes, a cada momento, cenas degradantes capazes de ruborizarem até frades de pedra! Causa pavorosa! Estradas de rodagem nenhuma (falar de estrada de ferro é heresia), motivo por que as terras, quase todas férteis não podem ser exploradas e vegetam na mais completa indiferença. Daí resulta coestria dos gêneros, que,

com as maiores dificuldades, chegam do sertão em dorso de animais, tendo estes que executar verdadeiros prodígios de acrobacia para transitarem, guardando o equilíbrio, nos caminhos de cabra, únicas vias de comunicação existentes entre os municípios. Causa simplesmente vergonhosa e que, apesar disso, não chama a atenção de ninguem com responsabilidade no caso. O chefe político e ao mesmo tempo intendente, é homem bronco, sem experiência, sem iniciativa a não ser para mandar eliminar os adversários políticos.

Que bom se as cousas públicas pudessem processar-se de modo que não fosse necessário o concurso desses cangaceiros, desses padres Cíceros, farçantes, parvos, cuja única preocupação é a de se enriquecerem, arrotarem grandezas e desonrarem pobres moças desamparadas, cousa de que até se vangloriam! Sei de um morubixaba, por sinal que burro como um tamanco sem salto, que conta a toda gente, despudoradamente, já haver desonrado nove moças, das quais conseguiu casar sete, caindo as outras na prostituição! Que miséria, minha amiga! Em que país nos achamos! Os que habitam as grandes capitais não concebem, nem por sonho, o que ha de podridão, no campo político, nos sertões do Brasil! . . .

— Pois é, Nilbe — disse Iná. Que é o que se pode esperar de gente sem cultura, de espírito apagado? Nada, ou por outra: brutalidade e desprezo às leis. Que diferença de S. Paulo, Nilbe! Ali, funda-se uma povoação

(1) Na ocasião (1936) era prefeito local um jagunço analfabeto e boçal, filho de português.



hoje e daqui a dez anos está uma verdadeira cidade, florescente, na posse de todas as comodidades modernas e condições de higiene: água encanada, esgoto, luz elétrica, cinemas, grupos escolares, etc., etc. São Paulo é uma nação!

Nilbe com o rosto sombreado de tristeza, exclamou:

— Infelizmente aqui como em todo o interior do norte do Brasil só se trata de política. O povo que se arranje como puder. Ninguém por êle se interessa. É o regime do “venha a nós”; “ao vosso reino”, nada.

Uma das glórias do coronel caudilho é dizer ao govêrno, na ocasião de eleição com sorriso irônico de quem nada teme, pois é mestre na manobra da escopeta: *aqui nós ganhámos*. Como quem diz: Por bem ou por mal a vitória do governo é certa!

— É profundamente triste — disse Ênio, que depois de tantos anos de requintada civilização haja regiões da América cujos costumes marcham paralelamente aos de povos mergulhados na mais crassa ignorância e entregues unicamente aos instintos infrenes da animalidade despuddada!

— O que ha de positivo — disse Iná — é que o homem sem instrução é sempre destituído de iniciativa feliz e construtora. Sua vista, Nilbe, sé alcança a ponta do nariz e este fareja dinheiro e posição de mando. Sua ambição, no interior, é ser “coroné” (e aqui Iná imitou a voz do caboclo “brevetado” na escola do assassínio e da mazorca). Por que não

põe o governo dos Estados à frente de cada município homem de cultura e, entre estes, de preferência, os que tenham viajado muito?

Os governos, por sua vez, sé cogitam de melhoramentos de fachada nas capitais. Pretendem, com isso, atrair a admiração dos visitantes estrangeiros, serem por estes elogiados e considerados pessoas indispensáveis. Sempre o egoísmo como norma de vida. Somos um povo assim: ou rotina ou egoísmo. Rotina por comodidade ou economia de raciocínio; egoísmo por ambição de riqueza ou de exibicionismo.

— Mas deixemos de política e tratemos de nosso caso particular, que é melhor, disse Iná.

— Perfeitamente, respondeu Nilbe.

— Dizem os inimigos do belo sexo, volveu Iná, que a política é mulher, daí vindo a razão por que ela não presta. Protesto solenemente contra esse aleive idiota. Quais são os nossos inimigos? Os homens de mentalidade estreita, ou os egoistas, um Malaquias qualquer (2), e não é essa espécie de eunucos morais e inteléctuais que se acha habilitada para formular conceito a nosso respeito.

— Bravo! Bravo! — exclamou Nilbe exuberante de entusiasmo. Você, Iná, é sempre aquela menina desempenada e espirituosa de outros tempos. Não tem papas na língua e diz as cousas com muito acerto.

— Muito obrigada, Nilbe, você não perde seus hábitos inveterados de extrema amabilidade. A gentileza

(2) Referência a um deputado com êsse nome que, em Pernambuco, se insurgiu contra um projeto de lei apresentado ao Congresso, por Tobias Barreto, sobre o direito de voto ás mulheres.



foi sempre o seu traço dominante e também a bondade obsequiadora.

— Isso também é bondade sua, Iná. Você costuma esprestar aos outros as suas próprias qualidades. Foi assim desde os tempos de criança.

— Estou de inteiro acôrdo com o expendido por Iná, disse Ênio. Sou homem, mas contrariá-la nesse ponto seria querer obscurecer o sol com peneira. A história dos povos nos aponta tantos reis infames, tantos criminosos hediondos, os jornais nos fornecem diariamente notícias de crimes tão bárbaros praticados pelos homens que outras provas não se fazem precisas para robustecer a tese que ela sustenta. Ê capítulo tão escabroso que, silenciá-lo, é obra de benemerência, não acha, Nilbe?

— Perfeitamente, Ênio. As ortigas a superioridade dos homens sobre as mulheres. Isso é doutrina dos tempos ominosos em que as mulheres viviam enclausuradas física e moralmente: eram escravas e não recebiam nenhuma instrução intelectual, motivo por que não podiam evidenciar seu engenho e perícia.

— Bem, voltemos ao nosso caso, que o devaneio já vai longo, disse Iná. Aproveitando a oportunidade, Nilbe, no vapor nos informaram que você ficara viúva e nunca mais cogitara de novas núpcias, é isso verdade?

— Pois é verdade, disse Nilbe. O caráter de meu marido se harmonizava tão pouco com o meu que não me senti com ânimo para reingressar na vida matrimonial. Mas não me arrependo. Vou indo muito bem.

Montei esta pensão e dela vou tirando os meios necessários à subsistência. Sou mais feliz do que quando era casada. O casamento, Iná, é problema muito sério. Necessário, sem dúvida, a todos os homens válidos para evitar o contágio da sífilis no contato com mulheres livres, e às mulheres de temperamento tropical, cujo numero, aliás, é bem reduzido. Mas, por um momento de prazer quantos anos de sofrimento cruel, de martírios inauditos. Mesmo que se admita a hipótese do encontro de homem e mulher com os mesmos sentimentos, com a mesma cultura ou sem cultura nenhuma, mas com os mesmos gostos, com a mesma índole ainda assim a desarmonia é inevitável com o decorrer dos tempos. E ainda fazendo abstração das contrariedades resultantes de complicações de ordem financeira, da prisão ao lar por motivo de moléstias em filhos, etc., etc. Vida atribulada. A felicidade inicial ainda podia prolongar-se por mais algum tempo se não fôra o contato diário dos dois seres. Esse contato — já o disse célebre escritor luso, é o túmulo do amor. Nada resiste a ele. A força do hábito desmórna implacavelmente todos os sonhos de felicidade que formamos na vida. Penso que noventa por cento da humanidade não escapam a essa regra. As cousas ainda se podiam remediar se tivéssemos o divórcio a vínculo. Mas a igreja não o quer e os poderes se submetem a essa vontade despótica... O resultado de tudo isso é o que se vê: vida infernal entre cônjuges, prostituição dos cônjuges, que sei eui... O Gólgota no interior de muitos casais, o hábito da dissimulação que adquirimos pouco a pouco



e a consequente decomposição do caráter. Tudo isso não é fator de progresso para uma nação. Mas chega de divagações. Deixemos de lado estas cousas de ordem pessoal e vamos almoçar, pois acredito que estejam com muita fome. É meio dia. Depois vocês me vão contar os pormenores de sua fuga daqui e de que tanto se falou então pelas circunstâncias especiais de que se revestiu, pondo a vida de vocês dois em sério perigo. Salvaram-se por verdadeiro milagre. Ainda hoje se tecem comentários, entre velhos da época, a respeito da retirada estratégica que operaram, das intenções selvagens de seu antigo marido e da feia ação que então praticou com um pobre diabo que lhe não soube indicar o caminho seguido por vocês. Depois lhes contarei este pequeno incidente, cuja lembrança ainda hoje me faz arrepiar as carnes, dando-me uma espécie de calefrio. Homem malvado, aquele seu marido! Credo!

— Pois é — disse Iná. Mais tarde lhe contarei todas as peripécias desse romance tétrico de minha vida com o Ênio.

—\*—

Iná era uma das moças mais bonitas e mais bem educadas do lugar. Muito elegante, vestia-se com apurado gosto, era viva, desembaraçada sem contudo perder a linha de boa compostura, inteligente e culta, pois lia muito. Adorava os livros. Muito estimada de todos devido ao seu gênio comunicativo, folgazão e humo-

rístico. Uma chusma de namorados a assediavam dia e noite. Ela só gostava de um dedes, mas não desanimava os outros: queria-os para passar o tempo, não por leviandade, pois tinha muito juízo, mas porque adorava as brincadeiras inocentes. Intimamente não se sentia muito inclinada aos laços de himineu. Os exemplos pouco edificantes de casamentos de algumas amiguinhas, o autoritarismo que muitos maridos ignorantes e brutos querem exercer sobre a espôsa, etc. não eram de molde que a encorajassem nessa perigosa aventura, em que muitas naufragam. Receava tomar bonde errado, como hoje se diz.

Não havia ainda fixado sua escolha entre os que giravam em tórno dela como as mariposas à volta de foco de luz. Entre os seus adoradores uma havia que se distinguia dos outros pela afabilidade de tratos e maneiras discretas. Parecia haver afinidade de gostos e de caráter entre ele e Iná. Uma discordância apenas se notava de ordem pigmentária: ele descendia de sírios, era de côr morena bem acentuada; ela descendia de saxônios, era loura, mas um louro já um tanto sacrificado pela canícula inclemente do nordeste brasileiro.

Mas isso não constituia estôrvo a possível enlace porque naquelas paragens (3) não ha preconceito de raça e é comum verem-se casais em que um dos cônjuges é preto e o outro branco. Por este, que chamava Cid, é que nossa heroína se sentia atraída. Com o decorrer do tempo firmou-se entre ambos sólida amizade, que de-

(3) A ação de nossa história se desenvolve no Estado da Baía, em cidade sita à margem do rio São Francisco.



generou, tempos depois, em franco e inquebrantável amor. Quem ousará dizer que um amor incipiente é de consistência frágil? Poucos momentos felizes temos na vida. Um deles é aquele em que, moços, vivendo no reino da utopia, acreditamos cegamente em tudo, tendo fé inabalável na lealdade de todos e na eternidade das afeições que nos tributam!

Os amores, pois, no começo, são sempre inquebrantáveis.

Três anos depois se casaram. Como geralmente acontece, no começo foi o paraíso, foram flores, horisontes róseos, céus órfãos de nuvens. A felicidade em toda a sua plenitude. Mas (em tudo ha sempre um "mas" tão lúgubre como um "não"), infelizmente neste planeta tudo é efêmero e contingente. Nada é definitivo, nem a felicidade nem a desgraça, segundo nosso incomparável estilista Machado de Assis.

Logo Cid começou a ter ciúmes de Iná. E é aqui que começa o drama. Ciúmes absurdos porque nada o justificava. Morbidez atávica. Iná era mulher de juízo e nunca dera causa à explosão desse sentimento durante o ano de casamento já decorrido, nem pretendia jamais dá-lo. Ele, porém, não a deixava tranquila. Vivia a espia-la constantemente, o que bastante a humilhava e envergonhava em sua sensibilidade de mulher ingenuamente honesta e inflexível na observância de seus deveres e compro-

mentos. Não podia Iná falar a homem sem que isso despertasse logo suspeitas no espírito desconfiado do marido, autêntico homem das selvas no caso em tese (3).

Havia no lugar um menino de uns quinze anos de idade, filho de distinta família, de nome Ênio. Era muito vivo, inteligente e de esmerada educação. Não havia ainda a natureza despertado nele as energias concernentes à conservação da espécie e que caracterizam o homem ao entrar na adolescência. A presença de mulheres nenhuma impressão lhe causava, nem lhe aumentava o ritmo normal do coração. Era ainda muito criança. Assim, porém, não o considerou o espírito doentio de Cid, cuja casa era frequentada assiduamente por Ênio. Fôra este sempre amiguinho desinteressado de Iná, que muito o apreciava pela clara inteligência e nobreza de coração, e continuou a procurá-la sem segundas intenções, com o mero objetivo de se entregar ao velho habito de brincadeiras com ela. O mouro, entretanto, deu interpretação diferente ao caso. Não viu com bons olhos aquelas intimidades. Causou esta extemporânea atitude de Cid grande surpresa aos amigos das duas famílias, e maior ainda a Iná, cujo coração primava pela inocência nas questões atinentes a quebras de promessas e a tudo o que cheirasse a deslealdades, já por índole própria, já pela severa educação recebida dos pais, intransigentes

(4) E aqui nos ocorre citar, como prova documental do asserto, os costumes de certas tribus: «Os guatós e os chambioás, sem serem monógamos, são o mais exigente tipo dos direitos do homem sorbe a mulher. Nessas tribus as mulheres não têm licença nem para olhar para um homem extranho» (Ivo d'Evreux, ap. Silvio Romero, «História da Literatura Brasileira», art. A Nação Brasileira.



nesse capítulo, caráter que constitui, aliás, a feição moral do nortista, para os quais a honra da mulher, principalmente, é dogma intangível, sagrado, assim uma espécie de fetiche dos negros ou dos selvagens ou o tabú dos polinésios. No sertão nortista preferem os pais, geralmente, perder uma filha a vê-la desonrada ou a caminho da perdição. O individuo que desonra u'a moça e se recusa a reparar o mal com o casamento pode considerar-se homem morto inapelavelmente. Não o perdoam pai e irmãos. Levam os pais a tal grau de agressividade o princípio de honra que até perdoam os genros que eliminam as filhas prevaricadoras. Como a justiça é precária naqueles desertos, os prejudicados em qualquer coisa zombam dela e a praticam com as próprias mãos. Nenhum juiz se atreve a exercê-la com prejuízo de interessados, pois estes, perdida a causa, o executarão sumariamente em emboscada.

Cid, pois, frequentemente fazia sentir à esposa o inconveniente das aquelas relações com o menino. Iná, na primeira ocasião em que o marido lhe fez observação a respeito, caiu, contra o parecer dos filólogos, das nuvens, o que, na opinião de Machado de Assis, é sempre melhor do que de um terceiro andar. Achou extravagante aquela suspeita. Nunca lhe passara pela imaginação a idéia de conquistar Ênio para fins ilícitos. Envergonhou-se, até, de ser objeto de suspeita tão ignóbil. Ênio era criança e ainda lhe faltava muita evolução física para ser chamado a pagar seu tributo genésico à natureza. Seria o cúmulo que ela, se pretendesse ser infiel ao esposo, fosse escolher, en-

tre tantos rapazes seus admiradores de outros tempos, exatamente um menino ainda imberbe e não iniciado nos segredos de Cupido.

Suportava de mau humor tais impertinências, cuja reiteração sem descontinuidade começava a chocar-lhe vivamente o espírito. Ela que nem de leve cogitara de ser desleal a Cid, passou a meditar seriamente a respeito dessa hipótese com a insistência com que se pensa na infração de todas as cousas proibidas. Reflitia: Meu marido é a imagem viva da estupidez. Por que ter ciúmes de Ênio, uma criança que só pensa em brincar, que não tem nenhuma idéia maliciosa na cabeça, nenhum pensamento reservado? Imaginem se eu havia de me deixar apaixonar por um menino ainda com o cheiro do leite materno! Era o cúmulo! Não faltava mais nada.

Passava o tempo. Sem embargo da atitude enérgica que sempre assumia todas as vezes que o marido lhe tocava no assunto, não cessava este de a importunar com o seu ciúme piegas. Em certa ocasião contou Iná a Ênio o que se passava em casa e pediu-lhe que suprimisse ou reduzisse suas visitas afim de poder gozar um pouco de sossêgo, pois já começava a odiar o marido por causa das impertinências idiotas dele, e a ter, por isso, os nervos bastante abalados. Ênio, por sua vez, ficou sumamente surpreendido e muito impressionado com o caso e o aspecto que ele ia assumindo.

Era a primeira vez que inspirava desconfiança a um marido. Julgou-se, então, homem e ficou até orgulhoso com isso. Passou a meditar no caso,



inédito para ele. Dormia mal. Conclusão, para encurtar a história: convenceu-se de que já não era criança, enscherbeceu-se e passou a desejar Iná com o mesmo ardor com que u'a menina deseja possuir uma boneca.

Certa vez, num encontro fortuíto que teve com Iná, convidou-a para fugirem. Iná ficou assombrada com a ingenuidade da criança.

— Fugirmos para quê e para onde, Ênio?

— Para S. Paulo e para vivermos juntos afim de podermos brincar sem a importunação do casmurro de seu marido.

— Minha pobre criancinha, como você é ingênuo! E como eu o adoro com essa candura angélica! Você é um anjo, meu amorzinho. Então quer fugir comigo, não é assim?

— Quero, sim, articulou Ênio em tom de voz decisivo e enérgico, bastante estranhavel em pessoa de sua idade.

— Mas Cid nos matará, disse Iná gracejando e abraçando ternamente Ênio.

— Uai! Eu tambem posso matá-lo antes que ele nos mate a nós, disse Ênio com firmeza e ênfase.

— Você matá-lo! Você é adoravel, Ênio.

— Então, por que não? Sou criança mas tenho coragem, respondeu Ênio resolutamente.

Estava Iná encantada com a valentia de Ênio e não cessava de rir.

— Pois é, Ênio, vou pensar no caso, ouviu? Depois lhe dou a resposta.

E ria gostosamente.

Disse aquilo por brincadeira, mas Ênio tomou a cousa a sério e persuadiu-se de que ela expressava a verdade. Foi para casa impãndo de orgulho e satisfação.

Dalí em diante Iná, sem o querer, como que impelida por fôrça estranha, passou a meditar maduramente a respeito da proposta de Ênio. Aque-la ingenuidade infantil, aquele desêjo de a possuir para fins exclusivamente de brincadeira, o movimento espontâneo e corajoso de a raptar, de a emancipar de seu Otelo, violentamente, se fosse preciso, tudo isso a comoveu em alto grau. Passou a admirá-lo. Achava-o agora mais encantador do que nunca, sublimado por aquele halo de desprendimento e de heroismo. Sua admiração ia assumindo extensão cada vez maior à proporção que progrediam as impertinências de Cid. Vinham-lhe à idéia as proesas de d'Artagnan nos *Três mosqueteiros*, de Alex. Dumas e o romantismo foi-se-lhe infiltrando na alma, insensível mas invencivelmente, provocado pelos ciumes intempestivos do marido. Este tanto a importunou que ela acabou convencendo-se de que efetivamente amava o seu gentil d'Artagnan.

Daí em diante as cousas precipitaram-se.

Na festa do padroeiro local, por ocasião em que se efetuava o leilão da praxe, em frente à igreja, arrema-



tou Ênio uma prenda e a ofereceu à Iná, ali presente. Desencadeou-se em casa a tempestade quando Iná ali se apresentou com o presente, cuja procedência não ocultou ao marido inquisitorial. Não era mulher para descer à vilania da mentira quaisquer que fossem as circunstâncias em que se encontrasse.

Discutiram calorosamente.

Presa de violenta insânia, chegou Cid à extremidade de esbofetear a esposa. Como já ficou dito em outro lugar Iná era mulher briosa e altiva. Conhecia seus direitos de mulher casada. Arrazada pela surpresa, recebeu a afronta de cabeça erguida em posição de desafio moral. Não se humilhou, chorando ou implorando misericórdia ao carrasco como o faz a maioria das pessoas de seu sexo em tal emergência, e como o esperava, certamente, seu algoz. Foi soberba de altivez e orgulho. Fitou nele os olhos que lacrimejavam e chispavam de ódio, de violento furor. Aparentando serenidade dirigiu-lhe, estas palavras causticantes, candentes como o ferro em brasa: Bate mais, infame, miserável! Satisfaça sua sêde de vingança mesquinha, dê expressão ao seu temperamento de homem vil e covarde! Sim, todo homem covarde tem a mania de injuriar moral e fisicamente as pessoas que não se podem defender. É a sua maneira de vingar-se da humilhação de se sentir incapaz de enfrentar o homem forte ou corajoso. Pois bem, leve a sua covardia até ao ponto de me eliminar. Mate-me, se quiser, dê provas de sua baixezça de sentimentos. Prevaleça-se de sua superioridade física para maltratar uma pobre mu-

lher indefesa, mas esteja certo de que não sou e nunca serêi sua escrava e de que é a última vez que me enxovalha com o contato de suas mãos sórdidas! Vá, ande, continui a bater-me porque será a última vez que o fará, pois não pertenço ao número dessas mulheres podres que só experimentam sensação de prazer quando surradas. E exibiu-lhe o rosto num rasgo de soberano desprezo! Vá, miserável, bata-me!

Vendo que Cid se imobilizara, encarou-o sarcasticamente e retirou-se lançando-lhe um olhar pejado de desprezo e ódio concentrado.

Transposta a porta voltou-se e disse-lhe fremente de indignação:

Odeio-o mortalmente!

Dirigiu-se para a casa dos pais.

Aí deu franca expansão à sua dôr comprimida, abraçada à genitora: chorou.

Seus irmãos, moços temidos na região, quiseram imediatamente vingála do ultrage. Conteve-os o pai, embora também sofresse pela infâmia praticada pelo genro.

Cid recuara e ficara efetivamente medusado diante da atitude enérgica e decidida de Iná. Acovardou-se. Envergonhou-se de si mesmo pelo excesso a que se entregou, porque, afinal, não tinha provas materiais de qualquer leviandade praticada por Iná. Reconheceu que agiu precipitadamente. Acabrunhado, deixou-se cair numa cadeira e, com a cabeça apoiada nas duas mãos, abismou-se em profunda meditação. Banhou-lhe o rosto do copioso pranto.



Quando os nervos se lhe serenaram, levantou-se. Só então lhe ocorreu que Iná o desamparara. Tornou a sentar-se invadido por infinita tristeza.

Recebera o castigo a que fez jús por sua brutalidade inqualificavel.

Nenhuma atenuante podia invocar. Por que não fôra mais cordato, mais razoavel diante das brincadeiras inofensivas de Ênio com sua esposa? Por que a perseguira tão cruelmente com os seus ciúmes intempestivos? Tudo exagerara. Que amor podia inspirar uma criança a u'a mulher casada e que, ainda por cima, estava no período da lua de mel? Fôra desastrado, não ha dúvida. Dera provas de homem insensato que só vê na mulher a escrava que deve submeter-se aos seus caprichos e às suas ordens expeditas em tom imperativo, ou um objeto destinado unicamente à satisfação do desejo animal, sem carinhos, sem prelúdios, sem formalidades, em vez de a encarar como companheira na luta pela vida, como verdadeira amiga com a qual deve mutualizar as dores e as elagrias. Só para os irracionais a vida é pura matéria. Deu a natureza ao homem o raciocínio, a noção de responsabilidade para o distinguir do bruto e proporcionar-lhe ensejo para temperar a vida material com o gôzo supremo das cousas superiores do espírito. Nas classes civilizadas a companheira do homem não se destina apenas à função de órgão colaborador da conservação da espécie. É muito mais do que isso. É uma inspiradora de soluções para os casos graves que frequentemente salteiam o homem, é colaboradora

segura e conselheira sempre ouvida com proveito na cadeia de interesses financeiros em que muitas vezes nos deixamos prender na peleja pelo pão de cada dia. Por isso é que se criou o provérbio que nos aconselha a procurarmos para esposa a mulher que, se fosse homem, escolheríamos para amigo.

Cid fôra castigado dura mas mercedamente. O amor jamais justifica a brutalidade. Ciúme é baixesa de espírito, é abdicação da própria dignidade, é confissão pública de inferioridade. Teve seu império nos tempos do obscurantismo. Hoje, no século das luzes, é anacronismo piegas. Houve infração, por um dos cônjuges, dos deveres de honestidade e de lealdade que se devem mutuamente e constituem a base da sociedade entre ambos? Verificou-se incompatibilidade irreconciliavel de gênio? Estabeleceu-se entre elas a desarmonia? Não é o espancamento recurso a que se deve recorrer, senão apelo à lei, à separação legal. Só ha um crime legal: é o que se pratica em defesa própria.

Mas nossa educação embrionária não nos deixa ver com clareza essas cousas e achamos que todas as divergências, todos os insultos, todos os casos de honra devem resolver-se à bala, à faca, ao espancamento. É a lei do mais forte preconizada por Bismark e adotada como divisa pelos alemães.

A causa geradora de todas essas misérias reside na precariedade da instrução intelectual e moral. O respeito à lei, ao direito, à ordem, à liberdade, base do progresso e da paz,



deriva dessa instrução. Por ela é que ficamos sabendo muita cousa útil à família, à humanidade, ao Estado. Ela nos ensina que devemos considerar inocente uma criatura até o momento em que tenhamos prova de sua culpa. Por consequência é intempestiva toda e qualquer ação promovida contra essa criatura antes da obtenção de provas. Isso é doutrina de claridade meridiana. Mas os retrógrados não a enxergam.

Dessa ignorância deriva a mentalidade dos que entendem que a honra se lava com sangue como se a honra pudesse ser lavada e o sangue fosse substância própria para extrair manchas...

O que ha, positivamente, é isso: desgraçadamente somos autênticos troglodítas na pele de civilizados.

No dia seguinte àquele em que se desenrolaram os acontecimentos atrás narrados dois habitantes faltavam na vila: Ina e Ênio. Haviam fugido durante a noite.

Refugiaram-se em casa de família conhecida, das redondezas, antes de iniciarem a viagem para S. Paulo. Previram perseguições de Cid como corolário da fuga, a qual, efetivamente se verificou. Aguardaram oportunidade.

Durante quinze dias sucessivos Cid e oito homens por êle assalariados, a cavalo, armados de clavinotes, percorreram todas as estradas que dali se irradiavam à procura dos fugitivos. Observem a covardia de Cid: nove pessoas, armadas até os dentes, para darem caça a um menino!

Decorrido aquele tempo, desanimados, encolheram-se, desistindo da

perseguição ao pobre rapaz. Informado da desistência o par de namorados deixou o escondirijo e empreendeu a viagem: êle vestido de mulher e ela de homem. Trocaram a indumentária pois tinham quase o mesmo físico. Assim viajaram até a fronteira próxima, onde desfizeram o disfarce. Daí seguiram para S. Paulo, indo instalar-se numa estação da estrada de ferro Magiano.

Terminada a narração, disse Nilbe:

— Ha nessa história uma ocorrência que vocês parecem ignorar. É o ato cruel de Cid, quando os perseguia, mandando matar, com requinte de sadismo, um pobre homem que encontrou na estrada. Naturalmente não foram informados desse fato quando estavam homisiados em casa da família amiga.

— Não, de fato, disse Iná. Que bruto! E dizer que fui casada com aquele monstro! Como foi isso, Nilbe?

— Foi assim, informou Nilbe: Perguntou Cid ao homem se ele não havia encontrado na estrada um menino em companhia de u'a menina. Obtendo resposta negativa submeteu o infeliz a tormentos para obter a confissão pois se persuadira de que o pobre homem estava mentindo. O desgraçado continuou a negar. Cid, para matar a sede de vingança, que o devorava e para o que, não podendo agarrar vocês, precisava de um bode expiatório qualquer, dementado, ordenou aos janízaros que amarrassem as mãos do homem às costas e o sangrassem lentamente, enfiando, simultaneamente, um facão em cada sangradouro! E os sicários cumpriram a ordem! E Cid assistiu, de braços cru-



zados, impassível, com o rosto iluminado por sorriso sardônico, mefistofélico, ao monstruoso crime!

— Com certeza era isso o que pretendia fazer comigo, o malvado, se me encontrasse, disse Ênio. Mas eu estava disposto a vender cara a vida e ele talvez não refletisse nessa disposição de ânimo na qual deve estar toda a pessoa que, como eu, arrastada pela fatalidade, se entrega à prática de ato condenável pela razão e pela justiça e só justificada pela paixão, que é cega. Culpado como me julgava, contrariamente ao que ocorre em tais circunstâncias, não recuaria diante de nada, não me humilharia, ainda mais tendo Iná a meu

lado. Ele arriscou-se muito apesar de bem protegido pelos capangas e de eu ser ainda muito criança.

Reconheço, hoje, que fui imprudente, mas a mocidade não raciocina, não é verdade, Nilbe?

— É verdade, Ênio. Infelizmente é verdade.

— Agora, Iná, disse Ênio, vamos dar uma volta pela cidade?

— Vamos, sim, respondeu Iná. Vamos ver isso, que apresenta mais o aspecto de cemitério do que de cidade. Desculpe, Nilbe, até já.

— Até já, meus bons amiguinhos. Com passeio.(5)

(5) Este é resumo da história que me contou a dona da pensão em que me hospedei, quando viajei pelo sertão da Baía, em 1936, acrescido de alguma fantasia e de alguns comentários sobre irregularidades na vida social dos lugares que perlustrei.

## **Máquinas de escrever, somar e calcular**

Novas — Remington, Royal, Underwood — Importação direta. Vende-se, Repara-se e Aluga-se. Reconstrução de máquinas com substituição de peças originais.

# Reconstrutora de Máquinas de Escrever

Rua Libero Badaró, 452  
1.º andar — Sala 6

Fone: 2-5212  
SÃO PAULO



## Diretrizes e programa para o exame de admissão ao curso de oficiais da Fôrça Pública

No quartel do Centro de Instrução Militar e na redação desta revista (rua Alfredo Máia, 106-Luz), estão sendo distribuídos prospectos contendo instruções minuciosas sôbre os exames de admissão à Escola de Oficiais da Fôrça Pública, as quais esclarecem as condições a serem preenchidas pelos candidatos, para se habilitarem ao concurso, qual a documentação que devem apresentar, quais as disciplinas que constituem objeto de exame bem como os pontos de cada uma e, finalmente, as normas para realização das provas. São instruções indispensáveis àqueles que pretendam concorrer aos exames em aprêço, distribuídas gratuitamente.—

Os exames de admissão à Escola de Oficiais, realizados anualmente, são sempre bastante concorridos, afluindo a êles numerosos jovens que desejam dedicar-se a esta nobre carreira. Admitido, o candidato passa a integrar a Fôrça Pública, no posto de "aluno oficial", e como tal lhe cabem as seguintes vantagens: alimentação, alojamento e vestuário gratuitos; e mais os seguintes vencimentos, a partir de 1.º de Janeiro de 1948: aluno do 1.º ano, Cr. \$ 800,00; 2.º ano, Cr. \$ 1.000,00; 3.º ano, Cr. \$ 1.200,00. O Quartel do Centro de Instrução Militar, onde funciona a Escola, é moderno e confortável; fica situado no Barro Branco, próximo a Tremembé, nesta Capital, em lugar saudável e pitoresco.—







# ALMEIDA LAND & CIA.

CASA FUNDADA EM 1905

Ferro - Aço - Ferragens - Tintas - Oleos - Vernizes - etc.  
Máquinas Operatrizes - Ferramentas para indústrias e oficinas mecânicas  
Bombas centrifugas e Geradores de eletricidade  
Correias de borracha e de couro  
Mangueiras e tubos de borracha para ar comprimido, agua, vapor, ácidos, etc.  
Lonas e encerados — Material para Estradas de Ferro

Rua Florencio de Abreu, 231 — SÃO PAULO

## SERRALHERIA AMERICA

FABRICA DE PORTAS DE CHAPAS DE AÇO ONDULADAS

Especialidade em trabalhos  
artísticos - Lustres - Grades  
Portões, etc.

Executa-se qualquer trabalho em  
ferro batido - Solda autogênica e  
solda elétrica - Preços módicos

## AURICHI & FACCHINATO

Trabalha-se tanto para a Capital como para o Interior

Rua Javahés, 184 (Fundos) - Tel. 5-4715 - S. PAULO

## Fernando Meyer

FORNECEDOR DE TODAS AS UNIDADES DA FÓRÇA PÚBLICA  
DO ESTADO DE SÃO PAULO

Rua Líbero Badaró n.º 73 — 3.º Andar — Sala 14  
Telefone 3-6421 — São Paulo

### SECÇÃO DE PAPELARIA

Artigos para escritório, livros em branco, impressos em geral,  
encadernação, artigos escolares, etc.

### SECÇÃO DE LIMPEZA E HIGIENE

Vassouras e escovas de pêlo, raiz, e piassava, espanadores, cestos,  
rôdos, palha de aço, cêra, lustról, óleo para máquinas e estopa,  
almofaças para animais, saponáceos, etc.

### SECÇÃO DE FERRAGENS

— Pregos, parafusos, fechaduras e ferragens em geral —



ALMEIDA LIND & CIA

ESTABLISHED 1888

Importadores de artigos de primeira qualidade  
de fabrica estrangeira e nacional  
de todos os generos de tecidos e vestuario  
de moda e de ultima novidade

Endereço: Rua do Ouvidor, 111  
Rio de Janeiro, Brasil

ALMEIDA LIND & CIA

Importadores de artigos de primeira qualidade  
de fabrica estrangeira e nacional  
de todos os generos de tecidos e vestuario  
de moda e de ultima novidade

ALMEIDA LIND & CIA

ALMEIDA LIND & CIA

Fernando Mover

Importador de artigos de primeira qualidade  
de fabrica estrangeira e nacional  
de todos os generos de tecidos e vestuario  
de moda e de ultima novidade

Endereço: Rua do Ouvidor, 111  
Rio de Janeiro, Brasil

Importadores de artigos de primeira qualidade  
de fabrica estrangeira e nacional  
de todos os generos de tecidos e vestuario  
de moda e de ultima novidade

Importadores de artigos de primeira qualidade  
de fabrica estrangeira e nacional  
de todos os generos de tecidos e vestuario  
de moda e de ultima novidade

Importadores de artigos de primeira qualidade  
de fabrica estrangeira e nacional  
de todos os generos de tecidos e vestuario  
de moda e de ultima novidade





*Prezado Camarada*

*Encaminhando-lhe o primeiro número desta revista, aproveitamos o ensejo para apresentar-lhe nossos votos de Feliz Natal e Feliz Ano Novo. —*

*Esperamos que o Camarada dê seu apóio a esta publicação da Fôrça Pública, aceitando sua assinatura para 1948 pela módica quantia de Cr. \$ 25,00. —*

*Todavia, se o Camarada se desinteressar, o que achamos improvável, pedimos a devolução deste exemplar, até o dia 20 de Janeiro p. futuro. —*

*No intuito de facilitar o nosso expediente e evitar trabalho aos dignos Camaradas, consideramos, “data-venia”, como assinantes de MILITIA todos os que não devolvam êste seu primeiro número até aquela data. —*

*O desconto da importância da assinatura será feito nas folhas de vencimentos de Janeiro p. futuro, independente de qualquer providência por parte do nosso Camarada.*

*A DIRETORIA*





Handwritten scribbles and faint markings at the top left of the page.

Faint, illegible text or markings in the upper left quadrant.

Main body of extremely faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.

A single line of faint text located in the lower left area.

A line of faint text at the bottom of the page, likely bleed-through.





Fundada em 3-9-1917 - reorganizada  
em 3-9-1933 - Utilidade Pública  
Lei 521 - 12-1949  
Sede própria Rua Odete Sá Barboza, 133  
Tel. 227-5887 LUZ - SP.





## A SEU IRMÃO

... E, se não tem tempo, dê sua cooperação em espécie ou dinheiro à campanha de alfabetização.